

A dark blue, five-pointed star with a slightly irregular, hand-drawn appearance. The star is centered in the upper half of the page.







PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA POLITÉCNICA E DE ARTES
CURSO DE DESIGN

RODRIGO FIDELES FERNANDES MOHN

CORES QUE FALAM:
O USO DE LIVRO EXPERIMENTAL/OBJETO NO PRO-
CESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Poli-
técnica e de Artes, da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel
em Design.

Orientadora:
Profa. Dra. Ana Paula Neres de Santana Bandeira

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Wagner Bandeira da Silva
Profa. Dra. Genilda da Silva Alexandria Sousa

GOIÂNIA
2024

Dedicamos esse trabalho a todas(os) professo-
ras(es) que alfabetizam as crianças da Educação
Pública mesmo com toda a adversidade.



AGRADECIMENTOS

Aos sujeitos da pesquisa, sem eles nossa pesquisa não seria concluída.

A Escola Municipal de Tempo Integral Presidente Dutra, por ter aberto as portas.

Aos professores, por ter aceitos participar e aos alunos em processo de alfabetização que nos possibilitaram aprender com eles.

A todos(as) os(as) professores(as) que fizeram parte do meu processo de formação no curso de Design da PUC Goiás. Muito obrigado pelas trocas.

Aos amigos que fiz ao longo do curso, em espeial a Eliane Souto e Natália Rocha.

A PUC Goiás por ter me possibilitado receber a bolsa de estudo.

A minha orientadora, Ana Bandeira. Amiga de longa data que a vida levou para longe e depois nos encontramos novamente. Você é uma mestra a ser seguida.

A coordenadora do curso, Genilda Alexandria — Gê, é admirável sua forma de conduzir o curso.

Ao nosso querido Sérgio, o mago da Oficina de Papel.

Aos amigos do NAP e da Escola de Formação de Professores e Humanidades (EFPH).

Ao meu esposo Carlos Rodolfo pelo apoio.

Ao meu sobrinho neto que se tornou tema de muitos dos trabalhos neste curso...

Seu Pativô te ama.

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.

Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.

Eles não têm pouso
nem porto;

alimentam-se um instante em cada
par de mãos e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

- Mario Quintana -



RESUMO

Esta pesquisa, parte de um trabalho de conclusão de curso em Design, investiga como o uso de livros experimentais/objetos pode contribuir no processo de alfabetização e cuidado das emoções de crianças em idade escolar, além de avaliar o impacto dessa abordagem na formação dos professores. A pesquisa é realizada na Escola Municipal de Tempo Integral Presidente Dutra, em Goiânia, envolvendo duas gestoras, dois professores alfabetizadores e seis crianças de seis anos do primeiro ano do ensino fundamental. O estudo tem como objetivo compreender a relação das crianças com os materiais didáticos, destacando o livro didático como um artefato essencial. Os resultados esperados incluem a demonstração de que livros com formatos variados aumentam o envolvimento no aprendizado das crianças. Livros que abordam o tema das emoções podem contribuir com as crianças a reconhecerem e expressarem suas emoções, promovendo empatia e a comunicação não violenta. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da PUC Goiás e emprega metodologias qualitativas, como pesquisa bibliográfica, entrevistas, observação e diário de campo. Recomenda-se a inclusão formal de livros experimentais/objetos no currículo da educação básica e a implementação de programas de formação para professores. Em conclusão, a pesquisa ressalta a importância de abordagens integradas e inovadoras na educação, visando a transformação do processo de alfabetização e o desenvolvimento emocional das crianças.

Palavras Chave: Design e Educação. Livro Experimental/Objeto. Processo de Alfabetização. Emoções e Cores.

SUMÁRIO

Introdução-----9

Fundamentação Teórica-----37

Desenvolvimento do Projeto-----97

Produto-----167

Considerações Finais-----191

Referências-----195



INTRODUÇÃO





A motivação de realizar esta pesquisa se dá por vários motivos, trataremos dos mais relevantes para a compreensão do todo. No segundo semestre do ano de 2020 teve início minha jornada no curso de Design na PUC Goiás, uma jornada de muitos desafios e descobertas. Um professor universitário com 20 anos de profissão voltar ao banco da graduação, ufa... não foi fácil.

Mas algo que sempre me chamou a atenção foi a “falta” do estudo teórico. Digo falta, entre aspas, para justificar que na realidade existe o estudo sim, mas penso que ele precisa ser realçado. Nós os acadêmicos precisamos perceber com clareza a teoria do Design e suas metodologias. Em nossas aulas sempre somos colocados na postura de solucionar problemas cotidianos para construirmos saídas possíveis, ou seja, projetar!

O que faz pensar em Dewey (1979), quando afirma que a reflexão consiste na capacidade de distinguir:

[...] ENTRE AQUILO QUE TENTAMOS FAZER E O QUE SUCEDE COMO CONSEQUÊNCIA. [...] NA DESCOBERTA MINUCIOSA DAS RELAÇÕES ENTRE OS NOSSOS ATOS E O QUE ACONTECE EM CONSEQUÊNCIA DELAS, SURGE O ELEMENTO INTELECTUAL QUE NÃO SE MANIFESTA NAS EXPERIÊNCIAS DE TENTATIVA E ERRO. À MEDIDA QUE SE MANIFESTA ESSE ELEMENTO AUMENTA PROPORCIONALMENTE O VALOR DA EXPERIÊNCIA. COM ISTO, MUDA-SE A QUALIDADE DESTA, E A MUDANÇA É TÃO SIGNIFICATIVA QUE PODEREMOS CHAMAR REFLEXIVA ESTA ESPÉCIE DE EXPERIÊNCIA, ISTO É, REFLEXIVA POR EXCELÊNCIA. [...] PENSAR É O ESFORÇO INTENCIONAL PARA DESCOBRIR AS RELAÇÕES ESPECÍFICAS ENTRE UMA COISA QUE FAZEMOS E A CONSEQUÊNCIA QUE RESULTA, DE MODO A HAVER CONTINUIDADE ENTRE AMBAS (P. 158).

Mas, para que consigamos propor algo novo, a partir de um problema, precisamos de embasamento, para que não fiquemos apenas na tentativa e erro como afirma Dewey. Por isso que essa pesquisa tem como objeto, o design editorial, no qual tive maior estudo teórico e por isso me sinto mais confortável em trilhar os caminhos deixados por outros. Pois como afirma Freire (2017, p. 24) “a reflexão crítica sobre a prática se torna exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo”.

Delimitação do Tema

Esta pesquisa visa investigar o uso de livros experimentais/objetos como uma abordagem inovadora no processo de alfabetização de crianças de seis de idade que estudam na Escola Municipal de Tempo Integral Presidente Dutra. Nosso estudo tem como temática “Cores que falam: o uso de livro experimental/objeto no processo de ensino-aprendizagem de crianças.”





Esta pesquisa busca contribuir para apontar novas possibilidades de ensino da alfabetização, destacando o papel dos livros experimentais na promoção de diálogos sobre as emoções e para uma comunicação não violenta. Os resultados podem ampliar as práticas pedagógicas e promover o uso criativo de materiais didáticos no processo de alfabetização. Outra contribuição do projeto é com a parte editorial da construção do livro experimental pensando no fazer e na formação do designer.

Pois, entendemos que o trabalho do designer editorial é o de criar o layout e a aparência visual de publicações impressas e digitais, como revistas, jornais, livros, catálogos e documentos. E ainda, no design de páginas, a escolha de tipografia, a seleção e tratamento de imagens, a organização da hierarquia de informações e garantir que o conteúdo seja apresentado de forma atraente e legível. Precisa considerar a consistência visual, a estética e a usabilidade ao criar materiais de leitura. Além disso, colabora frequentemente com escritores, editores e outros profissionais para garantir que o design esteja alinhado com o conteúdo e os objetivos da publicação.

Em um texto, denominado “Apontamentos para Reflexão sobre o Conceito de Problema e sua Aplicação em Trabalhos Acadêmicos”, elaborado pelo professor de Filosofia Política e de Filosofia do Direito da Universidade federal de Goiás, Joel Pimentel de Ulhôa, verifica-se que o autor, ao procurar aproximar-se da significação de problema, caracteriza esse termo como um inacabamento, no que se refere à apreensão da realidade ou,

por outra, um turvamento frente ao real, em face desses desconhecer tal realidade, e, de forma simultânea, a emergência de uma necessidade imperiosa de ter de desvendá-la (pelo caminho teórico) para, assim, tornar clara essa percepção turva que se tem da realidade.

Nesse sentido, o autor expõe a seguinte ideia:

[...] O PROBLEMA, PERCEBE-SE [...] É SEMPRE UMA INCOMPLETUDE DE VISÃO, UMA CARÊNCIA DO VER, UMA DIFICULDADE TEÓRICA: O PROBLEMA NÃO ESTÁ NO REAL, MAS NA VISÃO QUE TENHO DO REAL QUE DE REPENTE SE DÁ CONTA DE QUE NÃO CONSEGUE ENXERGAR TUDO O QUE A REALIDADE ME MANIFESTA (ULHÔA, 1998, P.8).

Além dessa conceituação, infere-se que se faz necessário ainda esclarecer que o problema precisa configurar-se “[...] em um enunciado explicitado de forma clara, compreensível e operacional cujo melhor modo de solução ou é uma pesquisa ou pode ser resolvido por meio de processos científicos” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 127).

Como problema de pesquisa, havíamos questionado **“Qual é o impacto do uso de livro experimental no processo de alfabetização de crianças em idade escolar e como essa abordagem pode influenciar a formação de professores que a implementam?”**

Porém após nossa pesquisa de campo no processo de observação, o problema foi modificado, e passamos a pesquisar **“Como o uso de livro experimental/objeto pode contribuir no processo de ensino-prendizagem**



com o cuidado das emoções de crianças em idade escolar e como essa abordagem pode influenciar a formação de professores que a implementam?”

Este problema de pesquisa aborda diretamente a questão de como os livros experimentais afetam tanto as crianças em seu processo de aprendizado quanto os professores envolvidos nessa prática educacional. Ele fornece uma direção clara para a pesquisa e sugere a necessidade de acompanhar a eficácia dessa abordagem inovadora na educação básica, principalmente no primeiro ano do ensino fundamental, e seu impacto na formação docente, principalmente no que tange o entendimento das emoções no ambiente escolar.

Além da questão educacional que o problema aborda, podemos destacar os elementos relacionados ao design editorial. O estudo do layout e da visualidade das publicações impressas no livro experimental. Destacamos ainda, o estudo da diagramação das páginas, da tipografia, da seleção e tratamento de imagens, da criação de hierarquia de informações, buscando garantir que o conteúdo criado seja apresentado de forma atraente e legível levando em consideração a consistência visual, a estética e a usabilidade, garantindo que o design esteja alinhado com o conteúdo e os objetivos da publicação.

Justificativa

Este projeto de pesquisa, de trabalho de conclusão de curso, em design, busca aprofundar a investigação acerca da relação intrínseca entre

o conhecimento - mundo letrado - e o suporte - livro - por ele utilizado. Nesse contexto, pretende-se realizar uma análise do livro — experimental/objeto, didático, infantil —, considerado como um meio de disseminação do conhecimento historicamente construído pela humanidade destinado aos alunos da educação básica da rede pública municipal de ensino. É relevante ressaltar que o foco desta pesquisa está direcionado ao estudo do código enquanto um artefato elaborado com a finalidade primordial de disseminar conhecimento.

Antes de explorarmos o tópico em questão, é fundamental elucidar as razões que conduziram à realização deste estudo. O pesquisador responsável pela investigação possui uma trajetória na área da educação, com mais de duas décadas de experiência como pedagogo. Durante esse período, seu trabalho se concentrou principalmente na orientação da disciplina de estágio na educação básica, e ele nutre uma profunda apreciação pelo livro enquanto artefato educacional.

Quanto a formação do pesquisador em design, destaco seu contato com os elementos editoriais, tais como: tipografia, layout, grids, cores, imagens e ilustrações, hierarquia visual, elementos gráficos, margens e espaçamentos, estilos de parágrafos, numeração e paginação, elementos de marcação, estilos de textos, entre outros. No encontro com esses elementos percebi uma forma de aliar esse novo mundo ao mundo antigo e conhecido, o LIVRO, não apenas como alguém que o usa como uma ferramenta de e para o ensino, mas agora, conhecendo-o em todos os seus elementos de produção.



Nossa pesquisa terá como lócus a Escola Municipal de Tempo Integral Presidente Dutra, a escola está localizada no município de Goiânia, no setor leste Universitário. Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola:

A escola atende “[...] crianças referentes às idades de 6 a 11 anos, em Tempo Integral, matriculadas nas

A ESCOLA MUNICIPAL EM TEMPO INTEGRAL PRESIDENTE DUTRA, SITUADA NA 11ª AVENIDA ESQUINA COM RUA 233, QUADRA A, LOTE 15, Nº 76, NO SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, CEP.: 74.605-060, NESTA CIDADE DE GOIÂNIA DESTE ESTADO, FOI FUNDADA NO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 1949, INICIALMENTE FOI CRIADO COM O NOME DE GRUPO ESCOLAR DO BAIRRO BOTAFOGO, AUTORIZADO PELO ARTIGO 1º DA LEI Nº 442, PUBLICADO EM 08 DE DEZEMBRO DESSE MESMO ANO, ATUALMENTE O BAIRRO TEM O NOME DE SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO. EM 31 DE MAIO DE 1950, ATRAVÉS DO DECRETO 1268 PASSOU A SER INTITULADA COMO ESCOLA ESTADUAL “PRESIDENTE DUTRA”, COM AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DO ENSINO PRIMÁRIO PELA RESOLUÇÃO CEE Nº 909, DE 19 DE JANEIRO DE 1973 E RECONHECIDA PELA PORTARIA DA SEE Nº 5753 DE 21 DE SETEMBRO DE 1993 E PELA RESOLUÇÃO CEE Nº 466 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2004, QUE VALIDA OS AÇOS PEDAGÓGICOS REGULARES PRATICADOS REFERENTES AO ENSINO FUNDAMENTAL DE 1ª A 4ª SÉRIES ATÉ 31/12/2003. COM A LEI Nº 19.687, PUBLICADA EM 22 DE JUNHO DE 2017, PASSOU A SER DENOMINADO DE CENTRO DE ENSINO EM PERÍODO INTEGRAL PRESIDENTE DUTRA. EM 2019, A ESCOLA PASSOU POR UM PROCESSO DE MUNICIPALIZAÇÃO PELO TERMO DE CONVÊNIO Nº 014/2019, NA DATA DE 31 DE JULHO DE 2019, PUBLICADA NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE GOIÁS E SE TORNOU ESCOLA MUNICIPAL DE TEMPO INTEGRAL PRESIDENTE DUTRA. A ÁREA TOTAL DA ESCOLA É DE 1529,90 M2 SENDO 1.085,90 M2, DE ÁREA CONSTRUÍDA E 444 M2 DE ÁREA NÃO CONSTRUÍDA. PELA LEI Nº 10.466, DE 21 DE FEVEREIRO DE 2020, CRIA E DENOMINA AS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TEMPO INTEGRAL (GOIÂNIA, 2023, P.4).



turmas 1º, 2º, 3º, 4º e 5º [...]” (GOIÂNIA, 2023, p.7), algo que nos chama atenção no trabalho pedagógico da escola em questão, e que são na Plataforma Brasil, por se tratar de uma pesquisa com humanos. Aplicamos Termo de Consentimento Livre

ALÉM DOS CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS PRESENTES NO CURRÍCULO, TAMBÉM SE TEM COMO OBJETIVO QUE NOSSOS EDUCANDOS DESENVOLVAM HABILIDADES E COMPETÊNCIAS ACERCA DOS CONHECIMENTOS ESSENCIAIS PRODUZIDOS PELA HUMANIDADE NO DECORRER DA HISTÓRIA, COM VISTAS A UMA FORMAÇÃO QUE PROMOVA A APROPRIAÇÃO DESTES COMO INSTRUMENTOS CULTURAIS, VIABILIZANDO TAMBÉM O DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES PAUTADO PELA EDUCAÇÃO INTEGRAL (GOIÂNIA, 2023, P.7).

Em nosso estudo, trabalhamos com dez (10) sujeitos, sendo eles: (2) duas gestoras da escola, (2) dois professores alfabetizadores e (6) seis crianças da turma de primeiro ano do ensino fundamental, com o objetivo de compreender a relação dessas crianças durante o primeiro ano de seu processo de alfabetização. Nossa intenção é investigar como a criança se relaciona com os materiais didáticos escolares, sendo eles um destaque ao livro didático como artefato.

A sala do primeiro ano da EMTI Presidente Dutra, é composta por 30 crianças matriculadas destas 28 frequentes que pertencem à classe média e baixa, tendo assim um nível socioeconômico e cultural que oferece condições para uma boa parceria entre escola e famílias. Sendo que são (17) dezessete meninas e (13) treze meninos

Salientamos que esta pesquisa passou por aprovação do Comitê de Ética para isso fizemos a submis



e Esclarecido para os pais das crianças participantes da pesquisa, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para as crianças enviadas e ainda solicitaremos a Declaração de Instituição Coparticipante para a escola em questão. Obtivemos a aprovação no dia 09 de dezembro de 2023 com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética de número 75265323.1.0000.0037 e parecer de número 6.566.623.

Objetivos

Objetivo Geral

nvestigar como o uso de livros experimentais/objetos como abordagem metodológica de design (elaboração - criação - utilização) pode contribuir para o processo de alfabetização, com foco no cuidado das emoções das crianças na idade escolar, e avaliar como essa abordagem influencia a formação de professores que a implementam.

Objetivos Específicos

- ⌘ Avaliar como diferentes formatos e elementos de livros — didáticos, literários e experimentais/objetos - facilitam o processo de alfabetização das crianças de seis anos;
- ⌘ Investigar de que maneira os livros que abordam emoções e utilizam núcleos associados a essas emoções ajudam as crianças a compreenderem e expressar suas emoções;
- ⌘ Coletar dados por meio de observação e entrevistas com professores para entender suas percepções sobre a utilidade e impacto dos

livros experimentais/objetos no processo de alfabetização e na compreensão das emoções.

Procedimentos Metodológicos

O método de pesquisa encontra-se organicamente vinculado a uma concepção de realidade, de mundo, de vida, de homem e de sociedade (BARBOSA, 2006). Assumindo tal perspectiva na pesquisa, consideramos fundamental relacionar o plano da realidade, o plano histórico, ambos comprometidos com uma teia de relações contraditórias, por conflitos, envolvendo a construção, a negação e a transformação dos fatos, simultaneamente. Como mostra Frigotto (1989), torna-se necessário ir para além da aparência dos fenômenos, do movimento visível, da representação como fenômeno meramente subjetivo.

Com base nesses pressupostos, a pesquisa aqui anunciada e discutida terá etapas inter-relacionadas, entendendo-se, conforme aponta Barbosa (2006), que o objeto da pesquisa é algo vivo, sendo necessário o uso de diferentes estratégias e técnicas para a sua apreensão.

Considerando a dialética como base, apontamos para a perspectiva de contribuir com a pesquisa para a ruptura de certas “práticas”, porém, certamente, não defendemos a posição ingênua de que a pesquisa seja autossuficiente como fator de mudança da realidade (BARBOSA, 2006). Entende-se que seus resultados podem servir para constituição de futuros projetos de transformação, na medida em que vários procedimentos e dados



da pesquisa podem servir para a compreensão e análise do movimento do real para além daquilo que ele aparenta. Nesse sentido, ao longo do processo de investigação, acredita-se que algumas escolhas, podem ser melhor conhecidas e reestruturadas, o que demonstra a importância de constituirmos uma releitura sobre a neutralidade científica (BARBOSA, 2003).

Nossa pesquisa será desenvolvida buscando a articulação de metodologias qualitativas, cruzando diferentes instrumentos e etapas, as quais podem se dividir em cinco, sendo elas: 1) Pesquisa Bibliográfica; 2) Entrevistas; 3) Observação; e 4) Diário de campo.

Pesquisa Bibliográfica

Em termos gerais, a pesquisa bibliográfica representa uma compilação dos principais trabalhos científicos previamente realizados sobre o tópico selecionado, destacando-se por sua capacidade de oferecer informações atuais e relevantes. Esse levantamento desempenha um papel fundamental tanto em estudos que se baseiam em dados originais coletados por meio de pesquisa de campo quanto naqueles que dependem inteiramente de fontes documentais, segundo Luna (1999).

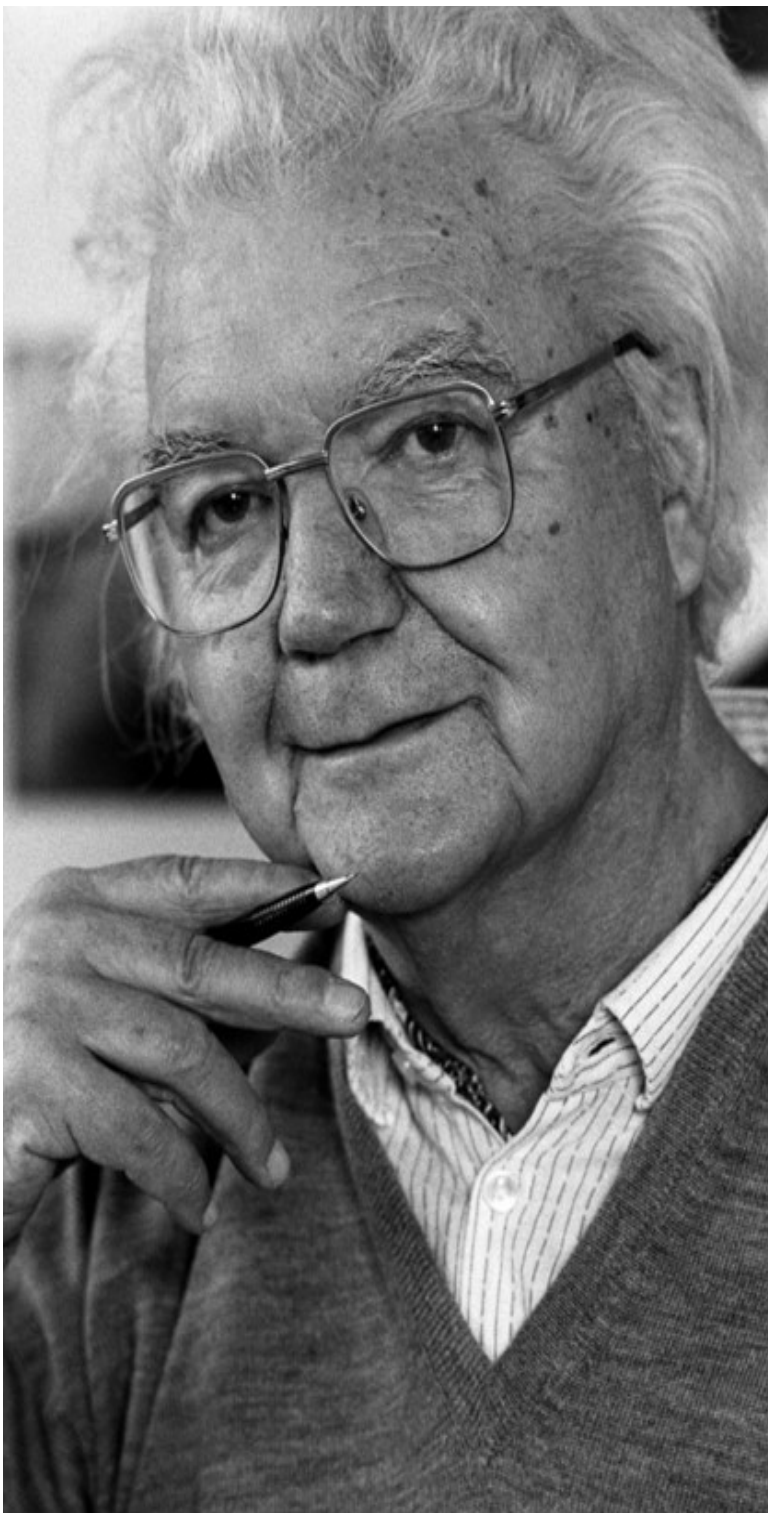
Observar a relevância do material consultado, a adequação dos autores em relação ao conhecimento divulgado, sua atualização e outros critérios podem ser identificados como um procedimento científico. Esse método abrange uma variedade de fontes, como livros, artigos, relatórios de pesquisa não publicados, teses, enciclopédias, dicionários especializados, resenhas de obras e inventários de diversas naturezas, con-

forme Laville e Dionne (1999).

Para Andrade (2010):

A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA É HABILIDADE FUNDAMENTAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO, UMA VEZ QUE CONSTITUI O PRIMEIRO PASSO PARA TODAS ÀS ATIVIDADES ACADÊMICAS. UMA PESQUISA DE LABORATÓRIO OU DE CAMPO IMPLICA, NECESSARIAMENTE, A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA PRELIMINAR. SEMINÁRIOS, PAINÉIS, DEBATES, RESUMOS CRÍTICOS, MONOGRÁFICAS NÃO DISPENSAM A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA. ELA É OBRIGATÓRIA NAS PESQUISAS EXPLORATÓRIAS, NA DELIMITAÇÃO DO TEMA DE UM TRABALHO OU PESQUISA, NO DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO, NAS CITAÇÕES, NA APRESENTAÇÃO DAS CONCLUSÕES. PORTANTO, SE É VERDADE QUE NEM TODOS OS ALUNOS REALIZARÃO PESQUISAS DE LABORATÓRIO OU DE CAMPO, NÃO É MENOS VERDADEIRO QUE TODOS, SEM EXCEÇÃO, PARA ELABORAR OS DIVERSOS TRABALHOS SOLICITADOS, DEVERÃO EMPREENDER PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS (ANDRADE, 2010, P. 25).

Apresentaremos agora, um pouco do referencial bibliográfico que iremos estudar ao longo de nosso trabalho:



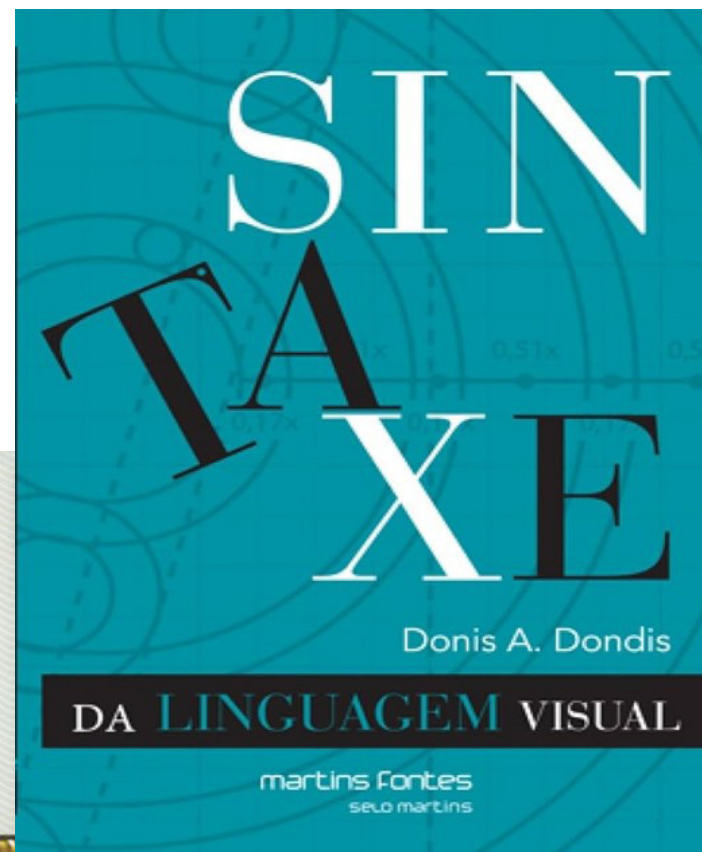
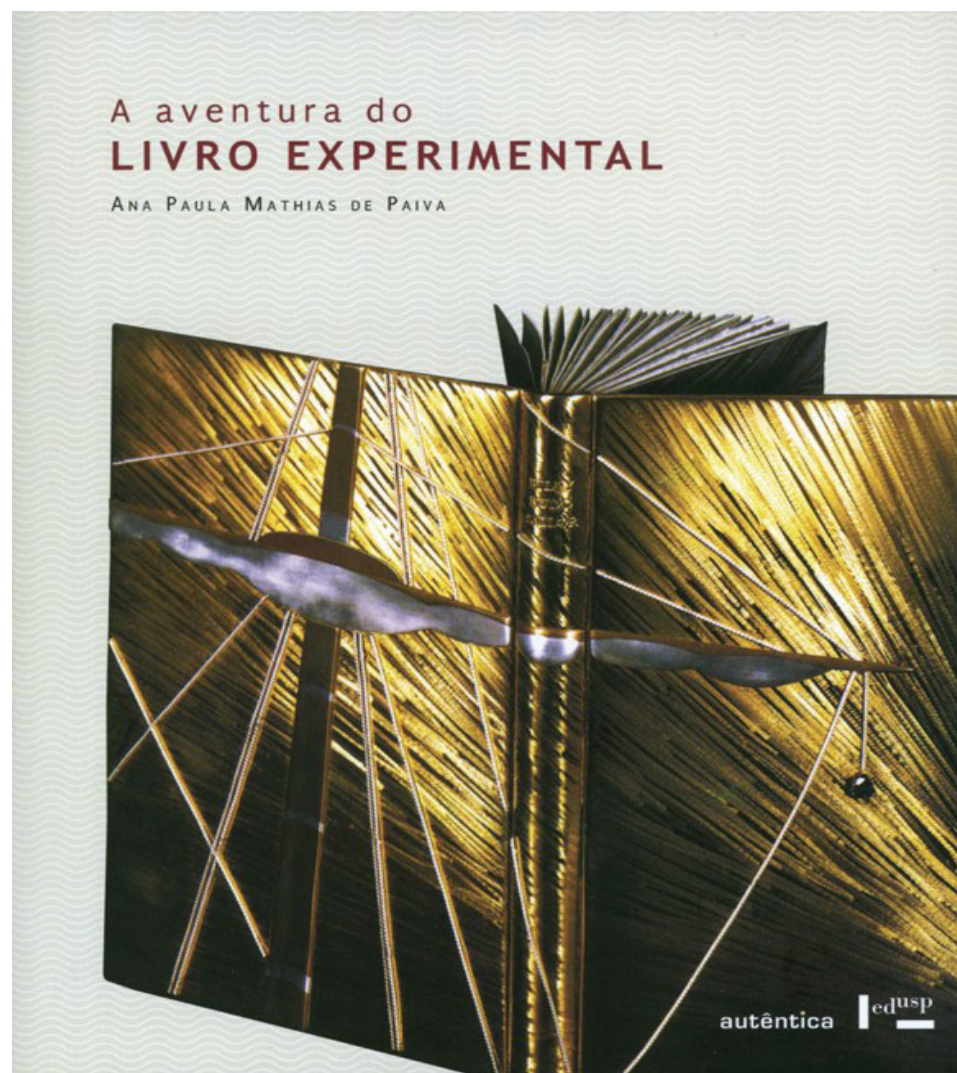
Adrian Frutiger - (1928 - 2015) suíço, mesmo trabalhando com impressão, Frutiger mantinha seu amor à escultura, o que influenciava as formas dos seus tipos. De qualquer forma, a escultura foi importante para o seu trabalho. Mais tarde, ele foi morar em Zurique para estudar na Escola de Zurique de Artes e Ofícios, orientado pelo professor Walter Kach. Depois foi morar em Paris, onde trabalhou no Deberny & Peignot typefoundry, ajudando o movimento de fundição de caracteres usados com os métodos tradicionais de impressão para novas tecnologias de fotocomposição. Com o passar do tempo Frutiger desenvolveu suas próprias fontes tipográficas, e algumas delas se destacavam, estabelecendo sua confiança internacional como um designer de tipos renomado. Concentraremos nossa análise principalmente na obra “Sinais e Símbolos: Desenho, Projeto e Significado”, a fim de utilizar as reflexões sobre os símbolos gráficos e sua manifestação visual como alicerces para as discussões sobre as propostas sobre os elementos gráficos trabalhados como ferramentas na criação de livros experimentais.



Allen Hulburt - (1910 - 1983) na década do pós-guerra, foi diretor de arte da National Broadcasting Company e, de 1952 a 1968, foi diretor de arte da revista Look. Nesse período, por seus designs de páginas, obteve doze medalhas de ouro nas Exposições Anuais de Publicidade e Arte Editorial. Em 1965 recebeu o título de Diretor de Arte do Ano e foi promovido, em 1973, com a medalha de ouro do Instituto Americano de Artes Gráficas. Foi um dos dirigentes da Aspen International Design Conference em 1966. Foi presidente do Instituto Americano de Artes Gráficas, de 1968 a 1970, Autor de Publication Design e designer do livro Marilyn, de Norman Mailer, é membro da Royal Society of Arts e da Alliance Graphique Internationale. Foi coordenador dos cursos da Parson's School of Design. Como foco de estudo está “Layout: o design da página impressa”. Onde o autor discute sobre a diagramação de páginas e sua composição visual, essa discussão tem um vínculo profundo com o tema da pesquisa, pois em um livro experimental a organização da mancha gráfica por meio de sua composição formal é também um elemento condutor de visualidades.



Ana Paula Mathias de Paiva - doutora em Educação pela UFMG (FAE, 2013), no curso Educação e Inclusão Social, na linha de pesquisa Educação e Linguagem. Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ECO - 1998) e Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-FAFICH - 2002). Atuação principal na linha de pesquisa Comunicação e Linguagem, com livros literários. Principal obra estudada "A aventura do Livro Experimental" (figura 4), na qual a autora nos possibilita compreender a gênese do livro e suas potencialidades como linguagem. Sendo assim, se torna uma base muito importante na construção de nossa pesquisa.



Donis A. Dondis - (1924 - 1984), foi uma desenhista com formação na tradicional Faculdade de Artes de Massachussets. Foi professora da Escola de Comunicação Pública da Universidade de Boston. O livro Sintaxe da Linguagem Visual foi publicado em 1973 sob o título em inglês "A Primer of Visual Literacy". A palavra literacy é usada originalmente para se referir aos processos de alfabetização e considera-se que o livro de Dondis é a primeira referência para "aqueles que não querem se tornar artistas ou designers, mas que precisam adquirir as habilidades necessárias para entender a comunicação visual numa era em que muita informação é estudada e transmitida de formas não-verbais, especialmente através da fotografia e do cinema". Obra estudada "Sintaxe: da linguagem visual" (figura 5). Nesta obra a discussão quanto às técnicas visuais será o ponto de destaque. A autora apresenta uma dicotomia das técnicas entre harmonia e contraste e de maneira didática apresenta exemplos de diagramação de páginas e de como esses elementos podem conduzir o olhar do usuário. Sendo assim de bastante relevância na discussão para o projeto em questão.



Ellen Lupton - nascida em 1963 na Filadélfia (Pensilvânia) e formada em belas artes pelo Cooper Union College (1981), Ellen Lupton atua como designer gráfica, escritora, editora e curadora sênior do Cooper Hewitt Museum e Smithsonian Design Museum em Nova York. Ellen também é fundadora e diretora do Programa de Mestrado em design gráfico no MICA (Maryland Institute College of Art) em Baltimore e medalhista de ouro na AIGA em 2007. Obra estudada “Pensar com tipos: guia para designer, escritores, editores e estudantes”. Neste livro, as considerações sobre tipografia, abrangendo aspectos de morfologia, anatomia e tipometria das fontes, terão um papel fundamental na formulação do embasamento teórico que orientará a seleção das famílias tipográficas a serem incorporadas na criação do design do livro experimental.

Lorenzo Baer - nascido em 1943 na Florença, Itália, o professor formou-se no curso superior de Graphic Design, na Academia de Artes e Design “Bezalel” de Jerusalém, Israel, e no curso superior de Ciências e Artes Gráficas da Faculdade de Arquitetura da Universidade Politécnica de Turim, também na Itália. Em 1974, foi comissionado professor de História da Arte no mesmo estabelecimento. De 1990 até 1992, foi professor do curso de graduação de Produção Gráfica na ESPM — Escola Superior de Propaganda e Marketing, em São Paulo. Como diretor de Arte e Criação, trabalhou em Israel, Itália e no Brasil, em mais de dez agências de propaganda e promoções. Desde 1989 até meados de 2016, lecionou em cursos de Criação e Produção Gráfica no Centro de Comunicação e Artes do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), em São Paulo. Obra a ser estudada “Produção Gráfica”. Esta publicação será a base teórica para as discussões a respeito da produção Gráfica do livro, o uso de técnicas específicas, tipos de impressão, formatos, papéis, tintas e processos de acabamentos nos auxiliará nas escolhas projetuais do livro experimental.





Rodolfo Fuentes - nasceu em Santa Lúcia (Uruguai). Designer gráfico, fotógrafo, editor, professor. Foi professor no Centro de Desenho Industrial, na Universidade ORT e em cursos de extensão do Ministério da Educação e Cultura e do Instituto Escola Nacional de Belas Artes. Também ministrou conferências, workshops e seminários em universidades do Uruguai, Brasil e México. Entre outras publicações, é autor de “Prática de Design Gráfico, uma Metodologia Criativa”, editado por Paidós na Espanha e por Rosari no Brasil, texto utilizado em diversas universidades da América Latina e Europa. Sua obra foi publicada em importantes livros e periódicos e faz parte de diversas coleções: Museu da Publicidade (Louvre, Paris, França) e Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, entre outras. “Prática de Design Gráfico, uma Metodologia Criativa”, será a obra estudada. Mais precisamente, Fuentes introduz uma metodologia de projeto específica para o design gráfico. A sequência de etapas desse método é adaptada para o domínio gráfico, proporcionando, desse modo, uma metodologia mais eficaz para o aprimoramento na criação de livros.



Roger Chartier (figura 9) - nascido em 1945 é um dos mais reconhecidos historiadores da atualidade. Formado pela École Normale Supérieure de Saint Cloud e pela Université Paris-Sorbonne, é Doutor Honoris Causa da Universidade Carlos III de Madrid, pesquisador correspondente da British Academy, professor e pesquisador da École des hautes études en sciences sociales e professor do Collège de France, ambos em Paris. É membro do Centro de Estudos Europeus da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e recebeu o título de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras do governo francês. Também leciona na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, e viaja pelo mundo proferindo palestras. Sua especialidade é a história da cultura, do livro e da leitura na Europa, com ênfase nas práticas culturais da humanidade, interessando-se também pelos efeitos da revolução digital. Estudaremos “A aventura do livro: do leitor ao navegador”, na busca de compreender de que forma as revoluções ao longo da história influenciaram o artefato “livro”. Essas revoluções vividas como ameaças, criaram, pelo contrário, oportunidades e esperanças.



Entrevista

Entre os modelos de entrevista, optamos pela entrevista semiestruturada, que de acordo com Manzini (2004, p. 21):

[...] POSSUI UM ROTEIRO DE PERGUNTAS BÁSICAS PREVIAMENTE ESTABELECIDAS E QUE FARIAM REFERÊNCIA AOS INTERESSES DA PESQUISA. ELA DIFERE DA ESTRUTURADA PELA SUA FLEXIBILIDADE QUANTO ÀS ATITUDES E COMPREENSÃO DO PESQUISADOR, PODENDO OU NÃO ALTERAR AS PERGUNTAS NO DECORRER DAS RESPOSTAS DADAS.

Neste contexto, durante a condução desta entrevista, o autor destaca a existência de um roteiro que aborda questões fundamentais como uma maneira de estruturar e alcançar os objetivos da pesquisa. No entanto, ele observa que questões momentâneas também desempenham um papel na interação entre o pesquisador e o participante, o que pode potencialmente “pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.” (MANZINI, 2004, p. 2).

Nesta perspectiva, nosso informante é concebido como um ator privilegiado, capaz de colaborar com o pesquisador na sua tentativa de perceber e reconstruir a realidade.

Para Poupart (2012) a entrevista é um meio eficaz para

[...] COLETAR INFORMAÇÕES, SOBRE AS ESTRUTURAS E O FUNCIONAMENTO DE UM GRUPO, UMA INSTITUIÇÃO, OU MAIS GLOBALMENTE, UMA FORMAÇÃO SOCIAL DETERMINADA. NA AUSÊNCIA DE OUTRAS FONTES DE DADOS, O ENTREVISTADO É VISTO COMO UM INFORMANTE-CHAVE, CAPAZ PRECISAMENTE DE ‘INFORMAR’ NÃO SÓ SOBRE SUAS PRÓPRIAS PRÁTICAS E SUAS PRÓPRIAS MANEIRA DE PENSAR, MAS TAMBÉM — NA MEDIDA EM QUE ELE É CONSIDERADO COMO ‘REPRESENTATIVO’ DE SEU GRUPO OU DE UMA FRAÇÃO DELE — SOBRE OS DIVERSOS COMPONENTES DE SUA SOCIEDADE E SOBRE SEUS DIFERENTES MEIOS DE PERTENCIMENTO [...] (POUPART, 2012, P. 222).

No contexto da presente pesquisa, nosso objetivo ao conduzir entrevistas será de estabelecer um diálogo com indivíduos específicos e estrategicamente selecionados, os entrevistados assumirão os papéis de informantes e intérpretes, fornecendo diversas representações parciais e fragmentárias da realidade, enquanto nós, como pesquisadores, procedemos com nossa própria reconstrução com base na realidade reinterpretada por eles.

Observação

Outra metodologia utilizada será a observação que é reconhecida como uma forma de coleta de dados que permite obter informações sobre aspectos específicos da realidade. Ela auxilia o pesquisador a “identificar e coletar evidências relacionadas a objetivos que os indivíduos não têm consciência, mas que influenciam seu comporta-



mento” (Lakatos, 1996, p.79). Além disso, a observação requer que o pesquisador tenha um contato mais direto com a realidade.

Outra técnica de coleta de dados por meio da observação é a observação participante, que se diferencia da observação informal ou comum. Isso ocorre porque ela implica a integração do pesquisador ao grupo investigado, fazendo com que o pesquisador não seja mais um observador externo, mas sim parte ativa dos eventos. Esse método pode levar o pesquisador a adotar temporariamente o estilo de vida do grupo investigado, como quando se estuda uma seita religiosa e seus rituais. No entanto, alguns cientistas desaconselham a observação participante como técnica de trabalho de campo, argumentando que o pesquisador deve manter uma certa distância do objeto de pesquisa para preservar a objetividade científica (Costa, 1987). Realizaremos essa observação participante, por termos contato direto com a Escola Municipal de Tempo Integral Presidente Dutra desde 2022 e acreditamos que nosso trabalho com o livro experimental pede esse tipo de observação.

Diário de Campo

Ainda utilizaremos o diário de campo, e ao se trabalhar com o diário de campo, faremos a descrição, gradualmente por meio de várias reflexões, detalhes e desenhos que transcendem a simples tarefa de fazer anotações no diário de campo.

Nesse relato, poderá emergir elementos que delinhearam as experiências de vida dos indivíduos envolvidos (Certeau, 2012) em suas diversas atividades diárias, tanto dentro da comunidade quanto nos ambientes escolares.

[...] O DIÁRIO TEM SIDO EMPREGADO COMO MODO DE APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ORDENAÇÃO DAS VIVÊNCIAS E NARRATIVAS DOS SUJEITOS DO ESTUDO E COMO UM ESFORÇO PARA COMPREENDÊ-LAS. [...]. O DIÁRIO TAMBÉM É UTILIZADO PARA RETRATAR OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO, AS REFLEXÕES DOS PESQUISADORES E AS DECISÕES NA CONDUÇÃO DA PESQUISA; PORTANTO ELE EVIDENCIA OS ACONTECIMENTOS EM PESQUISA DO DELINEAMENTO INICIAL DE CADA ESTUDO AO SEU TÉRMINO (ARAÚJO ET AL., 2013, P. 54).

Como partes de nosso trabalho, apresentamos três, sendo elas: Fundamentação teórica, Projeto e Produto. Como primeira parte, a fundamentação teórica é uma seção essencial e tem como objetivo fornecer o embasamento científico necessário para a investigação. Nela iremos contextualizar o tema do estudo, apresentar conceitos-chave e teorias relevantes, e justificar a escolha dos métodos e abordagens utilizadas.

Como segunda parte, apresentaremos o projeto segundo Rodolfo Fuentes - designer gráfico e professor - que trabalha com projetos de design voltados para uma abordagem mais artística e conceitual. Busca integrar elementos visuais fortes com uma narrativa significativa, buscando não apenas a estética, mas também o impacto emocio-



nal e cultural do design.

Por fim, nosso produto, representa uma inovação de design editorial, interatividade e educação emocional. Este livro experimental/objeto não apenas promove a alfabetização, mas também fornece uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento emocional das crianças, criando uma experiência de aprendizagem rica e envolvente. Por meio do trabalho com os princípios de Rodolfo Fuentes, o projeto buscou transformar a maneira como educamos as crianças, integrando emoção e aprendizado de forma harmoniosa e eficaz.





FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA





Nesta parte do trabalho apresentamos nosso embasamento teórico, ou seja, para construirmos nossa caminhada de pesquisa, precisamos passar por trilhas já trilhadas por outros pesquisadores, sendo assim definiremos nosso referencial teórico, demonstrando como nosso projeto de pesquisa entende a temática aqui defendida.

Livro e Escrita: uma breve história

A história do surgimento do livro é fascinante e remonta a milhares de anos atrás. Inicialmente, havia formas primitivas de escrita em tabuletas de argila na Mesopotâmia onde com um instrumento feito de algum tronco vegetal, a argila era empurrada e os símbolos eram gravados. Para confirmar quão importante foi a invenção da escrita para a humanidade Eduardo Gomes

[...] AFIRMA QUE A EXISTÊNCIA DA ESCRITA DISTINGUE-SE COMO UM MARCO DAS FORMAS DE EXPRESSÃO, NÃO APENAS POR SUA CAPACIDADE DE REGISTRAR A HISTÓRIA, REPRESENTAR A FALA OU IDEIAS, SER APREENDIDA E DECODIFICADA PELO ENTENDIMENTO HUMANO, MAS TAMBÉM POR ULTRAPASSAR LIMITES GEOGRÁFICOS, SOBREVIVER ÉPOCAS, AJUDAR A CONSTRUIR OU DESCONSTRUIR CULTURAS, UNIVERSALIZAR RELIGIÕES, IDEIAS, PENSAMENTOS, SOFRER MUTAÇÕES PELAS MAIS DIVERSAS CAUSAS, ENTRE ELAS AS TRANSLITERAÇÕES E AS TRADUÇÕES, E, AINDA ASSIM, TER A POSSIBILIDADE DE PERMANECER COMO ORIGINALMENTE FOI PRODUZIDA (2007, P. 4).



Quanto ao que se considera escrita pode-se dizer que “a escrita começa a existir quando se observam estas características: desenho, em sentido amplo (isto é, como resultado de pintar, riscar, rasurar, entalhar, dentar etc.), que indica a finalidade de comunicação, por meio do próprio desenho” (MELLO, 1972, p. 22).

Martins (1957, p. 25) afirma que



[...] A ESCRITA É APENAS UM — PROVAVELMENTE O MAIS PERFEITO E O MENOS OBSCURO — ENTRE INÚMEROS OUTROS SISTEMAS DE LINGUAGEM VISUAL: A ESSA MESMA CATEGORIA PERTENCEM OS DESENHOS, A MÍMICA, OS CÓDIGOS DE SINAIS MARINHOS E TERRESTRES, LUMINOSOS OU NÃO, OS GESTOS, EM PARTICULAR A LINGUAGEM POR GESTOS-MUDOS, ETC.

As tabuletas eram levadas ao forno para que o registro se tornasse permanente. Quando eram revestidas de cera, podiam ter os escritos apagados. Assim, as tábuas eram reaproveitadas. Ainda de uma forma muito tímida, uma das mais antigas formas de escrita surge no Egito de 3100 a.C., dando origem aos primeiros tipos de hieróglifos (figura 11). Segundo Fischer (2009, p.43):



A MAIOR PARTE DA ESCRITA NO EGITO ANTIGO, NO ENTANTO, NÃO ERA EM HIERÓGLIFOS, QUE TOMAVAM MUITO TEMPO PARA TRAÇAR OU ENTALHAR. A ESCRITA HIEROGLÍFICA CURSIVA, SÓ MUITO MAIS TARDE CHAMADA DE ‘HIERÁTICA’, DESENVOLVEU-SE QUASE IMEDIATAMENTE COMO INSTRUMENTO PRÁTICO PARA ESCREVER DOCUMENTOS COMUNS — CARTAS, CONTABILIDADE, LISTAS — E JÁ NO SEGUNDO MILÊNIO A. C., TAMBÉM TEXTOS LITERÁRIOS (GRIFO DO AUTOR).

Os antigos manuscritos eram produzidos manualmente em pergaminhos de papiro ou vitela,





Pinheiro afirma que

[...] DURANTE A IDADE MÉDIA, ESPECIALMENTE NOS SÉCULOS VIII AO X, O PERGAMINHO FICOU ESCASSO — EM PLENO AUGE DA COPIAGEM DE OBRAS. POR ESSA RAZÃO SE APAGAVAM E REUTILIZAVAM PERGAMINHOS PARA NOVAS CÓPIAS DE OBRAS. ESSES NOVOS CÓDICES, DE PERGAMINHO UTILIZADO, CHAMAVAM-SE CÓDICES RESCRIPTI OU PALIMPSESTOS, PALAVRA QUE SIGNIFICA ‘RASPADO DE NOVO’ (1999, P 71).

A invenção do papel na China trouxe uma nova revolução. No ano 105 d.C, o chinês T’sai Lun, ao realizar experimentos com uma tela de pano esticada no bambu e aplicação de fibras maceradas, descobriu um suporte que absorvia melhor a tinta: o papel. A descoberta do papel revolucionou o império chinês e foi utilizado apenas pelos chineses, por quase 600 anos.



Tudo isto porque Tsai-Lun teve um papel importante no desenvolvimento do papel feito de pasta de madeira. McMurtrie (1965) afirma que “outrora escrevia-se vulgarmente em bambu ou em bocados de seda que se chamavam chih. Mas, como a seda era cara e o bambu pesado, estes dois materiais não eram convenientes. Tsai Lun pensou então servir-se da casca de árvores, cânhamo, farrapos e redes de pesca” (1965, p. 65).

A feitura do papel com pasta de madeira se dá seguinte forma:

[...] O PROCESSO CONSISTE AINDA EM MISTURAR FIBRAS VEGETAIS DESINTEGRADAS COM ÁGUA E ESPALHAR, EM SEGUIDA, ESSA MISTURA IGUALMENTE SOBRE UMA ARMAÇÃO OU MOLDE DE REDE, ATRAVÉS DOS QUAIS A ÁGUA SE ESCOA, DEIXANDO UMA PELÍCULA DE FIBRAS EMPASTADAS, QUE, DEPOIS DE SECA, CONSTITUI O PAPEL (MCMURTRIE, 1965, P. 70).

Segundo McMurtrie

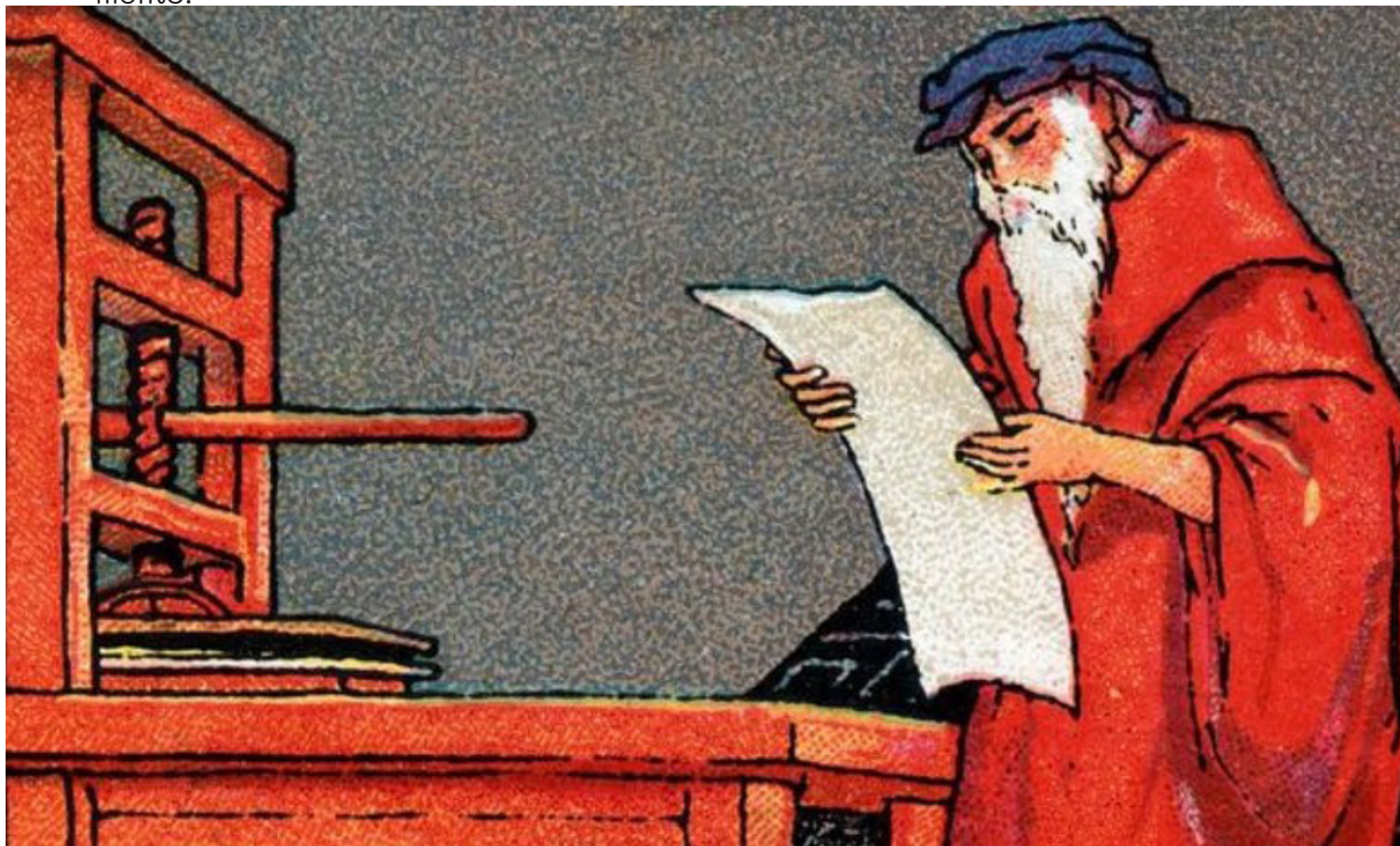
[...] AS FORÇAS HUMANAS, QUE TINHAM ESTADO A RECUPERAR A POUCO E POUCO A ENERGIA PERDIDA DURANTE OS SÉCULOS DA CHAMADA IDADE DAS TREVAS, IAM CULMINAR NO GRANDE MOVIMENTO DA RENASCENÇA DO SÉCULO XV. OS ESPÍRITOS ESTAVAM A TORNAR-SE CADA VEZ MAIS ÁVIDOS E CURIOSOS, OS ERUDITOS ESTUDAVAM ATIVAMENTE, NÃO SÓ LITERATURA CRISTÃ, MAS TAMBÉM OS CLÁSSICOS PAGÃOS LATINOS” (1965, P. 126).

Ainda segundo McMurtrie (1965) outro salto acontece



[...] NOS MEADOS DO SÉCULO XV, A EUROPA TEVE A FORTUNA DE TER PREPARADOS PARA O ESPÍRITO INVENTIVO NÃO SOMENTE A NECESSIDADE URGENTE DOS SERVIÇOS QUE A IMPRENSA PODIA PRESTAR, MAS TAMBÉM TODOS OS MEIOS MATERIAIS EXIGIDOS PARA A SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS PRÁTICOS DA CRIAÇÃO DE UMA NOVA ARTE (1965, P. 127).

Por volta do século XV, Johannes Gutenberg introduziu a prensa de tipos móveis na Europa, marcando o início da produção em massa de livros impressos. O Renascimento viu um aumento na produção literária e a disseminação do conhecimento.



GUTENBERG DESENVOLVEU O SEU INVENTO POR VOLTA DO ANO DE 1430. A MÁQUINA DE IMPRENSA DE GUTENBERG CONTAVA COM UMA PRANCHA ONDE ERAM DISPOSTOS OS TIPOS, OU CARACTERES, MÓVEIS. ESSES TIPOS MÓVEIS NADA MAIS ERAM QUE SÍMBOLOS GRÁFICOS (LETRAS, NÚMEROS, PONTOS ETC.) MOLDADOS EM CHUMBO. UM SÓ MOLDE DESSES TIPOS, ALIMENTADO COM TINTA, PODERIA IMPRIMIR INÚMERAS CÓPIAS DE UM MESMO TEXTO EM QUESTÃO DE HORAS. SE NA ELABORAÇÃO MANUAL DOS LIVROS (QUE ERAM CHAMADOS DE CÓDEX, OU CÓDICE), O TEMPO GASTO ERA ENORME; COM A IMPRENSA, ESSE TEMPO FOI AMPLAMENTE REDUZIDO ([HTTPS://WWW.HISTORIADOMUNDO.COM.BR/IDADE-MODERNA/INVENCAO-IMPRESA.HTM](https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/invencao-imprensa.htm)).

Nos séculos seguintes, a tecnologia de impressão continuou a evoluir, com a invenção da prensa rotativa e, posteriormente, a industrialização da produção de livros. No século XX, a revolução digital deu origem aos e-books e à democratização da publicação.

NO INÍCIO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, OS MECANISMOS BÁSICOS DO TIPO DE PRENSA DE IMPRESSÃO INDUSTRIAL DESENVOLVIDO PELO CIENTISTA GUTENBERG FORAM RELATIVAMENTE INALTERADOS. EMBORA NOVOS MATERIAIS PASSASSEM A SER UTILIZADOS, O QUE MELHOROU SUA EFICIÊNCIA DE IMPRESSÃO, A CONSTRUÇÃO DA PRENSA DE IMPRESSÃO AINDA ESTÁ BASEADA NA PRENSA ORIGINAL DE GUTENBERG ([HTTPS://WWW.MECANICAINDUSTRIAL.COM.BR/187-HISTORIA-DA-PRENSA-DE-IMPRESSAO-INDUSTRIAL/](https://www.mecanicaindustrial.com.br/187-historia-da-prensa-de-impressao-industrial/)).

Contudo, segundo Baptista “o livro sempre refletiu os fatos e circunstâncias que foram se sucedendo na história da humanidade” (2011, p. 45).





Em um contexto de rápidas transformações, especialmente o avanço tecnológico que ocorreu durante o século XX, o livro “não poderia permanecer fora da influência das novas tecnologias” (BAPTISTA, 2011, p. 43). Para Paiva “o livro moderno nasce de uma longa evolução da escrita, do suporte, da aprendizagem, da observação, do conhecimento, da demanda, da técnica, da indústria, do métier” (2010, p.15).

Ainda hoje a história do livro continua a ser escrita, com uma interseção entre formatos tradicionais e digitais, enquanto os escritores e leitores exploram novas formas de contar histórias e compartilhar conhecimento.

DURANTE MUITO TEMPO, TRÊS INQUIETAÇÕES DOMINARAM A RELAÇÃO COM A CULTURA ESCRITA. A PRIMEIRA É O TEMOR DA PERDA. ELA LEVOU À BUSCA DOS TEXTOS AMEAÇADOS, À CÓPIA DOS LIVROS MAIS PRECIOSOS, À IMPRESSÃO DOS MANUSCRITOS, À EDIFICAÇÃO DAS GRANDES BIBLIOTECAS. CONTRA OS DESAPARECIMENTOS SEMPRE POSSÍVEIS, TRATA-SE DE RECOLHER, FIXAR E PRESERVAR: A TAREFA, JAMAIS FINDA, É AMEAÇADA POR UM OUTRO PERIGO: A CORRUPÇÃO DOS TEXTOS. NO TEMPO DA CÓPIA MANUSCRITA, A MÃO DO ESCRIBA PODE FALHAR E ACUMULAR OS ERROS. NA ERA DO IMPRESSO, A IGNORÂNCIA DOS TIPOGRAFOS OU DOS REVISORES, COMO OS MAUS MODOS DOS EDITORES, TRAZEM RISCOS AINDA MAIORES. DAÍ, OS ESFORÇOS DOS AUTORES PARA ESCAPAR DAS TEIAS DA LIVRARIA E DA REPRODUÇÃO MECÂNICA. PRESERVAR O PATRIMÔNIO ESCRITO FRENTE À PERDA OU À CORRUPÇÃO SUSCITA TAMBÉM UMA OUTRA INQUIETUDE: A DO EXCESSO. A PROLIFERAÇÃO TEXTUAL PODE SE TORNAR OBSTÁCULO AO CONHECIMENTO. PARA DOMINÁ-LA, SÃO NECESSÁRIOS INSTRUMENTOS CAPAZES DE TRIAR, CLASSIFICAR, HIERARQUIZAR. MAS, IRÔNICO PARADOXO, ESSAS FERRAMENTAS SÃO ELAS PRÓPRIAS NOVOS LIVROS QUE SE

JUNTAM A TODOS OS OUTROS (CHARTIER, 1945, P. 99).

Após compreendermos um pouco de como foi o processo histórico de constituição do artefato livro, Paiva (2010) destaca que:

ORIGINALMENTE ARTESANAL, A ENCADERNAÇÃO VALE-SE DA BELEZA DE MATERIAIS E CORES EM ACABAMENTO HARMONIZADO. NA IDADE MÉDIA, TAL ARTE AGRUPAVA LIVROS OBJETOS DE CULTO CHAMADOS.A) LIVROS DE IGREJA, OS MAIS LUXUOSOS, EM CAPAS DE MARIO ESCULPIDAS - COMO O ÉVANGÉLIAIRE DE MORIENVAL, DO FIM DO SÉCULO IX - OU CAPAS INCRUSTADAS DE PEDRAS PRECIOSAS;B) LIVROS DE BIBLIOTECA, MENOS Suntuosos e mais PRÁTICOS, EM ENCADERNAÇÃO DE COURO, QUE PODIA SER GRAVADA, PINTADA OU ESTAMPADA POR FERROS DE BRONZE QUE DESDE O SÉCULO XIII ERAM USADOS NOS PAÍSES BAIXOS; E C) LIVROS DE TECIDO, LIVROS PRECIOSOS, RELIGIOSOS OU PROFANOS, COLORIDOS, ORNADOS COM PEDRAS, OURO E PRATA, QUE ATÉ O SÉCULO XVIII ERAM COMUNS NA INGLATERRA (PAIVA, 2010, P. 64).

Enfim, como definir o livro?

MAS QUAL A MELHOR DEFINIÇÃO? O QUE PODE O LIVRO? THE BOOK BEFORE PRINTING INDICA: ⌘ LIBER É UMA PALAVRA QUE SE CONECTA À NOÇÃO DE FLOEMA, PARTE DO CÓRTEX OU “CASCA PRIMÁRIA” - TERMO DERIVADO DA PALAVRA GREGA PARA “CASCA” OU ENTRECASCA DAS ÁRVORES. ⌘ COLEÇÃO DE FOLHAS DE PAPEL UNIDAS. ⌘ O NÚMERO DE FOLHAS ESCRITAS OU IMPRESSAS REUNIDAS POR ALGUM TIPO DE CAPA. ⌘ TRATADO LITERÁRIO USUALMENTE ESCRITO OU IMPRESSO EM UM VOLUME OU VÁRIOS VOLUMES FORMANDO UMA ÚNICA OBRA. ⌘ UMA OBRA LITERÁRIA ⌘ AS PARTES PRINCIPAIS DE UMA OBRA LITERÁRIA (PAIVA, 2010, P. 83).



E a como definição tradicional de dicionários Paiva (2010) nos apresenta as seguintes:

⌘ PUBLICAÇÃO COM MAIS DE 48 PÁGINAS. ⌘ INSTRUMENTO POR EXCELÊNCIA DA TRADIÇÃO-TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO. ⌘ PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA QUE CONSISTE, MATERIALMENTE, NA REUNIÃO DE FOLHAS DE PAPEL OU DE MATERIAL SEMELHANTE IMPRESSAS OU MANUSCRITAS, ORGANIZADAS EM CADERNOS, SOLTAS OU PRESAS POR PROCESSOS DE ENCADERNAÇÃO E TÉCNICAS SIMILARES. ⌘ LIVRO É UM VOLUME TRANSPORTÁVEL, COMPOSTO POR, PELO MENOS, 48 PÁGINAS, SEM CONTAR AS CAPAS, CONTENDO TEXTO MANUSCRITO OU IMPRESSO E/OU IMAGENS E QUE FORMA UMA PUBLICAÇÃO UNITÁRIA OU A PARTE PRINCIPAL DE UM TRABALHO LITERÁRIO, CIENTÍFICO OU OUTRO. ⌘ O LIVRO É UM PRODUTO INTELECTUAL E, COMO TAL, ENCERRA CONHECIMENTO E EXPRESSÕES INDIVIDUAIS OU COLETIVAS. ALÉM DE SER UM BEM CULTURAL, É TAMBÉM NOS DIAS DE HOJE UM PRODUTO DE CONSUMO, SERIALIZADO E, SENDO ASSIM, A PARTE FINAL DE SUA PRODUÇÃO É REALIZADA POR MEIOS INDUSTRIAIS (IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO).⌘ LIVRO É UM VOLUME TRANSPORTÁVEL, COMPOSTO DE PÁGINAS ENCADERNADAS CONTENDO TEXTO MANUSCRITO OU IMPRESSO E/OU IMAGENS E QUE FORMA UMA PUBLICAÇÃO UNITÁRIA (OU FOI CONCEBIDO COMO TAL) OU A PARTE PRINCIPAL DE UM TRABALHO LITERÁRIO.⌘ OBJETO FEITO DE VÁRIAS FOLHAS DE PAPEL, ORGANIZADAS EM ORDEM E CONTENDO UM TEXTO (PAIVA, 2010, P. 83).

Apresentaremos agora uma síntese da variedade de tipos de livros que foram surgindo para atender a diferentes propósitos e o mercado e assim mudou também os formatos dos livros, segundo Paiva (2010):



- ⌘ Livro de leitura sequencial: ensaio, memórias, romance, novela, poesia, teatro, história em quadrinhos;
- ⌘ Livro de obra de referência: anuário, dicionário, manual, enciclopédia, catálogo, guia, relatório, livro didático;
- ⌘ Livro digital ou e-book: abreviação de eletrônico book, é um livro em formato digital, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos;
- ⌘ Livro raro: “antigo”, característico de um marco histórico, precioso, representativo, esgotado, edição limitada, ornamental, de aspectos diferenciados (papel, gravura, encadernação etc.);
- ⌘ Livro de arte: que trata do assunto de arte, obra que prima pela qualidade e requinte da produção;
- ⌘ Livro de artista: a partir dos anos de 1960 essa categoria passa a incluir o livro-objeto o livre-jeu (livro-brinquedo), produto artesanal de arte contemporânea;
- ⌘ Flip book: termo patenteado por John Barnes para designar um livro animado;
- ⌘ Livro pop-up: este salta para fora, livro jump, que cria janelas de leitura inesperadas;
- ⌘ Livro fore-edge: revoluciona a capa e invólucros visuais.

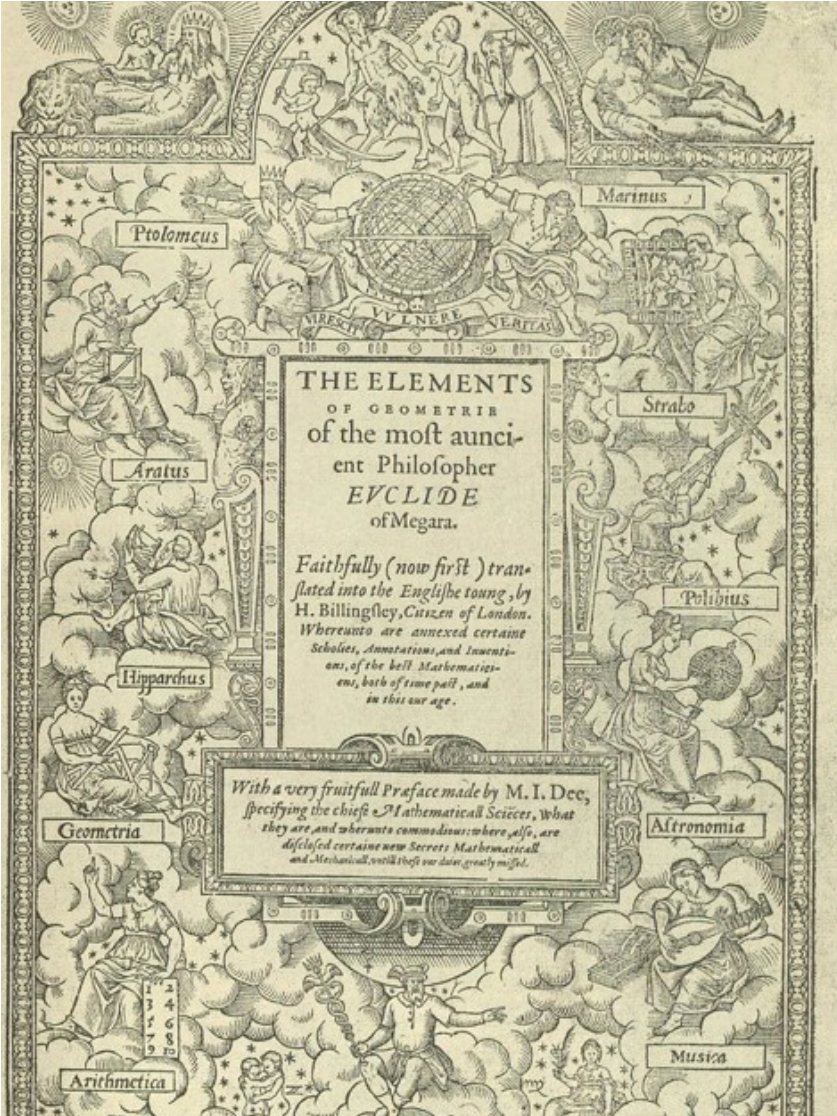
Como nosso locus de pesquisa é uma sala de aula do primeiro ano do ensino fundamental da educação básica no município de Goiânia. Para

compreendermos primeiramente de a relação das crianças com o material didático escolar, passaremos a dedicar nossas análises e estudos a um tipo de livro de referência, em questão o livro didático.

Livro didático: história, processos e políticas

O surgimento dos livros didáticos remonta à antiguidade, embora a forma e o conceito tenham evoluído ao longo dos séculos. Um dos primeiros exemplos conhecidos de um livro didático é o “Elementos” de Euclides, escrito por volta de 300 a.C. Este livro aborda os princípios da geometria e é considerado um dos primeiros materiais de ensino sistemático.

No entanto, a ideia de livros usados especificamente para fins educacionais se desenvolveu ainda mais durante a Idade Média e o Renascimento. Com o aumento da educação formal e a propagação do conhecimento, os livros didáticos se tornaram mais comuns. Por exemplo, durante o Renascimento, houve uma ênfase crescente em compilar conhecimento em áreas como matemática, astronomia, medicina e gramática, levando ao



de diversos livros didáticos nesses campos.

Na busca de um complemento para o ensino para além da Bíblia, surge no século XIX o livro didático, como afirma Oliveira (1997)

NO SÉCULO XIX, O LIVRO DIDÁTICO SURTIU COMO UM ADICIONAL À BÍBLIA, ATÉ ENTÃO, O ÚNICO LIVRO ACEITO PELAS COMUNIDADES E USADO NAS ESCOLAS. SOMENTE POR VOLTA DE 1847, OS LIVROS DIDÁTICOS PASSARAM A ASSUMIR UM PAPEL DE GRANDE IMPORTÂNCIA NA APRENDIZAGEM E NA POLÍTICA EDUCACIONAL. OS PRIMEIROS LIVROS DIDÁTICOS, ESCRITOS SOBRETUDO PARA OS ALUNOS DAS ESCOLAS DE ELITE, PROCURAM COMPLEMENTAR OS ENSINAMENTOS NÃO DISPONÍVEIS NOS LIVROS SAGRADOS. (OLIVEIRA ET AL, 1997, P. 26).

Porém outros autores dizem que o livro didático sempre fez parte da cultura escolar, mesmo antes da invenção da imprensa.

SUA ORIGEM ESTÁ NA CULTURA ESCOLAR, MESMO ANTES DA INVENÇÃO DA IMPRENSA NO FINAL DO SÉCULO XV. NA ÉPOCA EM QUE OS LIVROS ERAM RAROS, OS PRÓPRIOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EUROPEUS PRODUZIAM SEUS CADERNOS DE TEXTOS. COM A IMPRENSA, OS LIVROS TORNARAM-SE OS PRIMEIROS PRODUTOS FEITOS EM SÉRIE E, AO LONGO DO TEMPO A CONCEPÇÃO DO LIVRO COMO ‘FIEL DEPOSITÁRIO DAS VERDADES CIENTÍFICAS UNIVERSAIS’ FOI SE SOLIDIFICANDO (GATTI JÚNIOR, 2004, P.36, GRIFOS DO AUTOR).

No Brasil, os primeiros conceitos relacionados ao livro didático surgiram em 1929, com o estabelecimento do Instituto Nacional do Livro (INL). Esse instituto foi criado com o propósito de legitimar o livro didático nacional e fornecer suporte para



produção. No entanto, essas iniciativas permaneceram em estágio inicial por um longo período. Somente em 1934, durante o governo do presidente Vargas, é que o INL começou efetivamente a desenvolver um dicionário nacional, criar uma enciclopédia e expandir o número de bibliotecas públicas.

O MINISTRO DO MINISTÉRIO EDUCAÇÃO E SAÚDE, GUSTAVO CAPANEMA, DURANTE O ESTADO NOVO BRASILEIRO, SUGERIU A GETÚLIO VARGAS A CRIAÇÃO DE DECRETO-LEI PARA FISCALIZAR A ELABORAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS [sic]. A COMISSÃO FOI CRIADA EM 1938 E ‘ESTABELECEIA QUE, A PARTIR DE 1º DE JANEIRO DE 1940, NENHUM LIVRO DIDÁTICO PODERIA SER ADOTADO NO ENSINO DAS ESCOLAS PRÉ-PRIMÁRIAS, PRIMÁRIAS, NORMAIS, PROFISSIONAIS, E SECUNDÁRIAS NO PAÍS SEM A AUTORIZAÇÃO PRÉVIA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE’ (FERREIRA, 2008: 38).

Diversas abordagens foram experimentadas por vários governos ao longo de 67 anos, de 1929 a 1996, na tentativa de levar livros didáticos para as salas de aula. No entanto, somente com a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) em 1997 e a transferência integral da execução da política do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) (figura 16) para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), é que se deu início a uma produção e distribuição contínuas e em larga escala de livros didáticos.

Entre a década de 1960 e os anos noventa, a produção de livros didáticos evoluiu de um processo artesanal para um processo industrial, devido à crescente demanda do mercado. Fonseca (2004, p. 57) destaca esse ponto crucial na história da produção de livros didáticos.

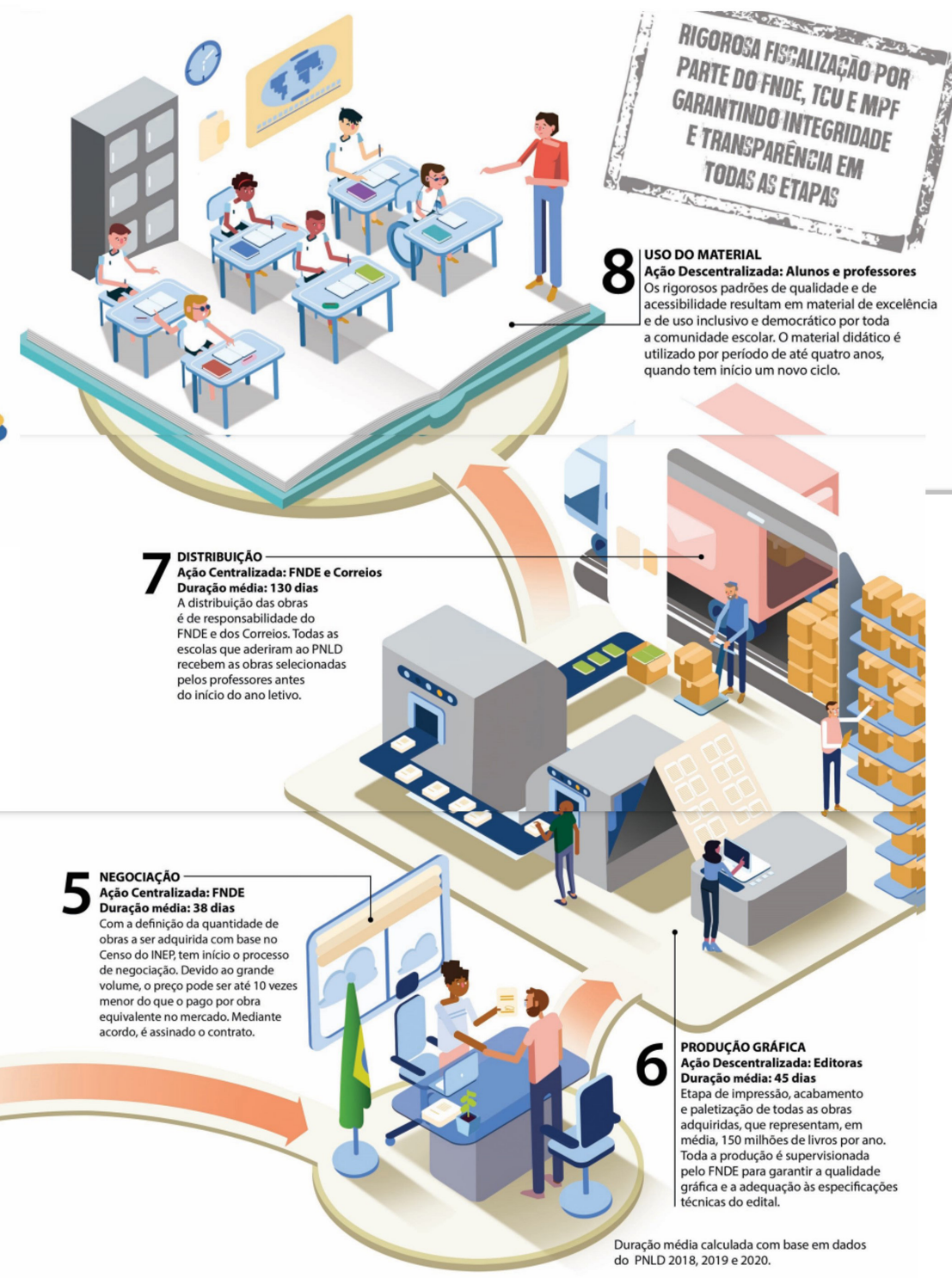
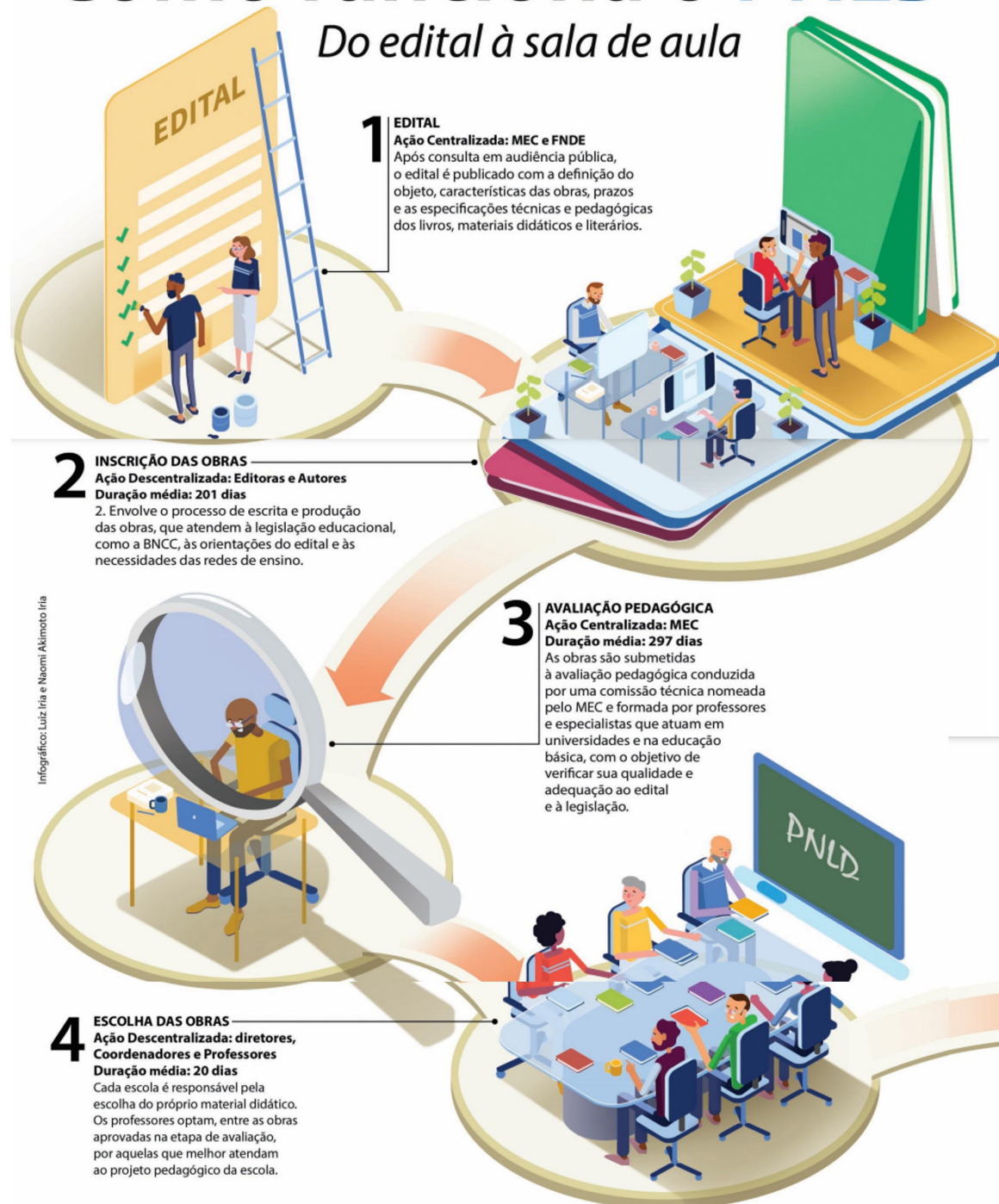
A PREOCUPAÇÃO CENTRAL DA SOCIEDADE E DO ESTADO É CONSTRUIR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE, É IMPRESCINDÍVEL APRIMORAR A POLÍTICA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. PARA ISSO É PRECISO APROFUNDAR O PROCESSO DE AVALIAÇÃO PERMANENTE DA PRODUÇÃO DISPONÍVEL NO MERCADO. O ESTADO E AS ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS, OS MAIORES COMPRADORES, DEVEM EXIGIR SEUS DIREITOS COMO CONSUMIDORES EXIGENTES, PROPONDO MUDANÇAS QUALITATIVAS ÀS EDITORAS, INCLUSIVE EXIGINDO REVISÃO OU RETIRANDO DO MERCADO OS LIVROS DESATUALIZADOS, DOS QUE CONTENHAM ERROS CONCEITUAIS E DOS QUE VEICULEM PRECONCEITOS RACIAIS, POLÍTICOS E RELIGIOSOS.

Atualmente, além do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o governo federal possui dois outros programas relacionados ao livro didático: o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), estabelecido em 2004, e o Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), criado em 2007.

O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD) É UMA INICIATIVA QUE SE INSERE NESSA PERSPECTIVA, NO ESFORÇO DE OPORTUNIZAR QUE TODOS OS ALUNOS QUE FREQUENTAM A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA CONTEM COM O APORTE DE LIVROS DIDÁTICOS NA QUASE TOTALIDADE DAS DISCIPLINAS ESCOLARES, DE MODO A ASSEGURAR O ACESSO AOS LIVROS, CONTRIBUIR COM A FORMAÇÃO DE LEITORES E CRIAR CONDIÇÕES DE APROPRIAÇÃO DOS SABERES E CONHECIMENTOS DISCIPLINARES EM PATAMARES QUALIFICADOS (CAIMI, 2018, P.22).

Como funciona o PNLD

Do edital à sala de aula



Duração média calculada com base em dados do PNLD 2018, 2019 e 2020.



A AVALIAÇÃO DOS LIVROS OCORRE ANUALMENTE, MEDIANTE PUBLICAÇÃO DE EDITAIS QUE APRESENTAM CRITÉRIOS CONSISTENTES E TRANSPARENTES, CONTANDO COM EQUIPES AVALIATIVAS QUE ATENDEM À DIVERSIDADE NACIONAL, COMPOSTA DE PROFESSORES DOS DIVERSOS NÍVEIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, PROVENIENTES DE DIFERENTES REGIÕES DO BRASIL (CAIMI, 2018, P.23).

Ao estudarmos o Livro Didático (LD), concordamos com Choppin (2004) que o LD possui quatro (4) funções, sendo elas: referencial, instrumental, documental e ideológica e cultura,

[...] LIVROS DIDÁTICOS EXERCEM QUATRO FUNÇÕES ESSENCIAIS, QUE PODEM VARIAR CONSIDERAVELMENTE SEGUNDO O AMBIENTE SOCIOCULTURAL, A ÉPOCA, AS DISCIPLINAS, OS NÍVEIS DE ENSINO, OS MÉTODOS E AS FORMAS DE UTILIZAÇÃO. 1. FUNÇÃO REFERENCIAL, TAMBÉM CHAMADA DE CURRICULAR OU PROGRAMÁTICA, DESDE QUE EXISTAM PROGRAMAS DE ENSINO: O LIVRO DIDÁTICO É ENTÃO APENAS A FIEL TRADUÇÃO DO PROGRAMA OU, QUANDO SE EXERCE O LIVRE JOGO DA CONCORRÊNCIA, UMA DE SUAS POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES. MAS, EM TODO O CASO, ELE CONSTITUI O SUPORTE PRIVILEGIADO DOS CONTEÚDOS EDUCATIVOS, O DEPOSITÁRIO DOS CONHECIMENTOS, TÉCNICAS OU HABILIDADES QUE UM GRUPO SOCIAL ACREDITA QUE SEJA NECESSÁRIO TRANSMITIR ÀS NOVAS GERAÇÕES. 2. FUNÇÃO INSTRUMENTAL: O LIVRO DIDÁTICO PÕE EM PRÁTICA MÉTODOS DE APRENDIZAGEM, PROPÕE EXERCÍCIOS OU ATIVIDADES QUE, SEGUNDO O CONTEXTO, VISAM A FACILITAR A MEMORIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS, FAVORECER A AQUISIÇÃO DE COMPETÊNCIAS DISCIPLINARES OU TRANSVERSAIS, A APROPRIAÇÃO DE HABILIDADES, DE MÉTODOS DE ANÁLISE OU DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS, ETC. 3. FUNÇÃO IDEOLÓGICA E CULTURAL: É A FUNÇÃO MAIS ANTIGA. A PARTIR DO SÉCULO XIX, COM A CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS E COM O DESEN-

VOLVIMENTO, NESSE CONTEXTO, DOS PRINCIPAIS SISTEMAS EDUCATIVOS, O LIVRO DIDÁTICO SE AFIRMOU COMO UM DOS VETORES ESSENCIAIS DA LÍNGUA, DA CULTURA E DOS VALORES DAS CLASSES DIRIGENTES. INSTRUMENTO PRIVILEGIADO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE, GERALMENTE ELE É RECONHECIDO, ASSIM COMO A MOEDA E A BANDEIRA, COMO UM SÍMBOLO DA SOBERANIA NACIONAL E, NESSE SENTIDO, ASSUME UM IMPORTANTE PAPEL POLÍTICO. ESSA FUNÇÃO, QUE TENDE A ACULTURAR — E, EM CERTOS CASOS, A DOCTRINAR — AS JOVENS GERAÇÕES, PODE SE EXERCER DE MANEIRA EXPLÍCITA, ATÉ MESMO SISTEMÁTICA E OSTENSIVA, OU, AINDA, DE MANEIRA DISSIMULADA, SUB-REPTÍCIA, IMPLÍCITA, MAS NÃO MENOS EFICAZ. 4. FUNÇÃO DOCUMENTAL: ACREDITA-SE QUE O LIVRO DIDÁTICO PODE FORNECER, SEM QUE SUA LEITURA SEJA DIRIGIDA, UM CONJUNTO DE DOCUMENTOS, TEXTUAIS OU ICÔNICOS, CUJA OBSERVAÇÃO OU CONFRONTAÇÃO PODEM VIR A DESENVOLVER O ESPÍRITO CRÍTICO DO ALUNO. ESSA FUNÇÃO SURTIU MUITO RECENTEMENTE NA LITERATURA ESCOLAR E NÃO É UNIVERSAL: SÓ É ENCONTRADA — AFIRMAÇÃO QUE PODE SER FEITA COM MUITAS RESERVAS — EM AMBIENTES PEDAGÓGICOS QUE PRIVILEGIAM A INICIATIVA PESSOAL DA CRIANÇA E VISAM A FAVORECER SUA AUTONOMIA; SUPÕE, TAMBÉM, UM NÍVEL DE FORMAÇÃO ELEVADO DOS PROFESSORES (CHOPPIN, 2004, P. 553).

A expansão da educação formal ao longo dos séculos modernos, especialmente a partir do século XVIII, impulsionou ainda mais a produção de livros didáticos. À medida que a educação se tornava mais acessível, a variedade e a especialização dos livros didáticos também aumentavam, abrangendo várias disciplinas e níveis educacionais.



Ainda é importante destacar que estudantes de todas as idades, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Com o avanço da tecnologia, os livros didáticos também estão se adaptando aos formatos digitais e interativos para melhor atender às necessidades dos alunos modernos.

O LIVRO DIDÁTICO É UMA TRADIÇÃO TÃO FORTE DENTRO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA QUE O SEU ACOLHIMENTO INDEPENDE DA VONTADE E DA DECISÃO DOS PROFESSORES. SUSTENTAM ESSA TRADIÇÃO O OLHAR SAUDOSISTA DOS PAÍS, A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR COMO UM TODO, O MARKETING DAS EDITORAS E O PRÓPRIO IMAGINÁRIO QUE ORIENTA AS DECISÕES PEDAGÓGICAS DO EDUCADOR. NÃO É À TOA QUE A IMAGEM ESTILIZADA DO PROFESSOR O APRESENTA COM UM LIVRO NAS MÃOS, DANDO A ENTENDER QUE O ENSINO, O LIVRO E O CONHECIMENTO SÃO ELEMENTOS INSEPARÁVEIS, INDICOTOMIZÁVEIS. E APRENDER, DENTRO DAS FRONTEIRAS DO CONTEXTO ESCOLAR, SIGNIFICA ATENDER ÀS LITURGIAS DOS LIVROS, DENTRE AS QUAIS SE DESTACA AQUELA DO LIVRO “DIDÁTICO”: COMPRAR NA LIVRARIA NO INÍCIO DE CADA ANO LETIVO, USAR AO RITMO DO PROFESSOR, FAZER AS LIÇÕES, CHEGAR À METADE OU AOS TRÊS QUARTOS DOS CONTEÚDOS ALI INSCRITOS E DIZER AMÉM, POIS É ASSIM MESMO (E SOMENTE ASSIM) QUE SE APRENDE (SILVA, 1996, P.08).

É necessário iniciativas que reflitam a conscientização sobre a importância de melhorar a qualidade dos livros didáticos e criar um ambiente de aprendizado mais envolvente e inclusivo. A colaboração contínua entre educadores, editores e alunos desempenha um papel crucial na evolução positiva dos livros didáticos.

Passaremos a debater a relação do processo de alfabetização como livro didático, já que como já falado, nossa investigação está vinculada aos

materiais didáticos escolares de crianças no processo de alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental.

Alfabetização e livro didático: fragilidades e potencialidades

Certamente, podemos considerar o processo de alfabetização a partir da ideia de que ele teve origem na Antiguidade, através da representação gráfica do mundo por meio de desenhos e da representação gráfica de palavras por meio da escrita. Observa-se que Cagliari (1996) emprega linguagem metafórica para exemplificar essa possível evolução,

[...] QUEM INVENTOU A ESCRITA FOI A LEITURA: UM DIA, NUMA CAVERNA, O HOMEM COMEÇOU A DESENHAR E ENCHEU AS PAREDES COM FIGURAS, REPRESENTANDO, ANIMAIS, PESSOAS, OBJETOS E CENAS DO COTIDIANO. CERTO DIA RECEBEU A VISITA DE ALGUNS AMIGOS QUE MORAVAM PRÓXIMO E FOI INTERROGADO A RESPEITO DOS DESENHOS. QUERIAM SABER O QUE REPRESENTAVAM AQUELAS FIGURAS E POR QUE ELE AS TINHA PINTADO NAS PAREDES. NAQUELE MOMENTO, O ARTISTA COMEÇOU A EXPLICAR OS NOMES DAS FIGURAS E A RELATAR OS FATOS QUE OS DESENHOS REPRESENTAVAM. DEPOIS, À NOITE, FICOU PENSANDO NO QUE TINHA ACONTECIDO E ACABOU DESCOBRINDO QUE PODIA “LER” OS DESENHOS QUE TINHA FEITO. OU SEJA, OS DESENHOS, ALÉM DE REPRESENTAR OBJETOS DA VIDA REAL, PODIAM SERVIR TAMBÉM PARA REPRESENTAR PALAVRAS QUE, POR SUA VEZ, SE REFERIAM A ESSES MESMOS OBJETOS E FATOS NA LINGUAGEM ORAL. A HUMANIDADE DESCOBRIA ASSIM QUE, QUANDO UMA FORMA GRÁFICA REPRESENTA O MUNDO, É APENAS UM DESENHO; MAS, QUANDO RE-



PRESENTA UMA PALAVRA, PASSA A SER UMA FORMA DE ESCRITA (CAGLIARI, 1996, P.13 - 14).

O alfabeto com o qual podemos dizer das coisas e dos outros, é resultante “de longos anos de história da escrita e decorrente de sua necessidade de registrar fatos, ideias e pensamentos” (RIZZO, 2005, p.13).

É impossível discutir a alfabetização no Brasil sem mencionar cartilhas fundamentais, como a Cartilha Sodré, Caminho Suave, Cartilha da Infância, entre outras. Apesar de pertencerem a diferentes épocas, todas compartilham, de acordo com Cagliari (1996), uma estrutura semelhante, consistindo em letras, sílabas, palavras e frases curtas, com o propósito de simplificar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Em relação à escrita, enfatizavam-se a caligrafia, a cópia, os ditados e a formação de frases, a ortografia e o desenho correto das letras. Contudo, observamos que:

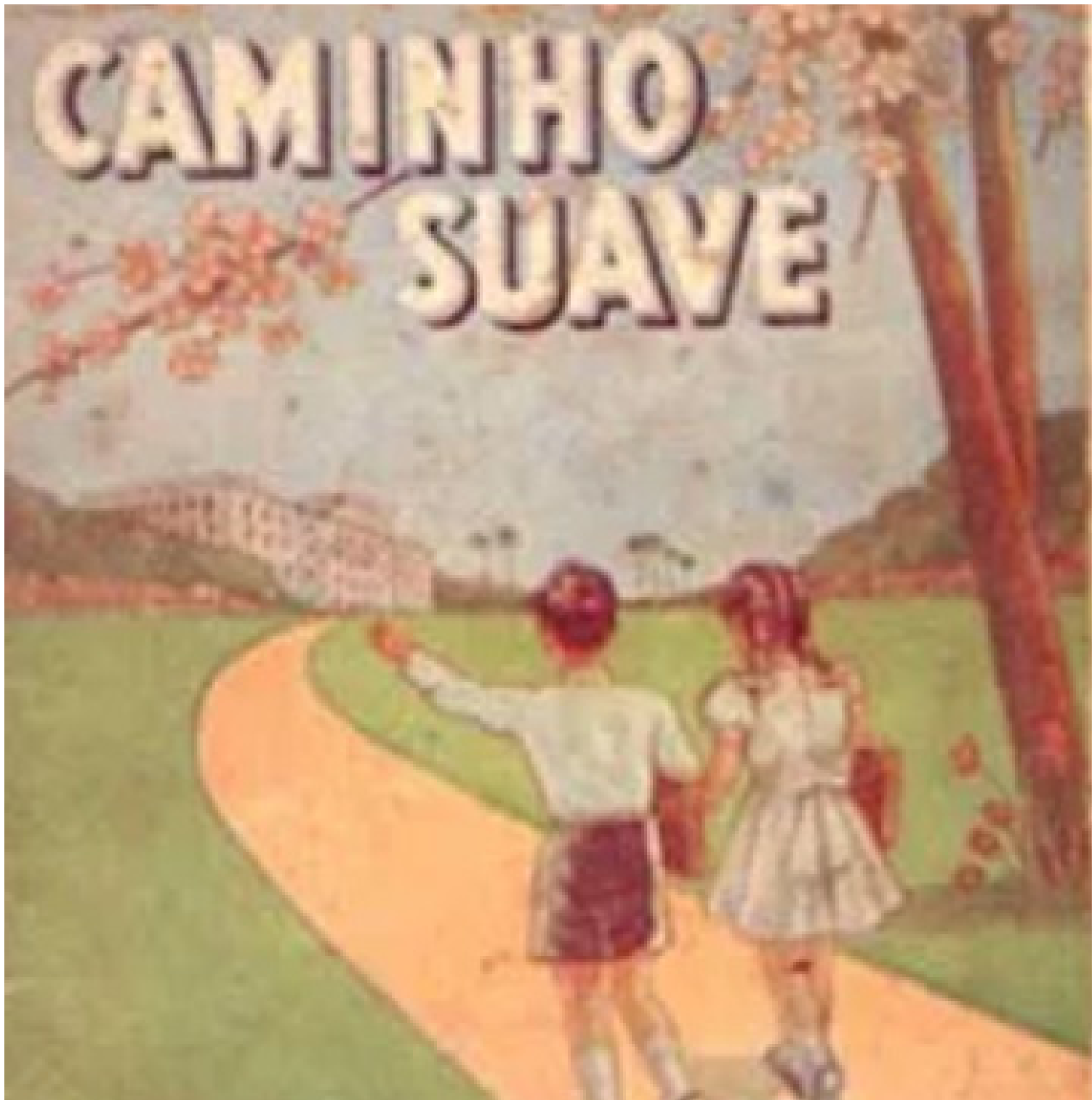
A PARTIR DO INÍCIO DA DÉCADA DE 1980, ESSA TRADIÇÃO PASSOU A SER SISTEMATICAMENTE QUESTIONADA, EM DECORRÊNCIA DE NOVAS URGÊNCIAS POLÍTICAS E SOCIAIS QUE SE FIZERAM ACOMPANHAR DE PROPOSTAS DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO, A FIM DE SE ENFRENTAR, PARTICULARMENTE, O FRACASSO DA ESCOLA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS. COMO CORRELATO TEÓRICO METODOLÓGICO DA BUSCA DE SOLUÇÕES PARA ESSE PROBLEMA, INTRODUZIU-SE NO BRASIL O PENSAMENTO CONSTRUTIVISTA SOBRE ALFABETIZAÇÃO, RESULTANTE DAS PESQUISAS SOBRE A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA DESENVOLVIDAS PELA PESQUISADORA ARGENTINA EMÍLIA FERREIRO E COLABORADORES. DESLOCANDO O EIXO DAS DISCUSSÕES DOS MÉTODOS

DE ENSINO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA (SUJEITO COGNOSCENTE), O CONSTRUTIVISMO SE APRESENTA, NÃO COMO UM MÉTODO NOVO, MAS COMO UMA “REVOLUÇÃO CONCEITUAL”, DEMANDANDO, DENTRE OUTROS ASPECTOS, ABANDONAREM-SE AS TEORIAS E PRÁTICAS TRADICIONAIS, DESMETODIZAR SE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SE QUESTIONAR A NECESSIDADE DAS CARTILHAS (MORTATTI, 2006, P. 10).

Soares (2003) reconhece que as crianças “constroem hipóteses sobre a escrita e, com isso, aprendem a ler e escrever de forma progressiva” (SOARES, 2003, p. 17). Isso implica que o conhecimento delas está em constante desenvolvimento. No entanto, também é importante não subestimar a utilidade de métodos práticos ou técnicas de escrita que auxiliam as professoras na dinâmica do ensino-aprendizagem.

Para tanto, observamos que:

[...] OS MÉTODOS VIRARAM PALAVRÕES. NINGUÉM PODIA MAIS FALAR EM MÉTODO FÔNICO, MÉTODO SILÁBICO, MÉTODO GLOBAL, POIS TODOS ELES CAÍRAM NO PURGATÓRIO, SE NÃO NO INFERNO. ISSO FOI UMA CONSEQUÊNCIA ERRÔNEA DESSA MUDANÇA DE CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO. POR EQUÍVOCOS E POR INFERÊNCIAS FALSAS, PASSOU-SE A IGNORAR OU A MENOSPREZAR A ESPECIFICIDADE DA AQUISIÇÃO DA TÉCNICA DA ESCRITA. CODIFICAR E DECODIFICAR VIRARAM NOMES FEIOS. ‘AH, MAS QUE ABSURDO! APRENDER A LER E ESCRIVER NÃO É APRENDER A CODIFICAR E DECODIFICAR’. AÍ É QUE ESTÁ O ERRO. NINGUÉM APRENDE A LER E A ESCRIVER SE NÃO APRENDER RELAÇÕES ENTRE FONEMAS E GRAFEMAS PARA CODIFICAR E PARA DECODIFICAR. ISSO É UMA PARTE ESPECÍFICA DO PROCESSO DE APRENDER A LER E A ESCRIVER. LINGÜISTICAMENTE, LER E ESCRIVER É APRENDER A CODIFICAR E A DECODIFICAR. (SOARES, 2003, P. 17).





barriga

ba

Rele o livro e lê-lo.
Escute a barriga do bebê.

ba	ba	ba
ba	ba	ba
ba	ba	ba
ba	ba	ba



ba ba ba ba ba





É crucial enfatizar a importância de os professores estarem familiarizados com a evolução da escrita infantil, agindo como parceiros ativos durante esses momentos de aprendizagem. Isso inclui registrar até mesmo as menores mudanças, identificar as dificuldades que surgem e garantir que sua intervenção pedagógica não impeça o progresso da aprendizagem. Esse é um trabalho desafiador, pois as crianças não progridem todas juntas ou ao mesmo tempo; seus ritmos de aprendizado variam, e elas trazem experiências diferentes que precisam ser respeitadas.

Outro tópico que destacamos após a imersão no campo de pesquisa, é a necessidade de se trabalhar com as emoções na sala de aula. As crianças e os adultos envolvidos no trabalho pedagógico da escola precisam dialogar e estabelecer uma conexão a fim de resolverem conflitos. Isso se torna possível por meio do diálogo e da compreensão das emoções quando o conflito acontece.

HOJE, OS GRANDES OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO SÃO: ENSINAR A APRENDER, ENSINAR A FAZER, ENSINAR A SER, ENSINAR A CONVIVER EM PAZ, DESENVOLVER A INTELIGÊNCIA E ENSINAR A TRANSFORMAR INFORMAÇÕES EM CONHECIMENTO. PARA ATINGIR ESSES OBJETIVOS, O TRABALHO DE ALFABETIZAÇÃO PRECISA DESENVOLVER O LETRAMENTO. O LETRAMENTO É ENTENDIDO COMO PRODUTO DA PARTICIPAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIAIS QUE USAM A ESCRITA COMO SISTEMA SIMBÓLICO E TECNOLOGIA (FERNANDES, 2010, P.19).

De acordo com Rios e Libânio (2009, p. 33) “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e

escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”.

E a alfabetização, por sua vez, começa quando a criança passa a frequentar a escola, concretizando o hábito e as práticas da língua escrita.

SE AS CRIANÇAS CRESCEM EM COMUNIDADES ILETRADAS E A ESCOLA NÃO AS INTRODUZ NA LINGUAGEM ESCRITA (EM TODA A SUA COMPLEXIDADE), TALVEZ CHEGUEM A ATINGIR ESSES ‘MÍNIMOS DE ALFABETIZAÇÃO’, QUE LHE PERMITAM SEGUIR INSTRUÇÕES ESCRITAS E AUMENTAR A SUA PRODUTIVIDADE EM UMA FÁBRICA, CONTUDO NÃO TEREMOS DE FORMAR CIDADÃOS PARA ESTE PRESENTE NEM PARA O FUTURO PRÓXIMO. HÁ QUE SE ALFABETIZAR PARA LER O QUE OS OUTROS PRODUZEM OU PRODUZIRAM, MAS TAMBÉM PARA QUE A CAPACIDADE DE ‘DIZER POR ESCRITO’ ESTEJA MAIS DEMOCRATICAMENTE DISTRIBUÍDA. ALGUÉM QUE PODE COLOCAR NO PAPEL SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS É ALGUÉM QUE NÃO TEM MEDO DE FALAR EM VOZ ALTA (FERREIRO, 2004, P. 54, GRIFOS DO AUTOR).

É um desafio enfrentado pelos professores desejar que os alunos sejam ativos em sua própria aprendizagem, promovendo a reflexão e a construção do entendimento, enquanto muitas vezes se veem envolvidos em tarefas mecânicas, como cópias e junção de sílabas no dia a dia. No entanto, essa compreensão é fundamental para os alunos, pois os capacita a alcançar um nível satisfatório de compreensão do mundo em que vivemos.

Portanto, os professores alfabetizadores devem criar um ambiente propício à alfabetização, no qual todos tenham acesso direto a livros não apenas para a leitura, mas também para a





compreensão do que leem. Isso significa promover a alfabetização e a letramento, capacitando os alunos não apenas a decifrar as palavras, mas também a compreender o significado e aplicar esse conhecimento em seu mundo.

O que fizemos em nosso projeto de pesquisa é exatamente a produção de material lúdico e que possibilite o diálogo e a comunicação não violenta, na compreensão das emoções para possibilitar o processo de ensino-aprendizagem de crianças de (6) seis anos de idades em processo de alfabetização, por meio de um livro experimental/objeto.

Livro: Sistemas de Produção, Composição Visual e Layout

Buscaremos investigar a interconexão entre a produção de livros, sua composição visual e o design de layout, ressaltando a importância desses elementos na qualidade e eficácia da comunicação visual em publicações impressas e digitais. Ao abordar essa temática multidisciplinar, este estudo busca analisar como esses componentes se relacionam e contribuem para a experiência do leitor.

O livro, como uma forma tradicional de comunicação, desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimento e narrativas. No entanto, a qualidade da produção, a composição visual e o layout desempenham um papel crítico em determinar o impacto e a eficácia de um livro. Este trabalho se baseia na premissa de que a produção

de livros é uma arte interdisciplinar que envolve sistemas de produção, composição visual e layout, cada um desempenhando um papel vital na criação de uma obra de qualidade.

Os sistemas de produção envolvidos na fabricação de livros, desde a seleção de papel, que

[...] É UM MATERIAL EM FOLHAS, COM UMA ESTRUTURA POROSA E UMA ESPESSURA REGULAR. É CONSTITUÍDO DE UMA TRAMA DE FIBRAS ENTRELAÇADAS, QUASE SEMPRE DE NATUREZA VEGETAL COM UM COMPRIMENTO MÁXIMO DE POUCOS MILÍMETROS. O PAPEL ORIGINA-SE DA SUSPENSÃO AQUOSA DE UMA MATÉRIA FIBROSA, PELO ESCOAMENTO DA ÁGUA ATRAVÉS DA MALHA DE UMA TELA SEM FIM E SUCESSIVA SECAGEM, POR ETAPAS, DA FOLHA ÚMIDA ASSIM PRODUZIDA (BAER, 2005, P. 161).

E técnicas de impressão até questões de encadernação e acabamento. Segundo Baer (2005)

CLASSIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS SISTEMAS DE IMPRESSÃO PELAS RESPECTIVAS FÔRMAS DE IMPRESSÃO. VIU-SE, PORTANTO, QUE O TIPO DE FÔRMA DETERMINA O PROCESSO DE IMPRESSÃO. OS PRINCIPAIS SISTEMAS DE IMPRESSÃO SÃO: ⌘ IMPRESSÃO RELEVÓGRAFICA - TIPOGRAFIA, FLEXOGRAFIA, LETTERSET (FÔRMA EM ALTO RELEVO); ⌘ IMPRESSÃO ENCAVOGRÁFICA - ROTOGRAVURA, TAMPOGRAFIA (FÔRMA CAVADA); ⌘ IMPRESSÃO PLANOGRÁFICA - OFFSET, COLOTIPIA, DRIOGRAFIA (FÔRMA PLANA); ⌘ IMPRESSÃO PERMEOGRAFICA - SERIGRAFIA (FÔRMA PERMEÁVEL) (P. 64).

Este segmento destaca como escolhas adequadas nos sistemas de produção podem impactar diretamente a durabilidade e a qualidade visual de um livro.



Na composição visual e no design gráfico de um livro. Discute princípios fundamentais, como equilíbrio, tipografia, cores e imagens, destacando como a escolha e a aplicação adequada desses elementos podem criar uma experiência de leitura mais atraente e significativa.

SEMPRE QUE ALGUMA COISA É PROJETADA E FEITA, ESBOÇADA E PINTADA, DESENHADA, RABISCADA, CONSTRUÍDA, ESCULPIDA OU GESTICULADA, A SUBSTÂNCIA VISUAL DA OBRA É COMPOSTA A PARTIR DE UMA LISTA BÁSICA DE ELEMENTOS. NÃO SE DEVEM CONFUNDIR OS ELEMENTOS VISUAIS COM OS MATERIAIS OU O MEIO DE EXPRESSÃO, A MADEIRA OU A ARGILA, A TINTA OU O FILME. OS ELEMENTOS VISUAIS CONSTITUEM A SUBSTÂNCIA BÁSICA DAQUILO QUE VEMOS, E SEU NÚMERO É REDUZIDO: O PONTO, A LINHA, A FORMA, A DIREÇÃO, O TOM, A COR, A TEXTURA, A DIMENSÃO, A ESCALA E O MOVIMENTO. POR POUCOS QUE SEJAM, SÃO A MATÉRIA-PRIMA DE TODA INFORMAÇÃO VISUAL EM TERMOS DE OPÇÕES E COMBINAÇÕES SELETIVAS. A ESTRUTURA DA OBRA VISUAL É A FORÇA QUE DETERMINA QUAIS ELEMENTOS VISUAIS ESTÃO PRESENTES, E COM QUAL ÊNFASE ESSA PRESENÇA OCORRE (DONDIS, 2015, P.51).

O layout e a organização do conteúdo de um livro. Examina como a disposição de elementos, estrutura de capítulos, hierarquia de informações e navegação afetam a compreensão e a usabilidade de uma publicação. Além disso, explora as considerações específicas para livros impressos e digitais.

AS LEIS MATEMÁTICAS DA PROPORÇÃO SÃO VALIOSAS PARA ASSEGURAR QUE TODOS OS ELEMENTOS DE UM DESIGN MANTENHAM UM INTER-RELACIONAMENTO CAPAZ DE PRODUZIR UMA SOLUÇÃO HOMOGÊNEA E, ÀS VEZES, RARA. ENTRETANTO, A ADEQUAÇÃO A SISTEMAS PREDETERMINADOS DE PROPORÇÃO NÃO É SU-

FICIENTE PARA PRODUZIR UMA SOLUÇÃO CRIATIVA. A MAIORIA DAS IDEIAS INOVADORAS DO DESIGN NASCEU COM ABSOLUTA INDEPENDÊNCIA EM RELAÇÃO A TAIS REGRAS E NORMAS. SOMENTE UM OLHO EXPERIENTE E UMA MENTE ALERTA É QUE NOS POSSIBILITARÃO, NA MAIORIA DAS VEZES, ALCANÇAR SOLUÇÕES DE DESIGN VERDADEIRAMENTE EMOCIONANTES (HURLBURT, 2002, P. 52).

Este estudo multidisciplinar destaca que o processo de produção de livros não pode ser considerado de forma isolada, mas como um sistema complexo no qual os elementos de produção, composição visual e layout estão intrinsecamente ligados. A qualidade da produção, a estética da composição visual e a usabilidade do layout são fatores críticos na criação de livros que cativam, educam e informam o leitor.

O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO É O PASSO MAIS CRUCIAL NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS VISUAIS. OS RESULTADOS DAS DECISÕES COMPOSITIVAS DETERMINAM O OBJETIVO E O SIGNIFICADO DA MANIFESTAÇÃO VISUAL E TÊM FORTES IMPLICAÇÕES COM RELAÇÃO AO QUE É RECEBIDO PELO ESPECTADOR. É NESSA ETAPA VITAL DO PROCESSO CRIATIVO QUE O COMUNICADOR VISUAL EXERCE O MAIS FORTE CONTROLE SOBRE SEU TRABALHO E TEM A MAIOR OPORTUNIDADE DE EXPRESSAR, EM SUA PLENITUDE, O ESTADO DE ESPÍRITO QUE A OBRA SE DESTINA A TRANSMITIR. O MODO VISUAL, PORÉM, NÃO OFERECE SISTEMAS ESTRUTURAIS DEFINITIVOS E ABSOLUTOS. COMO ADQUIRIR O CONTROLE DE NOSSOS COMPLEXOS MEIOS VISUAIS COM ALGUMA CERTEZA DE QUE, NO RESULTADO FINAL, HAVERÁ UM SIGNIFICADO COMPARTILHADO? EM TERMOS LINGÜÍSTICOS SINTAXE SIGNIFICA DISPOSIÇÃO ORDENADA DAS PALAVRAS SEGUNDO UMA FORMA E UMA ORDENAÇÃO ADEQUADAS. AS REGRAS SÃO DEFINIDAS:



TUDO O QUE SE TEM DE FAZER É APRENDÊ-LAS E USÁ-LAS INTE-
LIGENTEMENTE. MAS, NO CONTEXTO DO ALFABETISMO VISUAL,
A SINTAXE SÓ PODE SIGNIFICAR A DISPOSIÇÃO ORDENADA DE
PARTES, DEIXANDO-NOS COM O PROBLEMA DE COMO ABORDAR
O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO COM INTELIGÊNCIA E CONHE-
CIMENTO DE COMO AS DECISÕES COMPOSITIVAS IRÃO AFETAR
O RESULTADO FINAL. NÃO HÁ REGRAS ABSOLUTAS: O QUE EXIS-
TE É UM ALTO GRAU DE COMPREENSÃO DO QUE VAI ACONTECER
EM TERMOS DE SIGNIFICADO, SE FIZERMOS DETERMINADAS
ORDENAÇÕES DAS PARTES QUE NOS PERMITAM ORGANIZAR E
ORQUESTRAR OS MEIOS VISUAIS. MUITOS DOS CRITÉRIOS PARA
O ENTENDIMENTO DO SIGNIFICADO NA FORMA VISUAL, O PO-
TENCIAL SINTÁTICO DA ESTRUTURA NO ALFABETISMO VISUAL,
DECORREM DA INVESTIGAÇÃO DO PROCESSO DA PERCEPÇÃO
HUMANA (DONDIS, 2015, P. 29).



Entender essa interconexão é fundamental para
autores, editores, designers gráficos e todos os
envolvidos na criação de livros, com o intuito de
aprimorar a comunicação e a experiência de lei-
tura em todas as formas de publicação.

Livro Didáticos estudo de Layout e Grid

Os livros didáticos desempenham um papel fun-
damental na educação, pois são uma ferramen-
ta vital para a transmissão de conhecimento e
aprendizado. O estudo de layout e grid (ou grade)
no contexto de livros didáticos é essencial, pois
afeta diretamente a compreensão e a usabilidade
do material educacional.

Para nossa investigação, buscamos analisar alguns



livros didáticos utilizados pelas crianças da Esco-
la Presidente Dutra. Como nossa pesquisa foca no
primeiro ano do ensino fundamental, restringimos
nossa análise às coleções específicas a essa
faixa etária. Optamos por incluir referências
de editores antigos e recentes, grandes e pe-
quenos, sendo elas: Coleção diálogos da Ática;
Coleção vida criança, da Saraiva; Aprender
juntos, da SM, Da escola para o mundo da Sci-
pione, Coleção desafio da Moderna, Bons ami-
gos da FTD, Aquarela da Kit's. Quatro cantos
da Dimensão. e Eu gosto da IBEP.

Investigamos diferentes campos de conhecimento
e componentes curriculares, incluindo matemáti-
ca, história, geografia, artes e língua portuguesa,
para verificar se havia alguma grande diferença
nos elementos do design.

Após uma análise inicial ampla dessas coleções,
optamos por aprofundar nossa análise em três
obras específicas, focando nas características de
design, como retrancas, do fólio, lombada, capa,
miolo, tipografia, cor, entre outros aspectos. As
obras definidas para a análise detalhada foram:
Coleção Entre Laços da FTD, Da escola para o
mundo da Scipione. Coleção Desafio da Moderna.

Devido ao foco de nossa pesquisa em processos
de alfabetização, todas as três obras seleciona-
das estavam relacionadas à língua portuguesa. A
escolha dessas coleções nos permitiu investigar
de forma aprofundada como o design editorial
pode influenciar o processo de alfabetização das
crianças no primeiro ano do ensino fundamental.

Segunda a NBR 9241-11 Usabilidade é “a medida na



qual um produto pode ser usado por usuários específicos para alcançar objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação em um contexto específico de uso” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 3). E segundo Nielsen (1993, tradução livre), a “Usabilidade é um atributo qualitativo que avalia a facilidade de uso de uma interface. A palavra ‘Usabilidade’ também se refere a métodos para melhorar a facilidade de uso durante o processo de design”

É importante se preocupar com a Organização da Informação nos livros didáticos, pois a principal função do layout e da grid em um livro didático é organizar a informação de forma clara e lógica. Uma grid bem planejada ajuda a definir a estrutura do conteúdo, estabelecendo áreas para texto, imagens, gráficos e exercícios, facilitando a navegação e a localização de informações pelos estudantes da educação básica.

Ainda pensando no layout, precisamos pensar uma Leitura Orientada, para isso precisamos de um layout eficaz em um livro didático para guiar o leitor por meio do conteúdo, criando uma experiência de leitura orientada. A grid determina onde os elementos visuais serão posicionados, o que influencia a ordem de leitura e a compreensão do material.

Outro elemento importante é o Equilíbrio Visual, pois esse é crucial para evitar a sobrecarga de informações. Uma grid bem definida ajuda a distribuir elementos de forma equilibrada em cada página, evitando a sensação de desordem e garantindo que o foco esteja na aprendizagem pelos

leitores, estudantes da educação básica.

A MAIS IMPORTANTE INFLUÊNCIA TANTO PSICOLÓGICA COMO FÍSICA SOBRE A PERCEPÇÃO HUMANA É A NECESSIDADE QUE O HOMEM TEM DE EQUILÍBRIO, DE TER OS PÉS FIRMEMENTE PLANTADOS NO SOLO E SABER QUE VAI PERMANECER ERETO EM QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA, EM QUALQUER ATITUDE, COM UM CERTO GRAU DE CERTEZA. O EQUILÍBRIO É, ENTÃO, A REFERÊNCIA VISUAL MAIS FORTE E FIRME DO HOMEM, SUA BASE CONSCIENTE E INCONSCIENTE PARA FAZER AVALIAÇÕES VISUAIS. O EXTRAORDINÁRIO É QUE, ENQUANTO TODOS OS PADRÕES VISUAIS TÊM UM CENTRO DE GRAVIDADE QUE PODE SER TÉCNICAMENTE CALCULÁVEL, NENHUM MÉTODO DE CALCULAR É TÃO RÁPIDO, EXATTO E AUTOMÁTICO QUANTO O SENSO INTUITIVO DE EQUILÍBRIO INERENTE ÀS PERCEPÇÕES DO HOMEM (DONDIS, 2015, P. 32).

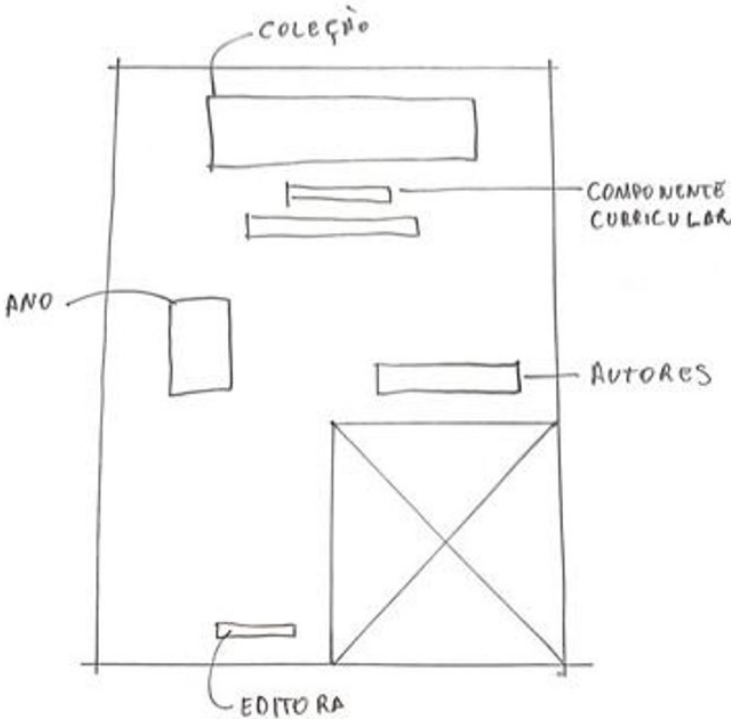
Pensando na Estética e na Atratividade o layout desempenha um papel na estética do livro, tornando-o mais atraente para os estudantes da educação básica. Cores, tipografia e elementos visuais devem ser escolhidos de forma apropriada para manter o interesse e o engajamento.

QUANDO SE TRATA DE IMAGENS COLORIDAS, O DESIGNER DEVE CONSIDERAR TANTO OS CONTRASTES CROMÁTICOS COMO OS DE VALOR. O CONTRASTE SE VERIFICA ENTRE AS CORES NEUTRAS E AS CORES DE ALTA INTENSIDADE; ENTRE CORES FRIAS (AZUL E VERDE) E CORES QUENTES (VERMELHO E AMARELO); E NA JUSTAPOSIÇÃO DELIBERADA DE CORES COMPLEMENTARES (QUE NÃO COMBINAM). CORES COMPLEMENTARES SÃO AS QUE, NUM CÍRCULO CROMÁTICO, SE ENCONTRAM OPOSTAS. UMA À OUTRA; SÃO, TAMBÉM, AQUELAS QUE APARECEM NUMA PÓS-IMAGEM, OU IMAGEM PERSISTENTE, CONSECUTIVA. (SE VOCÊ FIXAR O OLHAR SOBRE UM OBJETO VERMELHO, DURANTE ALGUM TEMPO, E DESVIAR OS OLHOS DE REPENTE PARA LONGE, VOCÊ VERÁ



UMA PÓS-IMAGEM VERDE.) (HURLBURT, 2002, P. 65).

A busca pela Compreensão e Retenção de conhecimentos nos livros didáticos é uma preocupação fundamental na educação. Um layout bem projetado, que adere aos princípios de design gráfico, desempenha um papel crítico nesse contexto. Ou seja, um layout bem pensado em livros didáticos não apenas torna o conteúdo mais agradável visualmente, mas também é uma ferramenta eficaz para melhorar a compreensão e retenção do conhecimento por parte dos estudantes. Ele guia os leitores de maneira eficiente, destaca informações essenciais e cria uma experiência de leitura que facilita o processo de aprendizado. Portanto, o design gráfico e o layout desempenham um papel importante na eficácia dos livros didáticos como ferramentas educacionais.





5 LETRAS E ANIMAIS

ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

- 1 OBSERVE A IMAGEM ATENTAMENTE.



Resposta pessoal.

- A) QUE ANIMAL VOCÊ VÊ? A IMAGEM REPRESENTA UM ANIMAL REAL OU UM ANIMAL IMAGINÁRIO? Resposta pessoal. Espere-se que os estudantes nomeiem a composição de um elefante com uma zebra, e que percebam que se trata de um animal imaginário.
- B) ESCREVA QUAL VOCÊ ACHA QUE SERIA UM BOM NOME PARA ESSE ANIMAL. Resposta pessoal. Sugestões: "zebrante", "zebra", "zebração", "zebração".
- C) VOLTE À IMAGEM E ESCREVA NA LINHA ABAIXO DELA UMA LEGENDA QUE A EXPLIQUE. A atividade pode ser feita individual ou coletivamente. Sugestões: "Zebrafante não encontrado na floresta africana.", "Zebrafante fante do zebrafante de zebrafante (ZFP)."
- D) CRIE SEU PRÓPRIO ANIMAL MISTURADO. FAÇA UMA ILUSTRAÇÃO DELE NO QUADRO AO LADO E ESCREVA O NOME NA LINHA.

Desenho do estudante.

Resposta pessoal.

- 2 O PROFESSOR VAI LER UM TEXTO INFORMATIVO SOBRE UM ANIMAL. OUÇA COM ATENÇÃO.

A HARPIA É UMA DAS AVES DE MAIOR PORTE E PESO EM TODO O PLANETA. ESTA AVE DE RAPINA SE ALIMENTA BASICAMENTE DE BICHOS PEQUENOS E DE TAMANHO MÉDIO, COMO OS MAMÍFEROS E OUTRAS AVES. A EXTENSÃO DE SUAS ASAS ABERTAS ALCANÇA 2,5 METROS E ELA PESA ATÉ 10 QUILOGRAMAS.



HARPIA.

ANA LÚCIA SANTANA, INFOESCOLA. DISPONÍVEL EM: <<https://www.infoescola.com/aves/harpia/>>. ACESSO EM: 11 JUL. 2021. (TEXTO ADAPTADO.)

- A) VOCÊ JÁ CONHECIA A HARPIA? QUAL INFORMAÇÃO SOBRE ELA VOCÊ ACHOU MAIS INTERESSANTE? COMPARTILHE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR. Resposta pessoal.
- B) ESCREVA, NOS QUADRINHOS ABAIXO, AS SÍLABAS QUE COMPÕEM O NOME DO ANIMAL DO QUAL O TEXTO TRATA.

HAR	PI	A
-----	----	---

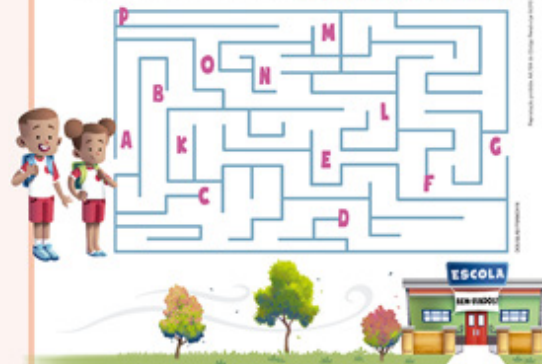
- C) O NOME DESSE ANIMAL TEM 6 LETRAS E 3 SÍLABAS.

- D) PINTO O QUADRINHO COM A SÍLABA MAIS FORTE DESSA PALAVRA.
- E) FALE EM VOZ ALTA A PALAVRA HARPIA E ESCREVA QUANTOS SONS ELA TEM. 6
- F) LEIA A PRIMEIRA SÍLABA DO NOME HARPIA. QUE SONS SÃO PRODUZIDOS? O som de vogal representado pelo hife e mais o som representado pelo r em final de sílaba.

AVALIAÇÃO INICIAL

- 1 ESCREVA SEU NOME COMPLETO (NOME E SOBRENOME). Resposta pessoal.

- 2 BIA E DAVI SÃO IRMÃOS. ELES ESTÃO indo PARA O PRIMEIRO ANO EM UMA ESCOLA NOVA. AJUDE-OS A CHEGAR LÁ, TRAÇANDO O CAMINHO COM O LÁPIS DENTRO DAS MARGENS DA CALÇADA E SEGUINDO A ORDEM ALFABÉTICA DE A A G. A atividade trabalha a coordenação motora fina (pintar o traçado dentro da margem da calçada) e o conhecimento alfabético.



- 3 ABAIXO ESTÃO AS LETRAS DO ALFABETO. PASSE O DEDO POR CIMA DELAS ENQUANTO FALA SEU NOME OU O SOM QUE ELAS REPRESENTAM, SE VOCÊ SOUBER. DEPOIS, CIRCULE AQUELAS QUE JÁ CONHECE. Resposta pessoal. A atividade avalia a familiaridade dos estudantes com o alfabeto e trabalha a consciência sobre as relações grafotônicas, além de propor uma atividade multissensorial das letras.

A B C D E F G H

I J K L M N O P Q

R S T U V W X Y Z

- 4 ESCREVA DUAS PALAVRAS QUE VOCÊ JÁ SABE, FAZENDO UM DESENHO AO LADO PARA REPRESENTAR CADA UMA DELAS. Resposta pessoal. Exemplo: elefante (desenho de elefante para o primeiro).

PALAVRA	DESENHO



PRÁTICAS DE ESCRITA

Leia atentamente sobre esta seção na página XXX deste Manual de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem.

1 AGORA, VOCÊ VAI PRATICAR A ESCRITA DAS LETRAS.



A B C D E F G H I

A B C D E F G H I

J K L M N O P Q R

J K L M N O P Q R

S T U V W X Y Z

S T U V W X Y Z

A) CUBRA COM O LÁPIS OS DIFERENTES FORMATOS DA LETRA A, ENQUANTO FALA O SOM INICIAL DA PALAVRA AVIÃO.



• ESCRIVA A LETRA A NO FORMATO QUE O PROFESSOR INDICAR.

B) CUBRA COM O LÁPIS OS DIFERENTES FORMATOS DA LETRA I, ENQUANTO FALA O SOM INICIAL DA PALAVRA ILHA.

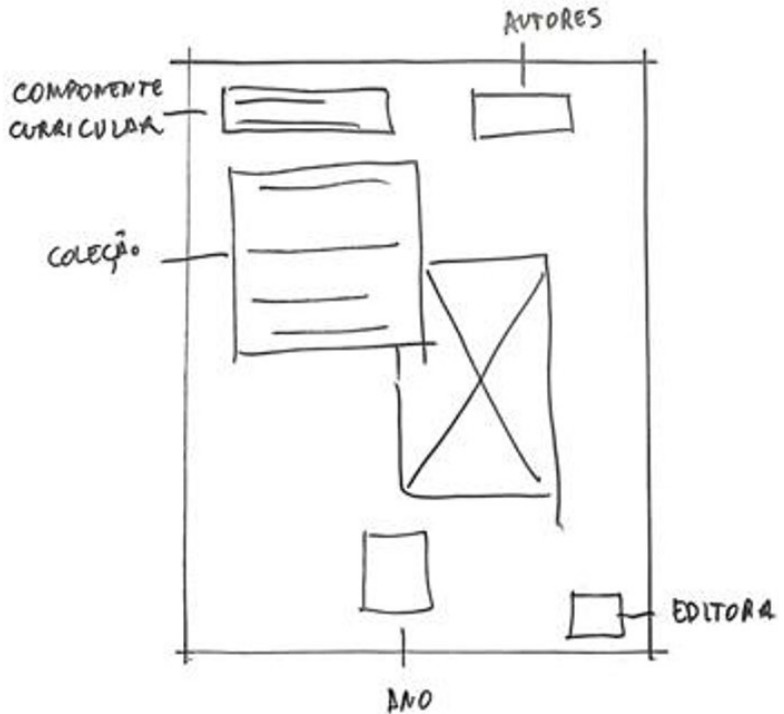
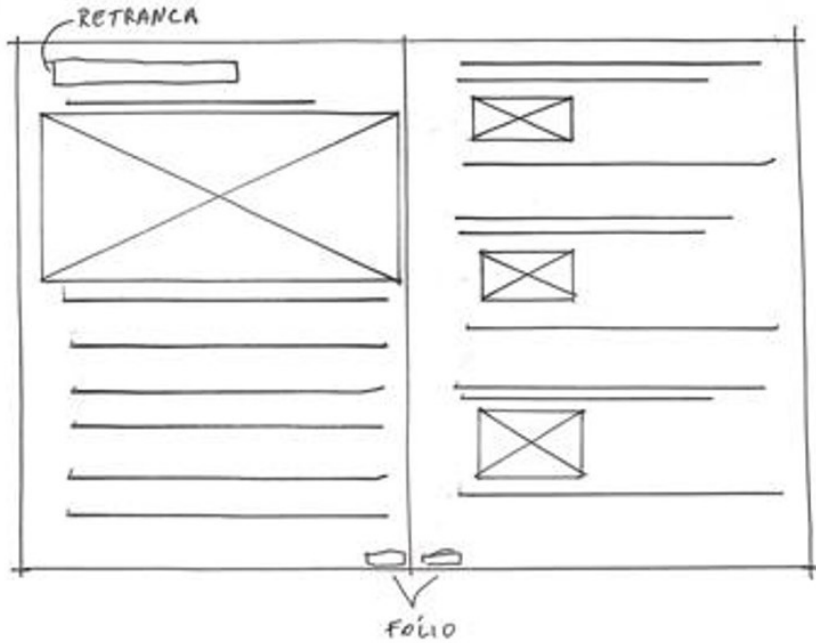


• ESCRIVA A LETRA I NO FORMATO QUE O PROFESSOR INDICAR.

C) CUBRA COM O LÁPIS OS DIFERENTES FORMATOS DA LETRA U, ENQUANTO FALA O SOM INICIAL DA PALAVRA UVAS.



• ESCRIVA A LETRA U NO FORMATO QUE O PROFESSOR INDICAR.



RECREIO

1. VEJA ALGUMAS COMIDAS DA FESTA DE ANIVERSÁRIO DE EDUARDO. CONTE AOS COLEGAS QUAL DELAS É A SUA PREFERIDA. DEPOIS, LIGUE OS NOMES ÀS IMAGENS.

BOLO

BRIGADEIRO

PIFOCA







2. ESCREVA O NOME DE OUTRAS COMIDAS OU BEBIDAS QUE, EM SUA OPINIÃO, NÃO PODEM FALTAR EM UMA FESTA.

Resposta pessoal

3. OBSERVE AS IMAGENS E AS PALAVRAS DO QUADRO A SEGUIR. ESCREVA AS PALAVRAS QUE COMPLETAM A CRUZADINHA, COLOCANDO UMA LETRA EM CADA QUADRINHO.

BOLO
BALÃO

PRESENTE
BRIGADEIRO

VELA









B
I
G
A
D
B
E
I
R
A
D
O

P
R
E
S
E
N
T
E

B
O
L
O

B
A
L
A
O

UNIDADE 1

APRENDER É UMA FESTA!

GABRIEL



As crianças estão em uma festa ao redor da mesa onde está o bolo. ONDE ESTAS CRIANÇAS ESTÃO? E O QUE ELAS ESTÃO FAZENDO? e outros alimentos. Parecem comemorar o aniversário de uma criança.

• VOCÊ JÁ ESTEVE EM UMA FESTA? EM QUE TIPO DE FESTA? QUEM O CONVIDOU?

Resposta pessoal

• DO QUE VOCE MAIS GOSTA EM UMA FESTA?

Resposta pessoal

TCC.indd 80-81

10/06/2024 23:37:36



LEITURA EM VOZ ALTA

VAMOS PLANEJAR UM JEITO DIVERTIDO DE RECEBER NOSSOS CONVIDADOS?
VOCÊ JÁ OUVIU A LEITURA DE UM POEMA? SE SIM, DE QUAL? VOCÊ GOSTOU DELE?
O PROFESSOR VAI LER O POEMA **A ESCOLA**. OUÇA COM ATENÇÃO.

A ESCOLA

TODO DIA,
NA ESCOLA,
A PROFESSORA,
O PROFESSOR,
A GENTE APRENDE,
E BRINCA MUITO
COM DESENHO,
TINTA E COLA.
MEUS AMIGOS
TÃO QUERIDOS
FAZEM FARRA,
FAZEM FILA.
O PAULINHO,
O PEDRÃO,
A PATRÍCIA
E A PRISCILA.

QUANDO CHEGA
O RECREIO
TUDO VIRA
BRINCADEIRA.
COMO O BOLO,
TOMO O SUCO
QUE VEM DENTRO
DA LANCHEIRA.
O SINAL,
NOSSA AULA
CHEGA AO FIM.
ATÉ AMANHÃ,
AMIGUINHOS,
NÃO SE ESQUEÇAM, NÃO,
DE MIM...

ESSE POEMA FAZ PARTE DO LIVRO **AMIGOS DO PITO**, DE CLAUDIO THIBIAS. SÃO PAULO: FORTMOTO, 2016.

CONVERSE COM OS COLEGAS E RESPONDA: SUA ESCOLA É TÃO DIVERTIDA QUANTO A DO POEMA? OUÇA A OPINIÃO DA TURMA COM ATENÇÃO. *Resposta pessoal.*



PLANEJAMENTO

1. COM OS COLEGAS, VOCÊ VAI ENSAIAR A LEITURA EM VOZ ALTA DESSE POEMA PARA APRESENTÁ-LO AOS CONVIDADOS DA FESTA. O PROFESSOR VAI AJUDAR A TURMA A SE PREPARAR PARA A APRESENTAÇÃO.
2. COMBINEM COM O PROFESSOR A ENTONAÇÃO DA VOZ E A POSTURA CORPORAL ADEQUADAS PARA ESSE EVENTO.
3. ANTES DA APRESENTAÇÃO, O PROFESSOR VAI OBSERVAR SUA LEITURA EM VOZ ALTA. ELE COMBINARÁ COM VOCÊ COMO SERÁ ESSE MOMENTO. *Combine com a turma a forma como essa observação acontecerá.*



APRESENTAÇÃO DA LEITURA EM VOZ ALTA

1. COMBINE COM O PROFESSOR O TRECHO DO POEMA QUE VOCÊ VAI LER NO DIA DA APRESENTAÇÃO. TREINE A LEITURA EM CASA.
2. LEMBRE-SE DE QUE É IMPORTANTE MANTER A POSTURA CORPORAL ADEQUADA PARA UMA SITUAÇÃO DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA, ELEVAR A VOZ DE MODO QUE TODAS AS PESSOAS OUÇAM BEM OS VERSOS E FALAR AS PALAVRAS CORRETAMENTE.

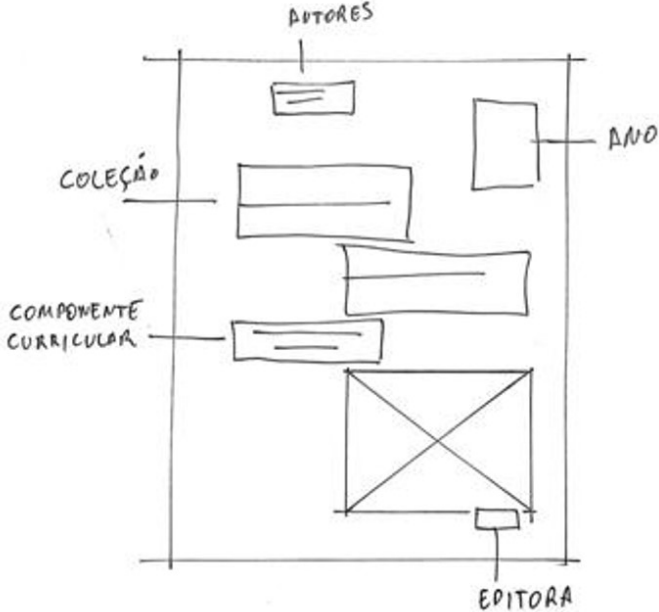
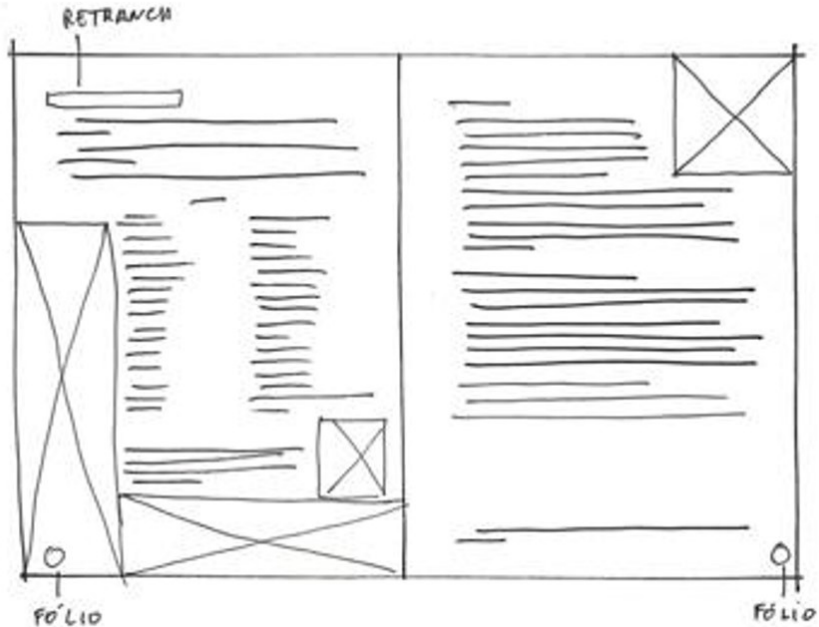
LEITURA EM VOZ ALTA – AUTOAVALIAÇÃO

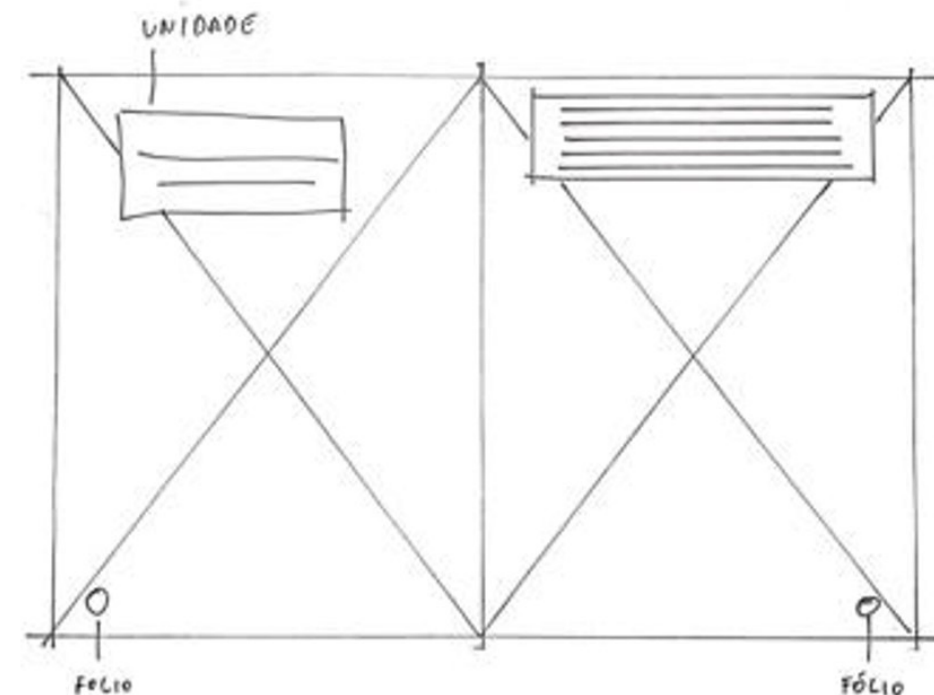
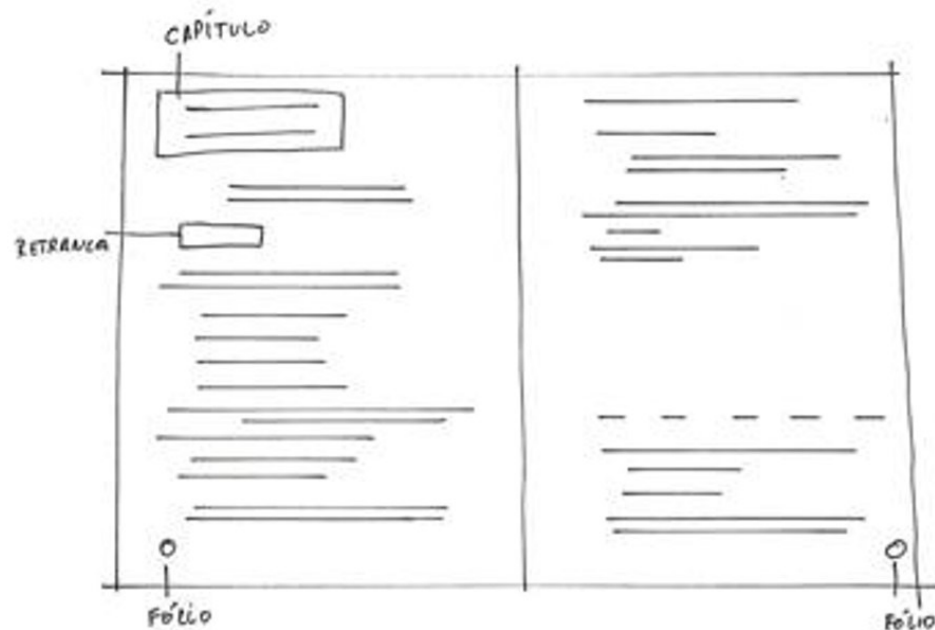
COMO FOI SUA PARTICIPAÇÃO NA APRESENTAÇÃO PARA OS COLEGAS? FAÇA UM **X** NO QUADRO PARA CADA RESPOSTA SUA.

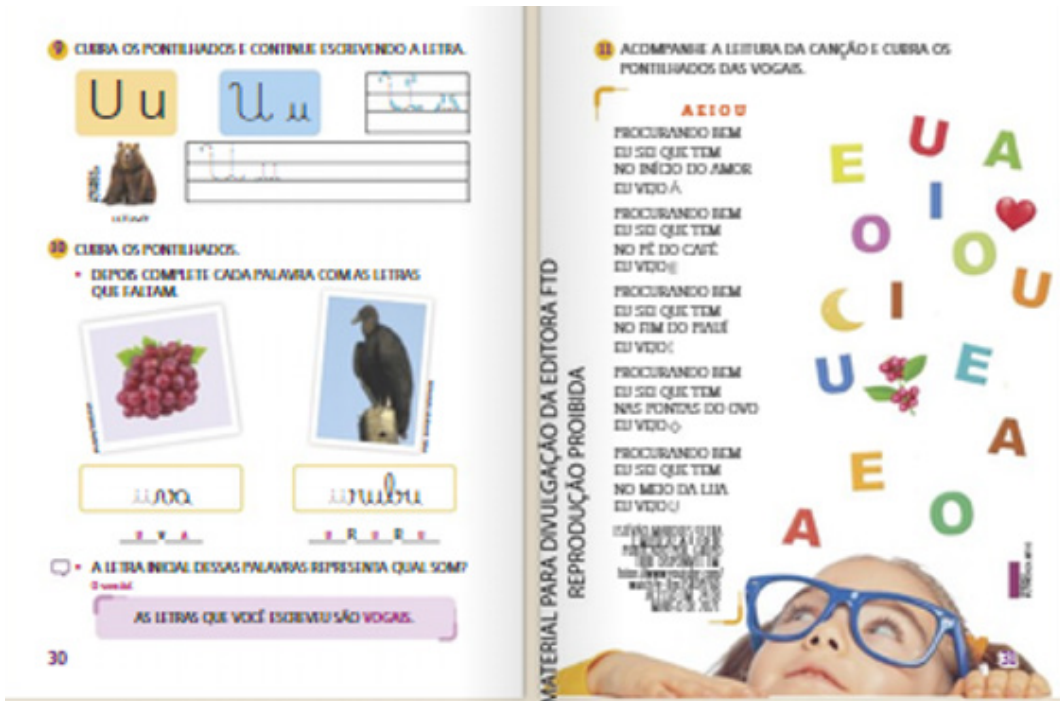
	SIM	NÃO
FIZ A LEITURA EM UM VOLUME DE VOZ EM QUE TODOS PUDERAM ME OUVIR?		
LI TODAS AS PALAVRAS CORRETAMENTE?		
LI AS PALAVRAS DE MODO QUE TODOS PUDERAM COMPREENDER O QUE EU ESTAVA LENDO?		
MINHA POSTURA CORPORAL ESTAVA ADEQUADA?		

CONVERSE COM O PROFESSOR SOBRE SEU DESEMPENHO NESTA ATIVIDADE.

27







Livro Experimental e Livro Objeto: possibilidades no processo de Alfabetização

Este tópico discute o uso de livros experimentais e livros objeto como ferramentas inovadoras no processo de alfabetização. Essas formas não convencionais de livros exploram a relação entre texto, imagem e materialidade para engajar crianças e adultos em uma jornada de aprendizado significativa. Neste contexto, exploramos as possibilidades que esses livros oferecem para a promoção da alfabetização de maneira criativa e eficaz.

A EXPRESSÃO LIVRE-JEU (LIVRO-BRINQUEDO), QUE INCLUI LIVROS OBJETOS LÚDICOS, É CORRENTEMENTE USADA NA FRANÇA PARA DESIGNAR LIVROS BRINCANTES, EXPERIMENTAIS, INVENTIVOS, PERFORMÁTICOS. TODO OBJETO DE TRANSFIGURAÇÃO DA LEITURA QUE MATERIALIZE O SENSORIO, O PLÁSTICO, A ORIGINALIDADE NA CONCEPÇÃO, INTERVENÇÕES POÉTICAS, JOGOS GRÁFICOS E VISUAIS. OBJETOS QUE ESTABELEÇAM UMA NOVA EMOÇÃO NO LEITOR - INFORMANDO, ESTIMULANDO, INTRIGANDO, COMOVENDO E ENTRETENDO (PAIVA, 2010, P. 91).

A alfabetização é um dos pilares essenciais da educação, sendo o ato de ler e escrever fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social do homem. Tradicionalmente, os livros são ferramentas fundamentais no processo de alfabetização. No entanto, uma abordagem inovadora e criativa tem sido explorada com a introdução de livros experimentais e livros objeto. Essas categorias de livros rompem com a forma tradicional de narrativa e incorporam elementos visuais, táteis e sensoriais para envolver os



leitores de maneira única.

O LEITOR PASSA DECISIVAMENTE A SER VISTO COMO O AGENTE, AQUELE QUE ATUALIZA A OBRA. SEJA IMAGINANDO VIDA ONDE HÁ MATÉRIA, SEJA ENCANTANDO-SE COM A SUBJETIVIDADE DA POESIA VISUAL DAS PÁGINAS E ABERTURAS — RECURSOS GRÁFICOS, TIPOGRÁFICOS, DE TENDÊNCIA CALIGRAMÁTICA, IDEOGRAMÁTICA, GEOMÉTRICA OU ABSTRATA (PAIVA, 2010, P. 93).

Os livros experimentais desafiam as convenções tradicionais da narrativa e do design de livros. Eles podem apresentar narrativas não lineares, abordar temas complexos por meio de metáforas visuais e permitir uma experiência de leitura interativa. No contexto da alfabetização, esses livros fornecem oportunidades para a exploração criativa da língua escrita. E como afirma Mendonça (2018) “O livro objeto na atualidade se abre para interação, onde a narrativa está além do suporte, mas na ação do leitor” (p,81), assim eles estimulam a curiosidade, a interpretação individual e a expressão artística. As crianças, em particular, podem desenvolver habilidades de leitura e escrita de maneira mais envolvente e pessoal ao interagir com livros experimentais.

Os livros objeto são obras que transcendem a simples leitura para se tornarem experiências tridimensionais. Eles incorporam elementos táteis, como dobraduras, cortes, texturas e materiais não tradicionais.

O LIVRO-OBJETO ESCONJURA A FILIAÇÃO CLICHÊ. PRETENDE A PARTICIPAÇÃO E NÃO O EXÍLIO DO LEITOR. EXPERIMENTA CONTEÚDOS, FORMAS, EFEITOS, MATERIALIDADES, FUNÇÕES, NOVA DISPOSIÇÃO ESPAÇOTEMPORAL, SONORIDADES, DESLOCAMENTOS, LEVEZAS, FRONTEIRAS, LIMITES, ESTRANHAMENTOS. ABRE ESPAÇO PARA A POÉTICA DA IMAGEM, E TUDO NELA QUE ENUNCIA, SIGNIFICA — SEJA VERBAL, SEJA NÃO VERBAL. COMO NOVO TIPO DE CHAMAMENTO, ESTIMULA E APELA PARA NOVAS LEITURAS, ENTENDIMENTOS, HIPÓTESES DE SENTIDO. POR ISSO MESMO, DESPERTA FUNÇÕES INIMAGINÁVEIS NO LIVRO. A ESTRUTURA CONVENCIONAL DO LIVRO, QUE O FRAGMENTA EM PARTES LÓGICAS - PRÉ-TEXTUAL, TEXTUAL, PÓS-TEXTUAL, EXTRATEXTUA — É REVISTA, ENTRA EM CRISE. EM PARTE AUTÔNOMA, OU SEJA, AGINDO POR LEIS PRÓPRIAS (TUDO É... SENDO...), EXPERIMENTAIS, QUE ACEITAM AUSÊNCIAS E EXCESSOS, A ESTRUTURA NO LIVRO-OBJETO LÚDICO ENCONTRA-SE A SERVIÇO DA TRANSFORMAÇÃO E OCUPA NOVOS LUGARES ENUNCIATIVOS PELO CONTRASTE E VARIEDADE QUE COLOCA À MOSTRA (PAIVA, 2010, P. 95, GRIFOS DA AUTORA).

No contexto da alfabetização, os livros objeto permitem que os leitores explorem letras, palavras e conceitos de uma forma mais concreta. Isso é especialmente benéfico para crianças em idade escolar e aquelas com dificuldades de leitura. Os livros objeto podem desencadear a curiosidade, a exploração sensorial e o entendimento conceitual de maneira única.

MAS O QUE A EXPERIÊNCIA DO LIVRO-OBJETO REALÇARIA DA FONTE (NEO)CONCRETA? IMAGENS SONORAS, POESIA VISUAL, FORMAS LIVRES, REINTERPRETAÇÕES DO ESPAÇO NARRATIVO, EXPERIMENTAÇÃO DE MATERIAIS E ARTICULAÇÃO DAS PARTES COMPOSITIVAS. A MOTIVAÇÃO DA CENA ARTÍSTICA REFLETE FUSÃO E INTERPENETRAÇÃO ENTRE PINTURA, FOTOGRAFIA, LITE-



RATURA, COLAGEM, MONTAGEM, DESENHO, ESCULTURA, FUNDIÇÃO, IMPRESSÃO. O RESULTADO É UMA MUDANÇA DE LUGAR QUE NOS AFETA ATÉ HOJE: LIVRO NA ESTANTE, NO PONTO DE VENDA, MERCADORIA, NAS INSTALAÇÕES DE GALERIAS, COMO INTERVENÇÃO, OBJETO LÚDICO, ARTE - COMO NO LIVRO-ESCULTURA DE ZITTO BEDAT, E READING CHAIR DA DEBOUND DESIGN. DEGRAUS TRANSPOSTOS (PAIVA, 2010, P. 93).

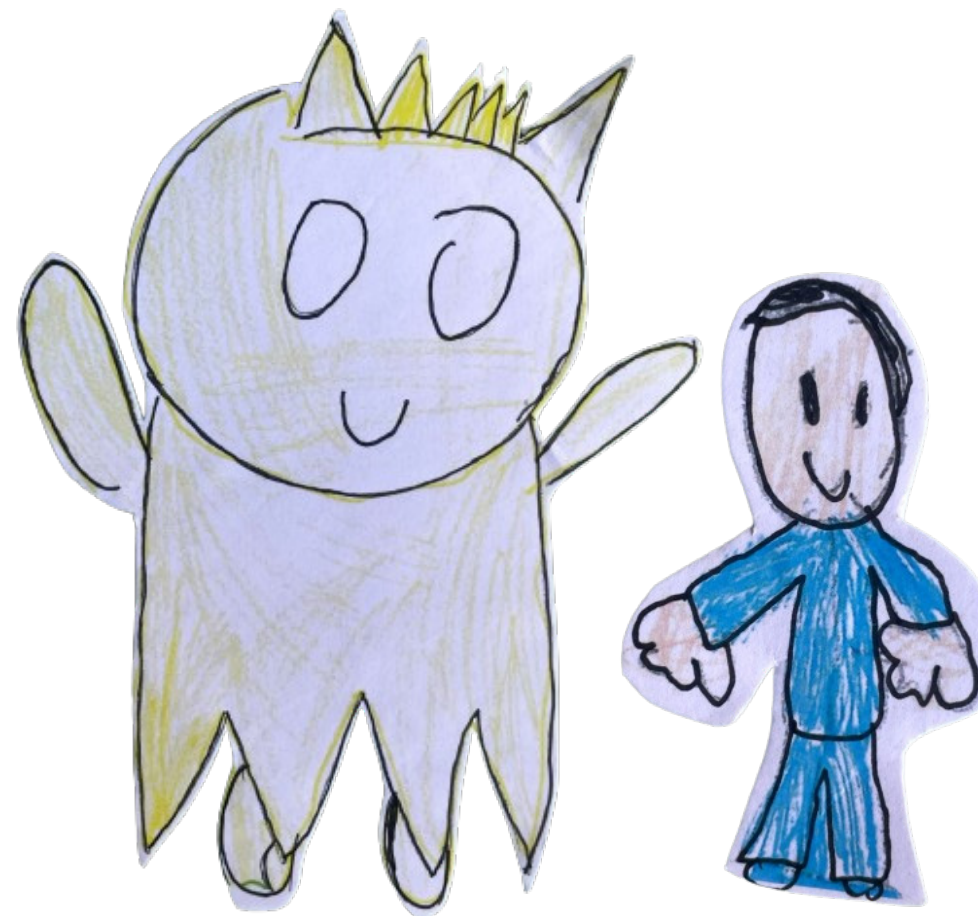
Os livros experimentais e os livros objeto oferecem possibilidades valiosas no processo de alfabetização. Eles podem: a) Ao explorar narrativas não convencionais e formatos únicos, esses livros encorajam a imaginação e a criatividade dos leitores; b) A materialidade dos livros objeto permite que os leitores experimentem a linguagem de forma mais sensorial, associando letras e palavras a experiências táteis; c) A natureza interativa desses livros permite que os leitores personalizem sua experiência de aprendizado, adaptando-a às suas necessidades e interesses; d) Os livros objeto, em particular, podem ser úteis para pessoas com deficiências de leitura, tornando o processo de alfabetização mais inclusivo; e) Ambas as formas de livros podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, compreensão e expressão.

LIVRO QUE EXTRAPOLA O CONCEITO FORMAL DO LIVRO FADADO À LEITURA LINEAR, DE COMEÇO, MEIO E FIM RITMADOS PELA SEQUÊNCIA INERTE, DIRETIVA, OBJETIVA. PLÁSTICO, INQUIRIDOR, AUTÊNTICO. ZIGUEZAGUEANTE. SEDUTOR EM EXPRESSIVIDADE E DIRECIONAMENTOS DE LEITURA. DESCRITIVO EM BRANCOS, RELEVOS, COMPOSITIVO EM ENCAIXES, GRATUITO EM EXTRAS. RAZER INTELLECTUAL, TÁTIL, VISUAL, PERCEPTIVO. SOBRETUDO PRAZER MANIPULADOR. DAQUELE LEITOR QUE CONDUZ A VIAGEM,

REORGANIZA OS ACHADOS, IDENTIFICA OS CAMINHOS, ALCANÇA ESTIMULAÇÕES. LIVRO ARTESANAL DE APELO COGNITIVO ESPECIAL. COMO A MENTE HUMANA E O FAZER HUMANO, ÚNICO. TRANSFIGURADOR DO LUGAR-COMUM DO LIVRO — DIDÁTICO, DE FIM DE SEMANA, BEST-SELLER. HARMÔNICO, BELO, TALENTOSO. REVELADOR DO ARTISTA E DOS MEIOS, DAS REFERÊNCIAS EDITORIAIS-ARTÍSTICAS E DOS ELEMENTOS ESTÉTICOS BÁSICOS (LINHA, PONTO, VOLUME, PESO, COR, DIREÇÃO, FORMA, ESCALA), DE SITUAÇÕES DE COMPOSIÇÃO VARIÁVEIS: LÍMITROFES OU REVISTAS. LIVRO COM APTIDÃO REUNIDORA - DE CONHECIMENTOS, DESENVOLTURAS E VISUALIDADES. INTENSO, EMPENHADO NA VOCAÇÃO DE MOTIVAR A LEITURA ÍNTIMA, INDIVIDUALIZADA, ASSIM COMO A PERCEPÇÃO ENGAJADA ENTRE UM PÚBLICO ESPECIALISTA MAS HETEROGÊNEO. LIVRO EM ÊXTASE, CONTENTAMENTO. INCITADOR DE INTERESSES, ESCUTAS, CURIOSIDADES, AGITAÇÕES, DESVIOS, ESPERAS. PRESENTEADOR. ACRESCIDO E AUMENTADO EM VALOR - DURANTE A LEITURA, CONTATO, CONVÍVIO. LEVADO AO CLÍMAX. O APPEAL CENTRAL - FABRICADO PELAS MÃOS DO HOMEM - REVIGORA-SE POR VEZES NUMA MAGIA. O LIVRO REVÊ SEU RITUAL. CRIA ILUSÃO E SUGESTÃO POR MEIO DE TRUQUES, TÉCNICA, ARTIFÍCIOS, ARTE. ALQUIMIA! SAÍDO DE UMA PROGRESSÃO LINEAR PARA ESTA CRESCENTE PREDOMINÂNCIA DE BELEZA ESTÉTICA, ESMERO, EUFORIA ARTÍSTICA, PLURALISMO. A COMPOSIÇÃO DO LIVRO-OBJETO IRMANA FORMA E CONCEITO. GERA ENFIM CATEGORIA DE LIVRO PERFORMÁTICO, HERDEIRO DE IDEIAS PREEXISTENTES APERFEIÇOADAS. LIVRO NÃO DEFASADO. ULTRAENGAJADO. INESPERADAMENTE SURGIDO, CONTRAPOSTO AO ÓBVIO. A FILOSOFIA RESUMIDA DESSAS EDIÇÕES INCLUI A ALTA SENSIBILIDADE DO HOMEM PARA MATERIAIS E FORMAS, INVESTIGAÇÃO, DIÁLOGO, AMOSTRAGEM, ACEITAÇÃO

DO EMBATE E BUSCA PELO BELO. ELEVANDO O LIVRO A UM ESTADO DE ÂNIMO, VIVACIDADE, REFLEXÃO, ESPECULAÇÃO; ÀS VEZES RISO SOLTO, LEVE - LIVRO ADORADO, QUE ALEGRA E DIVERTE A ALMA DO LEITOR (PAIVA, 2010, P. 128).

Os livros experimentais e os livros objeto oferecem possibilidades empolgantes e inovadoras no processo de alfabetização. Eles desafiam as abordagens tradicionais, incentivam a exploração criativa e possibilitam uma compreensão mais profunda e envolvente da linguagem escrita. Incorporar essas formas de livros na educação pode ampliar o alcance e o impacto do processo de alfabetização, tornando-o mais inclusivo e estimulante.





DESENVOLVIMENTO DO PROJETO





Nesta parte, desenvolvemos os elementos teóricos e perceptivos que irão estruturar o projeto, conforme proposto por Fuentes. Este é o momento de integrar e compreender as discussões e descobertas realizadas ao longo da pesquisa, apresentando aqui uma síntese abrangente de toda a contextualização do estudo.

Comitê de ética e a pesquisa

A submissão de projetos de pesquisa ao comitê de ética é um componente essencial para assegurar que as pesquisas sejam conduzidas de maneira ética, legal e científica. Este processo protege os participantes, melhora a qualidade da pesquisa e fortalece a confiança pública e científica nos resultados obtidos.

No dia 27 de outubro de 2023, fomos informados que o projeto que tem como pesquisador responsável Rodrigo Fideles Fernandes Mohn, foi recebido para análise ética no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

Sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética de número 75265323.1.0000.0037 e parecer 6.566.623, o CEP informa que o Projeto de Pesquisa foi “aprovado”, e ainda, Informações ao pesquisador referente à aprovação do referido protocolo:

1. A aprovação deste, conferida pelo CEP PUC Goiás, não isenta o Pesquisador de prestar satisfação sobre sua pesquisa em casos de alte-

rações metodológicas, principalmente no que se refere à população de estudo ou centros participantes/coparticipantes.

2. O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP PUC Goiás, via Plataforma Brasil, relatórios semestrais do andamento do protocolo aprovado, quando do encerramento, as conclusões e publicações. O não cumprimento deste poderá acarretar suspensão do estudo.

3. O CEP PUC Goiás poderá realizar escolha aleatória de protocolo de pesquisa aprovado para verificação do cumprimento das resoluções pertinentes.

4. Cabe ao pesquisador cumprir com o preconizado pelas Resoluções pertinentes à proposta de pesquisa aprovada, garantindo seguimento fiel ao protocolo.

Mudança de Rota: Relato de Pesquisa por Observação

A pesquisa que conduzimos foi intitulada “O Uso do Livro Experimental no Processo de Alfabetização de Crianças: Um Estudo sobre o Impacto na Formação de Professores e no Desenvolvimento das Habilidades de Leitura e Escrita”. Inicialmente, nossa abordagem focava no livro como um dispositivo educacional e no único instrumento capaz de transformar a realidade da educação.

Observamos que, em muitas realidades, o livro di-

dático é o único recurso que proporciona o acesso à escrita para as crianças. Dedicamos todo o TCC 1 ao estudo do uso do livro didático na formalização da sala de crianças de 6 anos, buscando realizar uma transição qualitativa para o livro experimental.

Nossa metodologia de pesquisa nos levou a realizar observações de campo em relação às crianças de 6 anos e seus materiais didáticos. Estivemos na sala nos dias 29 de fevereiro, 6 e 15 de março, das 7h às 15h, para uma observação completa do dia a dia das crianças em seu contexto escolar.

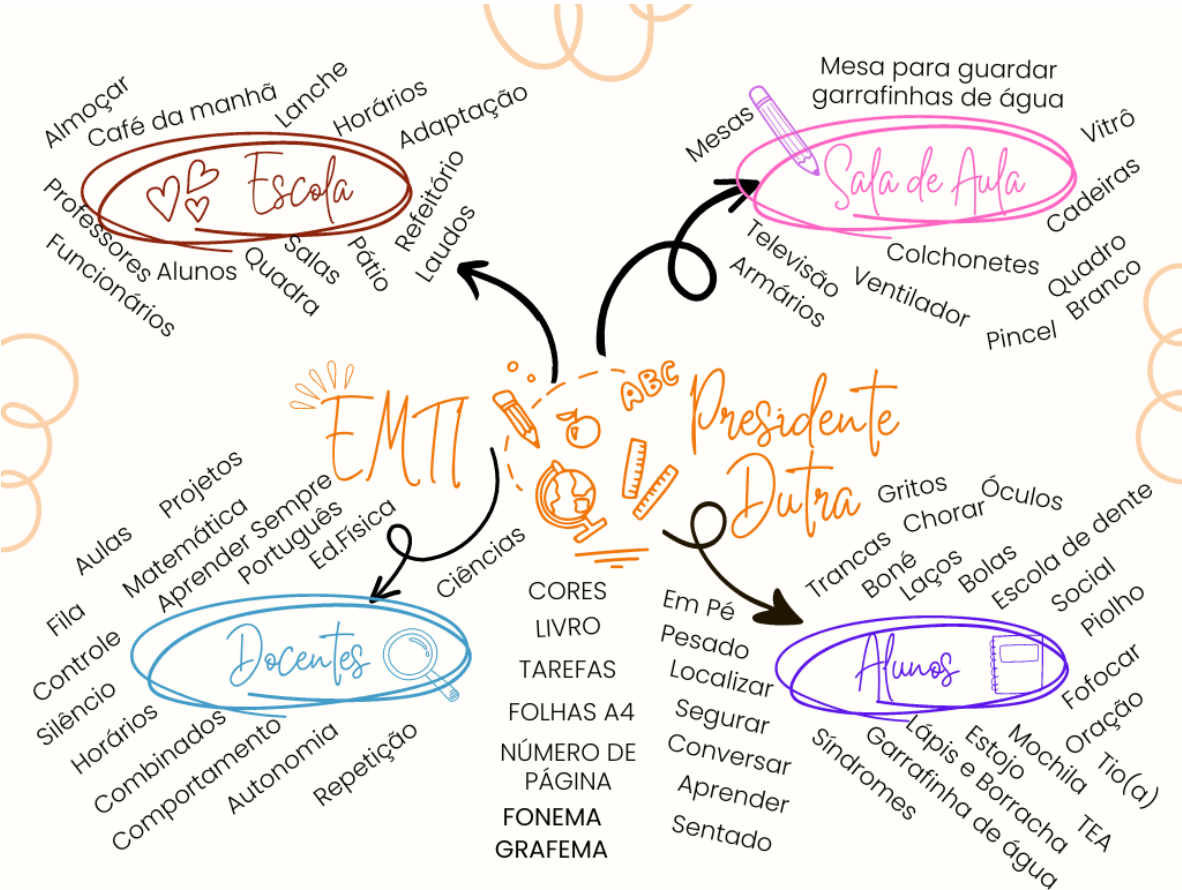
Durante esses dias, ao chegarmos à escola, interagimos diretamente com as crianças e observamos como elas lidavam com seus materiais escolares: livros, folhas, estojos, mochilas, cadernos e lápis, sem exceção.

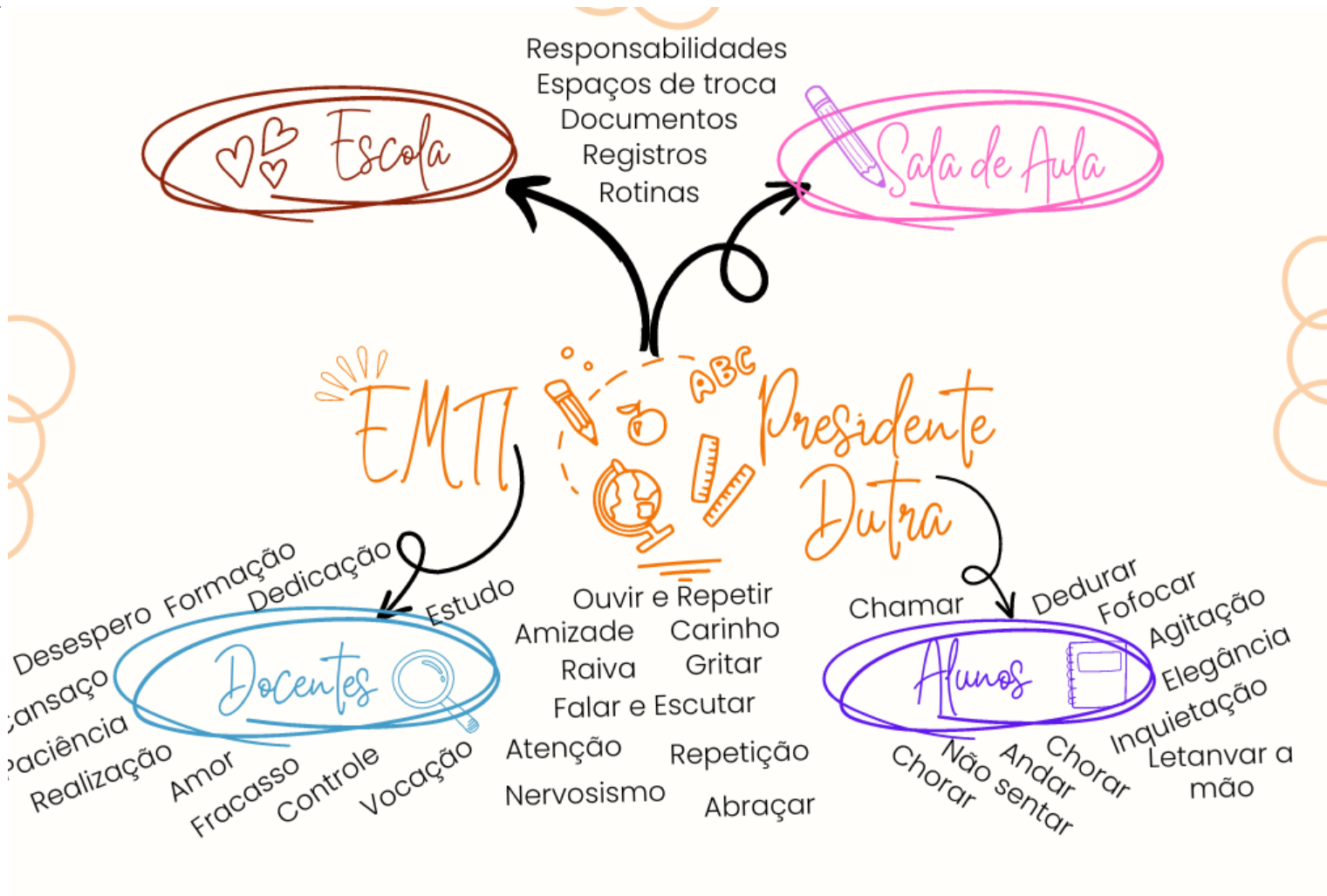
Durante essas observações, identificamos algumas realidades preocupantes. Por exemplo, algumas crianças não conseguiam segurar os livros didáticos devido ao peso e à espessura da lombada. Os estojos, com desenhos atrativos, chamavam mais atenção do que as atividades propostas. O cheiro e a cor das borrachas distraíam as crianças. Os lápis eram frequentemente perdidos e nunca tinham ponta.

A partir dessas observações, chegamos a uma conclusão inesperada: a principal dificuldade no processo de alfabetização dessas crianças não estava relacionada aos materiais, ao layout, à tipografia, à coloração ou ao conteúdo dos livros, mas sim à forma como elas lidavam com suas emoções.

Diante dessa constatação, eu e minha orientadora decidimos realizar uma mudança significativa no projeto. Optamos por focar nossa pesquisa na relação entre as crianças e suas emoções, mantendo, contudo, a abordagem de estudo sobre os aspectos tipográficos, de layout, coloração e materiais dos livros como parte integral do trabalho.

Essa mudança representou um salto qualitativo na pesquisa. Ao ouvirmos atentamente nosso público-alvo e observarmos sua relação com as demandas sociais específicas, percebemos que nossas suposições iniciais não refletiam a realidade encontrada.





Lápis Levantar a mão O fulano fez/disse...

Abraços Oh Tio/Tia



Relação Fonema-Grafema Forma de escrita

CC BB
A B
A B

Definição de Personas a Partir da Observação de Campo

Esses perfis foram construídos com base em dados reais coletados diretamente de interações com a sala de crianças da escola pesquisada. Uma das metodologias mais eficazes para a construção de personas é a observação de campo, que envolve a imersão dos pesquisadores no ambiente dos usuários para observar comportamentos, necessidades e interações.

A observação de campo é uma técnica qualitativa que consiste em coletar dados através da observação direta dos usuários em seus contextos naturais. Essa abordagem oferece uma compreensão profunda e contextualizada dos comportamentos e motivações dos usuários.

A definição de personas a partir da observação de campo foi uma prática muito interessante que proporcionou uma compreensão rica e contextualizada dos usuários. Esse processo não apenas ajudou a identificar quem são os usuários, mas também revelou as motivações e comportamentos que devem guiar o desenvolvimento de soluções mais eficazes e centradas no usuário.

Amanda

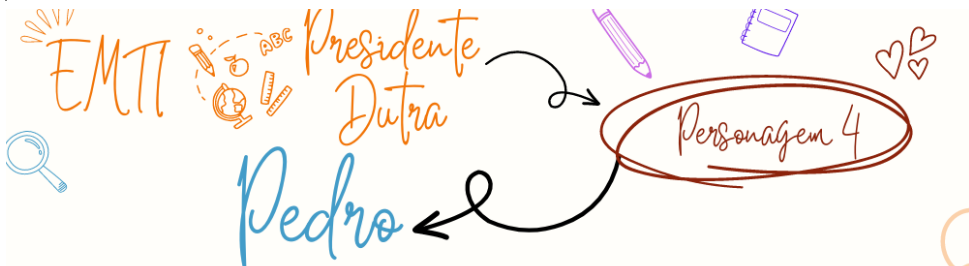
Sou uma menina parda com cabelo liso, curtos e castanhos. Tenho 6 anos e venho de uma família com dificuldades financeiras. Sou custosa, implicante, nervosa e muitas vezes quando sou confrontada grito e fala até palavrões. Por essas questões tenho muitas dificuldades para aprender. Em muitos momentos sou retirada da sala para ver se me acalmo.

Bianca

Sou uma menina negra de cabelos crespos que gosta de escrever e pintar, tenho 6 anos de idade. Sou dedicada e atenciosa nos estudos, por isso tenho facilidade em aprender. Adoro fazer amizades e sou muito carinhosa. gosto muito de cuidar dos meus cabelos e adora a cor rosa.

Gabriel

Sou um menino que tenho minhas especificidades, tenho laudo de algo me que faz ser muito inquieto e nervoso, principalmente quando não me deixam fazer o que eu quero na hora que quero. Tenho 6 anos e sou branco de cabelos curtos e castanho claros. Por ter dificuldades de aprendizagem preciso de mais atenção e cuidado. Ainda tenho alimentação seletiva. Mas gosto de carinho.



Sou um menino negro que tem 7 anos e gosto muito de comer. Não dou trabalho em sala de aula por ter facilidade em aprender. Sempre estou quieto, em silêncio e fazendo o que os professores solicitam. Sempre presto atenção nas aulas. E muitas vezes passo despercebido pelos professores, quase sou invisível. As vezes que levanto é para mostrar as tarefas feitas.



Sou um menino de 7 anos que usa óculos. Adoro fazer amigos, sou muito carinho e sensível. Muitas vezes brinco sozinho e adoro passear pela sala de aula. Tenho dificuldades de linguagem e não aprende de primeira. Ainda não sei segurar o lápis com precisão. Sou branco e tenho cabelos curtos e pretos. Sou um pouco gordinho. Alguns falam que tenho alguma coisa diferente, não sei o quê.



Relato da atividade de contação de história para criação das ilustrações pelas crianças

Na sexta-feira, dia 12 de abril de 2024, estive no período integral, das 7 horas da manhã às 17 horas da tarde, com a sala de 1º ano do ensino fundamental, tive o privilégio de estar na Escola em questão que é uma instituição dedicada ao ensino fundamental e atende do 1º ao 5º ano, localizada na 11ª avenida do setor universitário. Minha visita foi especialmente marcada pela oportunidade de testemunhar todo o trabalho dos professores que ministram aulas na sala em questão, destacamos que é uma de alfabetização.

Ao entrar na escola, fui calorosamente recebido pela diretora, a professora Larissa, uma profissional dedicada a educação e pelo processo de ensino-aprendizagem das crianças. Ela gentilmente me conduziu até a sala de aula do 1º ano.

Ao adentrar a sala, fui envolvido por um ambiente modificado, pois as paredes estavam decoradas com cartazes coloridos que traziam informações sobre os números e alfabeto, além de cartaz que sugeria um semáforo, no qual debatia os combinados sociais com as crianças, algo havia mudado, pois antes as paredes eram “peladas”.

No período matutino fiquei auxiliando a professora com as crianças nas atividades propostas pela professora Sol. Antes das atividades as crianças foram tomar café e quando retornaram para a sala de aula, a professor iniciou as atividades re-



lacionadas ao Numeramente e ao Letramento. No numeramento a atividade estava relacionada a sequência numérica, de 1 a 50, na qual alguns números foram substituídos por frutas e legumes, e a criança precisava descobrir quais números estavam faltando. Ainda trabalhou com dezena e dúzia.

No recreio houve dois episódios que preciso destacar. O primeiro foi entre o Kaio e o João Guilherme (autista com comprometimento da fala). João queria que Kaio brincasse com ele de pega-pega, porém Kaio não queria, sendo assim João brigou e foi correndo para a sala chorando, vendo isso, procurei João e perguntei o que estava acontecendo, com muita dificuldade entendi o que se passava, voltei ao pátio e chamei Kaio, perguntei sua versão e ambas estavam próximas. Pedi para Kaio me acompanhar até a sala e conversar com João, Kaio explicou queria brincar de outra coisa e João não entendeu, perguntei se Kaio poderia brincar um pouco de pega-pega, ele disse que sim, e pronto. Tudo resolvido.

Ao final do recreio, outro conflito, agora entre Conrado e Davi Luca. Um dizendo que o outro chutou, bateu e outras tantas coisas. Então perguntei: quem começou? E ninguém dava o braço a torcer. Vendo que não iam ceder, perguntei como poderiam resolver? E ambos disseram em pedido de desculpas, porém mais uma vez, ninguém queria ser o primeiro. Contei até três e ambos pediram desculpa e se abraçaram. Tudo resolvido? Não. Pois Conrado havia ficado magoado com a atitude do colega e por vários momentos durante a aula, chorou. Fui conversar com todas as vezes e expliquei que podia sentir a mágoa, mas precisa esque-



cer... ao final do dia antes de ir embora, me pediu um abraço, para isso me abaixei e o abracei.

Após o recreio, que é de 15 minutos, a professora trabalhou com o letramento foi trabalhado com as crianças rima utilizando a seguinte parlenda:

Galinha choca
Comeu minhoca
Saiu pulando
Feito pipoca



Com essa parlenda as crianças precisavam copiar no caderno e pintar os espaços entre palavras de vermelho e as três palavras que rimavam de verde. Ainda utilizando da parlenda a professora distribui círculos para as crianças criarem a galinha. Essa atividade foi interrompida pelo almoço das crianças.

Quando as crianças estavam no almoço, conversei com a professora se havia a possibilidade de desenvolver duas atividades com as crianças. A professora, explicou que em seu planejamento iria continuar a atividade da parlenda, porém não tinha problema em me ceder a aula. Então combinamos que após a soneca das crianças eu assumiria a turma.

Hoje, pude testemunhar um momento especial na sala de aula das crianças. Logo após o intervalo, elas retornaram, cada uma pegando seu colchonet e arrumando seu lençol com cuidado. O ambiente estava tranquilo, pois era hora da soneca. Destaco o professor João, de artes, que acompanha todo o processo com carinho e atenção, atendendo às necessidades individuais de cada criança.



É claro que nem todas conseguem adormecer imediatamente, mas João, com muita paciência, conversa e acalma cada uma, garantindo que todas, pelo menos, descansem e fiquem quietas durante o período. Após a soneca, João inicia o processo de acordar as crianças, começando por aquelas que estão mais próximas e, aos poucos, envolvendo todas na transição para a próxima atividade.

Com os colchonetes guardados e a sala organizada, a professora Sol chega para assumir a turma. Ela me passa as orientações para a atividade planejada. Preparei todo o material necessário: lápis de cor, canetas hidrográficas, giz de cera, lápis de escrever, borracha e papéis de diversas cores. Tudo isso para proporcionar às crianças a oportunidade de expressarem livremente suas produções, inspiradas nas histórias “O Monstro das Cores” e “O Monstro das Cores Vai à Escola”, da autora Anna Llenas.

O objetivo era que as crianças pudessem criar desenhos relacionados às histórias, deixando fluir sua imaginação e criatividade. Ao observá-las envolvidas na atividade, pude perceber a alegria e o entusiasmo em cada traço, demonstrando o impacto positivo da arte e da narrativa em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Foi um momento gratificante e inspirador, que reforçou a importância de proporcionar experiências significativas e estimulantes no ambiente escolar.

Na sessão de contação de histórias para as crianças, o primeiro livro escolhido foi “O Monstro das Cores”. Ao introduzir a narrativa, expliquei o enredo e a proposta, garantindo que todos estivessem



confortáveis e atentos. Ao mencionar a palavra “monstro”, pude perceber o espanto nos rostinhos curiosos das crianças, todas com cerca de seis anos de idade. No entanto, logo mergulhamos na história e elas entenderam que o monstro não era assustador, mas sim um personagem com uma confusão em suas emoções.

Durante a narrativa, explorei os conceitos de emoções, verificando se as crianças compreendiam. Fiquei satisfeito ao constatar que muitas delas já tinham algum entendimento sobre o assunto. O enredo girava em torno de um monstro capaz de mudar de cor de acordo com o sentimento que experimentava: amarelo para alegria, azul para tristeza, e assim por diante.

Destaco o aluno João Vinícius, que expressou seu desconforto ao perceber que a cor azul estava associada à tristeza, uma vez que ele gostava muito da cor. Ele compartilhou sua opinião várias vezes durante a história, enfatizando que o azul não deveria ser sempre relacionado à tristeza.

À medida que a história avançava, cheguei ao final e fiz uma pergunta às crianças: “E agora, o que vocês estão sentindo?” Ao mostrar uma imagem na cor rosa, todos concordaram unanimemente que representava o amor.

Foi uma experiência enriquecedora observar as reações e reflexões das crianças diante da história do monstro das cores. O livro proporcionou não apenas entretenimento, mas também uma oportunidade valiosa para discutir e compreender as emoções de forma lúdica e acessível para elas.



Após a contação da história, dei início à atividade de criação. Previamente, havia organizado todo o material em quatro potes coloridos distribuídos pelos cantos da sala, explicando a importância de pegar um item de cada vez para garantir que todos tivessem acesso ao material. No entanto, enfrentamos alguns contratempos nesse processo, como era de se esperar.

Distribuí folhas brancas e pedi que as utilizassem para desenhar seus próprios monstros ou elementos relacionados à história. Iniciei o processo de criação, observando as dúvidas e perguntas dos alunos, os quais deixei bastante livres para expressarem sua criatividade.

Destaco algumas crianças que se destacaram durante a atividade. O aluno Arthur veio até mim diversas vezes perguntando se poderia desenhar um carro. A cada vez, eu o questionava sobre qual sentimento queria expressar com o desenho, e ele sempre retornava ao seu lugar sem concluir a ideia.

É importante mencionar a aluna Abrill, que é venezuelana. Seus desenhos refletem sua cultura colorida, alegre e vibrante. Ela produziu três desenhos, todos eles repletos de cores vivas, demonstrando sua liberdade criativa e a influência da cultura local em sua infância.

Outro destaque é o aluno Antônio, que é negro. Ao desenhar seu personagem, um ser humano representado por simples traços, ele escolheu pintar o rosto com uma cor marrom bastante evidente. Ao ser questionado sobre sua escolha, ele justificou que utilizou essa cor por não encontrar uma que

representasse sua própria cor de pele. Eu expliquei que não estava questionando a cor, especialmente por ser a sua própria cor, mas sim a forma como ele estava usando o lápis, pois os detalhes do rosto não estavam visíveis. Antônio apenas me olhou e não respondeu, deixando a pergunta em aberto.

Durante a contação da história, algo que merece ser observado e relatado foi a reação dos alunos quando o tema da emoção raiva foi abordado. De forma unânime, eles mencionaram o nome de outra aluna, Bárbara, afirmando que ela costuma expressar essa emoção em diversos momentos. Bárbara concordou com essa observação e compartilhou que estava ciente disso e se esforçava para lidar com esses momentos.

Destaco também o aluno João Vinicius, que produziu um desenho excepcional durante a atividade. Ele expressou o desejo de levar o desenho para casa em várias ocasiões, apesar de eu explicar que o devolveria após a utilização em sala. Foi necessário repetir essa explicação algumas vezes.

Outra situação ocorreu com a aluna Ester, que também solicitou levar seu desenho para casa para presentear sua avó. Ao ouvi-la, dei a ela outra folha em que pudesse fazer um presente especial para sua avó. Ester ficou radiante e desenhou um lindo coração.

Na segunda parte da atividade, expliquei a cada aluno que havia concluído a primeira etapa que agora teríamos papéis de cores específicas: rosa para amor, verde para calma, amarelo para alegria e azul para tristeza. Perguntei individualmen-



te a cada um sobre o que gostariam de desenhar. A maioria escolheu o papel rosa, porém, ainda precisamos analisar de perto esses desenhos para compreender melhor as relações entre o desenho e os sentimentos representados.

Enquanto estávamos finalizando a atividade, a professora me informou que o recreio estava próximo. Então, pedi que terminassem e deixassem as atividades em cima de suas mesas, porém, algumas crianças optaram por ficar na sala desenvolvendo seus desenhos em vez de irem para o intervalo.

Após o retorno do recreio, perguntei à professora se poderia continuar a atividade ou se ela preferia retomar sua turma. Ela prontamente me autorizou a prosseguir, o que foi ótimo para o andamento da atividade.

Então, perguntei às crianças se gostariam de ouvir outra história, e elas prontamente concordaram. Iniciamos então a segunda contação, “O Monstro Vai à Escola”, na qual o monstro explora os processos relacionados à vida escolar, desde a descoberta da escola até a rotina diária.

Ao final da contação, distribuí mais folhas e pedi que agora desenhassem as representações e atividades da escola. Eles poderiam escolher desenhar a escola, os colegas, suas mochilas e assim por diante, e começaram a tarefa.

Vários desenhos foram surgindo, todos com seus respectivos detalhes, cores e desenvolvimentos. Em relação às cores, destaco o aluno Theo, que não gosta de colorir seus desenhos e me entregou dois desenhos apenas com contornos feitos

com lápis de escrever. Após ser questionado, ele fez uma pintura em vermelho para representar o monstro com raiva e expressou sua satisfação com o resultado.

Houve também um incidente com a aluna Bárbara em relação ao combinado de não pegar mais de um objeto do baldinho. Ela descumpriu a regra e, ao ser repreendida, decidiu que não queria mais fazer a atividade e começou a chorar. Expliquei que não era necessário continuar se não quisesse, recolhi os objetos e a folha. No entanto, ela expressou seu desejo de retornar à atividade. Após garantir que ela seguiria o combinado, retomamos a tarefa juntos.

Durante a aula, muitas crianças vieram até mim em vários momentos para expressar o quanto estavam gostando da atividade. Inferimos que esse feedback positivo pode estar relacionado à autonomia e liberdade que lhes foi concedida para realizar as atividades, sem uma orientação tão direcionada ou pedagogicamente conduzida.

No entanto, é importante destacar que fiquei um pouco preocupado por não ter alcançado um dos meus objetivos com a atividade. Eu esperava desenvolver com elas a expressão livre das emoções como alegria, tristeza, raiva, calma, amor e medo. No entanto, percebi que elas não compreendiam que eu queria ilustrações que representassem ou personificassem essas emoções. Diante dessa constatação, desisti desse propósito para a atividade.

Refletindo sobre a atividade, percebo a influência das histórias nas ilustrações produzidas pelas



crianças. Muitos desenhos mostravam monstros com mochilas, o que faz sentido já que na história “O Monstro Vai à Escola”, o monstro prepara sua mochila para ir à escola e coloca seus pertences nela. Por isso, acredito que vários monstros tenham aparecido com mochilas nos desenhos, um detalhe que não havia percebido durante a análise dos desenhos, mas que se tornou evidente agora.

O aluno João Gabriel chamou atenção pelo seu ritmo de desenho, demonstrando uma inclinação para produzir várias ilustrações rapidamente, sem se preocupar muito com os detalhes. Parecia estar mais interessado na quantidade do que na qualidade, sem que houvesse uma fórmula específica para isso. Ele pegava uma folha, desenhava rapidamente, voltava correndo e pedia outra, repetindo o processo diversas vezes.

Embora eu tenha questionado em vários momentos sobre a possibilidade de adicionar mais detalhes aos desenhos, sua resposta sempre foi negativa.

O aluno Davi, que também é talentoso artisticamente, enfrenta desafios na escrita e na fala, além de apresentar uma alimentação seletiva, ingerindo apenas arroz no almoço.

Ele produziu um desenho muito interessante, porém sua arte foi sobreposta e apagada por Antônio, que estava pintando ao seu lado. Após solicitar outro desenho, Davi repetiu o mesmo desenho, pintando da mesma forma.

Outro aluno, Arthur, que havia pedido para desenhar um carro várias vezes, surpreendeu ao perguntar se poderia desenhar uma banana chorando.

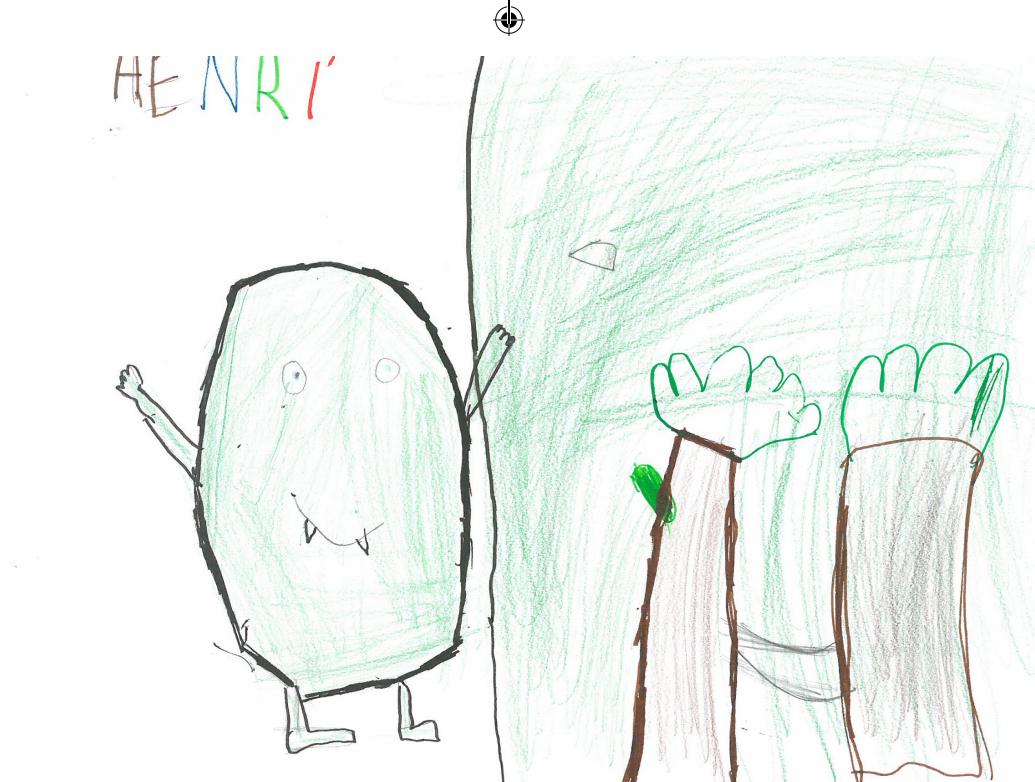


Questionado sobre o que queria expressar com isso, ele afirmou que seria tristeza. Assim, ele adicionou à mesma folha uma representação de um ser humano chorando, que me remeteu imediatamente ao quadro “O Grito”. A fisionomia do ser humano estava muito parecida com os movimentos expressivos da obra.

Por fim, o aluno Kaio perguntou se poderia me desenhar como professor. Aceitei a proposta, e ele me retratou careca, com barba e óculos, afirmando que essa imagem me representava. Agradei o gesto e o desenho.

A atividade realizada proporcionou uma avaliação extremamente positiva, sendo considerada muito rica e repleta de significados. Agora, é necessário analisar cuidadosamente as possibilidades e potencialidades dos desenhos produzidos pelas crianças para o desenvolvimento do produto em design.

A atividade realizada proporcionou uma avaliação extremamente positiva, sendo considerada muito rica e repleta de significados. Agora, é necessário analisar cuidadosamente as possibilidades e potencialidades dos desenhos produzidos pelas crianças para o desenvolvimento do produto em design.





Entrevista com o Prof. João

Pesquisador: Qual é a sua análise sobre o material didático das crianças?

Professor João de Arte: De maneira geral, considero que o material didático engloba tudo o que as crianças utilizam na escola para aprender. Isso pode incluir desde cadernos e canetas até elementos mais inusitados, como a terra na horta durante uma atividade. Em minhas aulas de arte, tento utilizar ao máximo possível os recursos disponíveis, apesar das limitações do espaço físico.

Pesquisador: E quanto aos livros didáticos?

Professor João de Arte: No caso da disciplina de arte, tenho certa dificuldade com o uso desses livros, pois eles abrangem diversas linguagens artísticas que não são minha especialidade. Além disso, a divisão dos capítulos em partes visuais, dança, música e teatro dificulta a adaptação para minha prática pedagógica.

Pesquisador: Você já analisou outros livros didáticos, como os de língua portuguesa ou ciências, com esse mesmo olhar estético?

Professor João de Arte: Ainda não tive essa oportunidade.

Pesquisador: O que faz a escola dar certo, na sua opinião?

Professor João de Arte: Acredito que o sucesso da escola está diretamente ligado aos professores. Em meio a diversos desafios, os professores têm a capacidade de fazer com que a escola funcione,

mesmo diante de obstáculos como a falta de funcionários, que tem sido um problema recente na gestão municipal de educação.

Pesquisador: E o que atrapalha?

Professor João de Arte: Atualmente, um dos principais entraves é a situação da gestão municipal, que tem dificultado o funcionamento das escolas devido à falta de previsão e organização na contratação de funcionários.

Pesquisador: Como você vê o papel da família em relação à escola?

Professor João de Arte: A família pode tanto ajudar quanto atrapalhar, dependendo das circunstâncias. É importante envolver as famílias no processo educacional, mas isso nem sempre é fácil, especialmente quando há dificuldades na compreensão do trabalho realizado pela escola.

Pesquisador: O que te motiva a ir trabalhar todos os dias?

Professor João de Arte: Além da necessidade financeira, o que me motiva é a paixão pela educação. Não consigo me imaginar fazendo outra coisa que não seja trabalhar com crianças e contribuir para o seu desenvolvimento.

Pesquisador: Como você se sente em relação aos seus colegas professores?

Professor João de Arte: Tenho muito respeito e admiração pelos meus colegas professores. Sempre procuro aprender com eles, especialmente aqueles que têm mais experiência na área.



Pesquisador: Como é sua relação com os alunos?

Professor João de Arte: Sinto uma enorme vontade de contribuir para o desenvolvimento dos meus alunos. Vejo neles um mundo de possibilidades e me fascina pensar no impacto que posso ter em suas vidas.

Pesquisador: O que dá sentido ao seu trabalho?

Professor João de Arte: O que me motiva é pensar nas oportunidades que posso proporcionar aos meus alunos. Ensinar uma criança a ler, não apenas palavras, mas o mundo ao seu redor, é algo incrível e gratificante.

Pesquisador: Por fim, gostaria de agradecer o seu trabalho e expressar minha admiração por você.

Professor João de Arte: Obrigado. Faço o meu trabalho com carinho e dedicação, pois sei da importância do que faço na vida dessas crianças.

Entrevista com a Profa. Sol

Pesquisador: Bom dia, gostaria de saber qual é a sua opinião sobre o material didático utilizado nas escolas?

Professora Regente Sol: O que eu percebo sobre o material didático é que, em sua maioria, são itens que as crianças usam principalmente em casa, como lápis, borracha, estojo, entre outros. Acredito que há uma certa fantasia nesse material, o que pode desviar a atenção dos alunos. Por exemplo,

borrachas muito detalhadas, apontadores decorados e garrafinhas com muitos enfeites acabam chamando mais a atenção das crianças do que o conteúdo escolar. Além disso, muitas vezes esses materiais são difíceis de manusear para os alunos. Então, o que mais nos preocupa na sala de aula são os materiais mais básicos, como lápis e borracha, que acabam se tornando brinquedos nas mãos das crianças.

Pesquisador: E quais são as principais dificuldades que você identifica?

Professora Regente Sol: Considero os livros didáticos muito complexos, especialmente para crianças do primeiro ano. Eles deveriam apresentar um conteúdo mais leve, mais próximo da realidade das crianças. Às vezes, os conteúdos são muito avançados para o nível de desenvolvimento dos alunos. Acho que os autores dos livros didáticos deveriam estar mais presentes nas salas de aula para entender melhor o perfil das crianças e adaptar os materiais de acordo. Além disso, para as crianças que frequentam escolas em tempo integral, os materiais precisam ser diferenciados, levando em consideração que elas têm menos tempo para interagir com a família. No primeiro ano, também considero importante haver mais espaço para escrever nos livros didáticos, pois as crianças ainda estão se adaptando ao processo de escrita.

Pesquisador: Qual a importância da relação entre família e escola?

Professora Regente Sol: Algumas famílias são ótimas parceiras da escola, enquanto outras são mais distantes e menos engajadas. A participação





da família na vida escolar das crianças faz toda a diferença no seu desenvolvimento. As crianças cujas famílias acompanham de perto seu desempenho escolar tendem a se sair melhor. Por isso, acredito que a escola deveria promover mais encontros e reuniões com os pais, especialmente no primeiro ano de escolaridade, para que eles entendam melhor o que está sendo ensinado e como podem ajudar em casa.

Pesquisador: O que mais atrapalha o trabalho na escola?

Professora Regente Sol: A falta de rotina é um grande desafio. Muitas vezes, os planos dos professores são alterados de última hora devido à ausência de colegas ou mudanças na programação escolar. Isso acaba prejudicando o planejamento e a organização do trabalho na escola.

Pesquisador: O que te motiva a acordar e ir para a escola todos os dias?

Professora Regente Sol: O que me motiva é ver o progresso e o desenvolvimento das crianças. Cada pequena conquista dos alunos me enche de orgulho e me faz sentir que estou no lugar certo, fazendo a diferença na vida deles.

Pesquisador: Como você se sente em relação aos seus colegas professores?

Professora Regente Sol: Gosto muito do ambiente colaborativo em que trabalho. Sempre que proponho alguma ideia para o grupo, ela é bem recebida e isso me motiva a continuar buscando melhorias para a nossa equipe e para os nossos alunos.



Pesquisador: Qual é a sua reação ao ver seus alunos?

Professora Regente Sol: Fico muito emocionado ao ver o carinho e o progresso dos meus alunos. Apesar dos desafios, é gratificante ver o quanto eles estão se esforçando e aprendendo a cada dia.

Pesquisador: O que dá sentido ao seu trabalho?

Professora Regente Sol: O que dá sentido ao meu trabalho é saber que estou contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento das crianças, preparando-as para um futuro melhor.

Pesquisador: Tem algo mais que gostaria de compartilhar?

Professora Regente Sol: Acho que já disse bastante. Só gostaria de agradecer pela oportunidade de compartilhar minhas experiências e opiniões sobre o trabalho na escola.

O Desenho Infantil segundo Rudolf Arnheim

Na nossa metodologia de pesquisa, optamos por observar uma sala de crianças de seis anos em uma escola municipal da Secretaria de Educação de Goiânia. Nessa sala, estão matriculadas e frequentam regularmente 29 crianças. A partir das observações e das interações com as crianças, desenvolvemos empatia e uma relação mais próxima.

Todas as ilustrações deste trabalho são fruto dos



desenhos dessas crianças, embasadas no estudo teórico de Rudolf Arnheim em sua obra “Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora” (2019). Arnheim afirma que os desenhos feitos por crianças nessa faixa etária ainda apresentam problemas de controle motor, evidenciados pelo zigzague regular e pela falta de precisão nos traços.

Ele também salienta que isso não denota falta de interesse ou descuido por parte das crianças, pois toda criança possui uma agudeza perceptiva muito forte ao realizar seus desenhos. Segundo Arnheim (2019, p. 155), “A criança desenha o que conhece, em vez de desenhar o que vê”. A partir desta afirmação, inferimos que ao desenhar, a criança combina imitação e invenção, ampliando assim seu horizonte e intervindo em seu próprio desenho.

É visível essa relação das linhas retas sendo usadas para representar pernas e braços nos de-

TAMBÉM DESTACA QUE AS CRIANÇAS TÊM UMA NECESSIDADE DE MOVIMENTO, E POR ISSO O DESENHO COMEÇA COM TRAÇOS LIVRES SOBRE O PAPEL, SENDO A CONFIGURAÇÃO, A EXTENSÃO E A ORIENTAÇÃO DOS TRAÇOS INFLUENCIADÂS PELA MECÂNICA DO BRAÇO, TEMPERAMENTO E ESTADO DE ESPÍRITO DA CRIANÇA (ARNHEIM, 2019, P. 162).

Ao analisar os desenhos das crianças para nosso trabalho, percebemos claramente esse movimento. Por exemplo, ao observar a ilustração de uma escola feita por uma criança de seis anos, notamos que as paredes estão representadas de forma torta não por falta de conhecimento da criança sobre linhas retas, mas como uma forma de sugerir o movimento inerente à escola.

DESTACA QUE A LINHA RETA, NA SUA FORMA MAIS SIMPLES, REPRESENTA TODAS AS FORMAS ALONGADAS ANTES QUE OCORRA A DIFERENCIAÇÃO ENTRE ELAS. ESSA LINHA PODE REPRESENTAR BRAÇOS, PERNAS E TRONCOS DE ÁRVORES. NO ENTANTO, OS CHAMADOS HOMENS-PALITO PARECEM SER UMA INVENÇÃO DOS ADULTOS (ARNHEIM, 2019, P. 173).

senhos das crianças, como evidenciado nas ilustrações do livro que utilizamos. Segundo Arnheim (2019), as crianças começarão a utilizar círculos e formas mais arredondadas para representar faces, olhos e palmas das mãos à medida que se desenvolvem artisticamente.

Outro ponto a ser observado é o tamanho dos desenhos. As pessoas representadas podem ter diversos tamanhos, independentemente da proporção do desenho. Se for necessário desenhar um braço mais longo para permitir um aperto de mão, abraço ou uma cambalhota, isso será feito. Em suma, conforme Arnheim (2019, p. 193), “os desvios da representação realista não são decorrentes de deficiências, mas sim de uma sensibilidade notável e espontânea em relação às demandas do ambiente”.

Emoções em Cores

Após observação da turma de crianças de 6 anos, optamos por trabalhar as emoções como processo de reações entre os colegas e com os professores. Primeiramente necessitamos compreender que sentimento e emoção são termos frequentemente



utilizados de maneira intercambiável, mas na psicologia e na filosofia da mente, eles têm significados distintos.

As emoções são respostas automáticas e involuntárias a estímulos internos ou externos que são percebidos como significativos para o organismo. Elas envolvem reações fisiológicas, como mudanças na frequência cardíaca, na respiração, na liberação de hormônios e na atividade cerebral. As emoções são geralmente breves e intensas, e podem incluir experiências como medo, raiva, tristeza, alegria, surpresa, nojo, entre outras.

Os sentimentos são experiências subjetivas e conscientes que resultam da interpretação das emoções. Eles envolvem a atribuição de significado pessoal às emoções e sua integração com memórias, pensamentos, crenças e experiências passadas. Os sentimentos são mais duradouros do que as emoções, podendo persistir por períodos mais longos e serem mais complexos em termos de conteúdo cognitivo.

Portanto, a principal diferença entre emoção e sentimento reside na sua natureza e sequência temporal. As emoções são respostas automáticas e imediatas a estímulos, enquanto os sentimentos são as interpretações conscientes e duradouras dessas respostas emocionais. Em resumo, podemos dizer que as emoções são as reações automáticas do organismo, enquanto os sentimentos são as experiências subjetivas e pessoais que emergem dessas reações.

A partir da Comunicação Não Violenta (CNV) que é

ELAS [AS EMOÇÕES] PODEM, SEM DÚVIDA, SER ENCARADAS COMO A ORIGEM DA CONSCIÊNCIA, PORQUE, PELO JOGO DE ATITUDES DETERMINADAS, ELAS EXPRIMEM E FIXAM PARA O PRÓPRIO SUJEITO CERTAS DISPOSIÇÕES ESPECÍFICAS DE SUA SENSIBILIDADE. PORÉM, ELAS SÓ CONSTITUEM O PONTO DE PARTIDA DA CONSCIÊNCIA PESSOAL POR INTERMÉDIO DO GRUPO ONDE ELAS COMEÇAM POR FUNDI-LO E DO QUAL RECEBERÁ AS FÓRMULAS DIFERENCIADAS DE AÇÃO E OS INSTRUMENTOS INTELECTUAIS, SEM OS QUAIS SER-LHE-IA IMPOSSÍVEL OPERAR AS DISTINÇÕES E AS CLASSIFICAÇÕES NECESSÁRIAS AO CONHECIMENTO DAS COISAS E DELE MESMO (WALLON, 1995, P. 277).

uma abordagem eficaz e compassiva para a comunicação interpessoal, desenvolvida pelo psicólogo Marshall Rosenberg. Ela se concentra em promover a empatia, a compreensão mútua e a resolução de conflitos. Destacamos que Comunicação Não Violenta (CNV) baseia-se na premissa de que todos os seres humanos têm necessidades universais básicas, como segurança, conexão, autonomia, reconhecimento e crescimento. A CNV foca identificar e satisfazer essas necessidades com respeito mútuo.

Outro estudo que realizamos foi Paul Ekman que é um psicólogo renomado conhecido principalmente por seus estudos sobre expressões faciais e emoções humanas. Ele é reconhecido como um dos principais especialistas no campo da psicologia das emoções e da comunicação não verbal. Ele possui seis emoções básicas que são expressas de maneiras semelhantes em diferentes culturas ao redor do mundo: alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa e nojo. Foi essa pesquisa que gerou o filme “Divertidamente” (título original “Inside Out”) é um filme de animação da Pixar lançado em 2015.



Ele explora as emoções e o desenvolvimento emocional de uma garotinha chamada Riley. As emoções (Alegria, Tristeza, Raiva, Medo e Nojinho) são personificadas como personagens que habitam o seu cérebro e influenciam suas decisões.

Salientamos ainda, o livro “Monstro das Cores” é um personagem de um livro infantil chamado “O Monstro das Cores” (título original “The Color Monster”), escrito por Anna Llenas. O livro foi originalmente publicado em espanhol e desde então tem sido traduzido para muitos idiomas ao redor do mundo.

No livro, o Monstro das Cores é uma representação visual das emoções, onde cada cor representa um sentimento específico. O Monstro está confuso e não sabe lidar com suas emoções, então uma amiga sábia o ajuda a entender e organizar cada sentimento. Por exemplo, a alegria é representada pela cor amarela, a tristeza pelo azul, o medo pelo preto, a raiva pelo vermelho, e assim por diante.

A história é uma ferramenta maravilhosa para ensinar às crianças sobre inteligência emocional, ajudando-as a identificar e compreender suas próprias emoções. O livro utiliza cores e ilustrações de forma cativante, sendo uma maneira envolvente de abordar temas complexos de forma acessível para os pequenos.

A partir desses estudos passamos a relacionar emoções e cores. Destacamos que nosso estudo de cores não é uma camisa de força, mas sim a partir de alguns estudos e por isso mesmo pode haver outras interpretações.



Alegria – Amarelo

A alegria é uma emoção humana positiva e gratificante que geralmente está associada a sentimentos de felicidade, prazer e contentamento. É uma sensação interna de bem-estar e satisfação que pode ser causada por diversas experiências, situações ou interações. A alegria é uma emoção importante para o bem-estar emocional e mental.

Ela pode influenciar positivamente o nosso humor, pensamentos e comportamentos, contribuindo para uma perspectiva mais positiva e uma vida mais satisfatória. A busca pela alegria e a capa-



cidade de cultivá-la nas pequenas coisas do dia a dia são aspectos essenciais para uma vida emocionalmente equilibrada e plena.

O amarelo é frequentemente associado a sentimentos de alegria, diversão e brincadeiras, tornando-o uma cor popular em brinquedos, roupas e materiais escolares para crianças. Assim como para os adultos, o amarelo pode transmitir uma sensação de energia e vitalidade para as crianças, incentivando a atividade e o movimento.

O amarelo é uma cor vibrante que pode estimular a curiosidade das crianças e incentivá-las a explorar o mundo ao seu redor. O amarelo é frequentemente associado à criatividade e à imaginação, o que pode inspirar as crianças a expressarem sua criatividade por meio da arte, da música e do jogo. A cor amarela é facilmente perceptível e pode ajudar as crianças a desenvolverem habilidades visuais, como reconhecimento de cores e formas.

Em geral, o amarelo é uma cor estimulante e alegre que pode ser bem recebida pelas crianças, especialmente quando utilizada em contextos que promovem diversão, aprendizado e interação. Segundo Farina, Perez e Bastos (2011, p. 101)

O amarelo é um pouco mais frio do que o vermelho e remete à alegria, espontaneidade, ação, poder, dinamismo, impulsividade. Pode sugerir ainda potencialização, estimulação, contraste, irritação e covardia. No entanto, em contraste com uma cor mais quente, o amarelo adquire uma luminosidade maior, chama muito mais atenção e desperta os impulsos de adesão. Associação afetiva: Ilu-

minação, contorto, alerta, gozo, ciúme, orgulho, esperança, idealismo, egoísmo, inveja, ódio, adolescência, espontaneidade, variabilidade, euforia, originalidade, expectativa. Amarelo deriva do latim amaryllis. Simboliza a cor da luz irradiante em todas as direções. É também conectada à prosperidade, riqueza e à divindade por associação ao dourado.



Tristeza — Azul

A tristeza é uma emoção normal e saudável que pode desempenhar um papel importante na nossa vida, permitindo-nos processar e lidar com eventos dolorosos. No entanto, quando a tristeza é persistente, intensa ou interfere



significativamente no funcionamento diário e no bem-estar emocional, pode ser um sinal de depressão ou outro problema emocional que requer atenção profissional.

É importante reconhecer e validar os sentimentos de tristeza, permitindo-se vivenciar e expressar essa emoção de maneira saudável, seja por meio de conversas com amigos, terapia, atividades criativas ou outras formas de autocuidado emocional.

O azul é frequentemente associado a sentimentos de calma, tranquilidade e serenidade. Pode ajudar as crianças a se sentirem relaxadas e confortáveis em seu ambiente. O azul é a cor do céu e do mar, o que pode estimular a imaginação das crianças e inspirar aventuras e exploração do mundo ao seu redor. O azul é uma cor estável e confiável, o que pode transmitir uma sensação de segurança e estabilidade para as crianças, especialmente em momentos de incerteza.

O azul claro é frequentemente associado a uma sensação de frescor e limpeza, o que pode ser reconfortante para as crianças, especialmente em espaços como quartos e banheiros. O azul também pode ser associado à preservação do meio ambiente e à conscientização sobre questões como a conservação da água e a proteção dos oceanos, ajudando as crianças a desenvolverem um senso de responsabilidade ambiental desde cedo.

Em resumo, o azul pode ser uma cor calmante e inspiradora para as crianças, proporcionando-lhes uma sensação de tranquilidade, imaginação e segurança em seu mundo.

SEGUNDO PASTOUREAU (1997:23) E TAMBÉM HELLER (2004:23-48), A COR AZUL É A PREFERIDA POR MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO OCIDENTAL. DE ACORDO COM HELLER (2004:23) O AZUL É A COR MAIS LEMBRADA QUANDO OS OCIDENTAIS QUEREM REFERIR-SE À SIMPATIA, À HARMONIA, À AMIZADE E À CONFIANÇA. O CÉU É AZUL E POR ISSO O AZUL É A COR DO DIVINO, A COR DO ETERNO. A EXPERIÊNCIA CONTINUADA CONVERTEU A COR AZUL NA COR DE TUDO QUE DESEJAMOS QUE PERMANEÇA, DE TUDO QUE DEVE DURAR ETERNAMENTE (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2011, P. 102).



Medo – Roxo

O medo é uma emoção humana básica e instintiva que é desencadeada por uma percepção de perigo, ameaça ou risco. É uma resposta emocional



que prepara o corpo para lidar com situações potencialmente prejudiciais ou assustadoras. É importante reconhecer e gerenciar o medo de maneira saudável para promover o bem-estar emocional e psicológico. O medo ativa a nossa capacidade de fugir ou de se defender quando percebemos que há algo ou alguma coisa nos colocando em risco.

O roxo é frequentemente associado a um sentido de magia, fantasia e mistério. Pode estimular a imaginação das crianças e inspirá-las a criar mundos imaginários e histórias fantásticas. O roxo é uma cor única e distintiva, muitas vezes associada à criatividade e à expressão individual. Pode encorajar as crianças a abraçarem sua singularidade e a expressarem-se de forma criativa.

Tradicionalmente, o roxo tem sido associado à realeza, nobreza e luxo. Pode transmitir um sentido de dignidade e importância para as crianças, incentivando a confiança e a autoestima. Em tons mais suaves, o roxo pode ter um efeito calmante e tranquilizante, promovendo um senso de paz interior e espiritualidade para as crianças.

O roxo pode ser associado a uma sensação de aventura e descoberta, inspirando as crianças a explorar novos horizontes e desafiar limites. Em resumo, o roxo pode ser uma cor estimulante e inspiradora para as crianças, proporcionando um senso de magia, criatividade e autoexpressão em seu mundo.

Segundo Farina, Perez e Bastos (2011, p. 103)

ROXO NOS VEM DO LATIM RUSSEUS (VERMELHO CARREGADO). COR QUE POSSUI UM FORTE PODER MICROBICIDA. ASSOCIAÇÃO MATERIAL: NOITE, JANELA, IGREJA, AURORA, SONHO, MAR PROFUNDO. ASSOCIAÇÃO AFETIVA: FANTASIA, MISTÉRIO, PROFUNDIDADE, ELETRICIDADE, DIGNIDADE, JUSTIÇA, EGOÍSMO, GRANDEZA, MISTICISMO, ESPIRITUALIDADE, DELICADEZA, CALMA.



Raiva — Vermelho

A raiva é uma emoção humana intensa e poderosa que surge em resposta a uma sensação de frustração, injustiça, provocação ou ameaça percebida. É uma emoção natural que todos experimentamos em algum momento, variando em intensidade e du-



ração. Embora a raiva seja uma emoção normal e saudável em muitas situações, o gerenciamento eficaz da raiva é fundamental para relacionamentos saudáveis e bem-estar emocional. Aprender a lidar com a raiva de forma saudável e construtiva é essencial para promover relacionamentos positivos e um bem-estar emocional duradouro.

O vermelho é uma cor vibrante que pode evocar sentimentos de energia, entusiasmo e vitalidade nas crianças. Pode inspirá-las a se envolverem em atividades físicas e a explorarem o mundo ao seu redor com energia. O vermelho também pode ser associado a um sentido de alerta e atenção. Pode ser usado para indicar perigo ou para chamar a atenção das crianças para situações importantes, como em sinais de trânsito e avisos de segurança.

O vermelho pode ser uma cor estimulante e emocionante para as crianças, proporcionando-lhes energia, coragem e uma sensação de aventura em seu mundo. Segundo Guimarães (2000, p. 114),

VAMOS ENTENDER COMO ESSA AGRESSIVIDADE, QUE É PROJETADA NA SEGUNDA REALIDADE, FOI “HERDADA” DOS CÓDIGOS PRIMÁRIOS: NA CURVA DO ESPECTRO QUE DETERMINA A LUZ VISÍVEL, TEMOS OS LIMITES DE 380 A 760MU, APROXIMADAMENTE. [...] HÁ AINDA OUTRA HIPÓTESE EM QUE O VERMELHO PREDOMINANTE NO CAMPO VISUAL FORMARIA UMA IMAGEM MAIS FORTE, POIS O PONTO DE CONVERGÊNCIA DOS RAIOS VERMELHOS ESTARIA ATRÁS DA RETINA, ENQUANTO O AZUL PREDOMINANTE TERIA O PONTO DE CONVERGÊNCIA UM POUCO À FRENTE DA RETINA. ASSIM TRABALHAM OS PINTORES, CRIANDO PLANOS DE DISTÂNCIA-PROFUNDIDADE. O RESULTADO SERIA, PORTANTO, A AGRESSIVIDADE PARA O VERMELHO E A TRANQUÍLIDADE PARA OS MATIZES AZUL E CYAN (GRIFOS DO AUTOR).



Calma — Verde

A calma é uma sensação de tranquilidade, serenidade e ausência de agitação ou perturbação emocional. É o oposto da agitação ou da excitação e geralmente é associada a uma sensação de paz interior e relaxamento. A calma é uma qualidade importante para o bem-estar emocional e mental. Cultivar momentos de calma em sua vida diária pode ajudar a promover uma sensação geral de paz e equilíbrio, facilitando uma resposta mais eficaz aos desafios e estresses da vida.

O verde é a cor da natureza, associada a plantas, árvores e vida vegetal. Pode evocar sentimentos



de vitalidade, crescimento e renovação, estimulando uma conexão positiva com o meio ambiente. O verde é uma cor equilibrada e harmoniosa, que pode transmitir uma sensação de calma e estabilidade para as crianças, promovendo um ambiente pacífico e sereno.

O verde é frequentemente associado a espaços ao ar livre e aventuras na natureza. Pode inspirar nas crianças um desejo de explorar e descobrir o mundo ao seu redor. O verde está relacionado à saúde e ao bem-estar, sendo frequentemente associado a alimentos saudáveis, exercícios ao ar livre e um estilo de vida ativo.

O verde pode estimular a criatividade e a imaginação das crianças, inspirando atividades como jardinagem, artes plásticas e contação de histórias relacionadas à natureza. Em resumo, o verde é uma cor que pode evocar uma variedade de emoções positivas e promover um senso de conexão com a natureza e o mundo ao redor para as crianças. Segundo Farina, Perez e Bastos (2011, p. 101)

MISTURA DO AMARELO E AZUL, CONTÉM A DUALIDADE DO IMPULSO ATIVO E A TENDÊNCIA AO DESCANSO E RELAXAMENTO. É UM SEDATIVO QUE DILATA OS VASOS CAPILARES E TEM EFEITO DE REDUZIR A PRESSÃO SANGUÍNEA. SUAS RADIAÇÕES ACALMAM AS DORES NEVRÁLGICAS E RESOLVEM ALGUNS CASOS DE FADIGA NERVOSA, INSÔNIA ETC. SUGERE UMIDADE, CALMA, FRESCOR, ESPERANÇA, AMIZADE E EQUILÍBRIO, ALÉM DE POSSUIR TODAS AS CONEXÕES COM A ECOLOGIA E A NATUREZA.



Amor — Rosa

O amor pode ser expresso de várias maneiras, incluindo palavras, gestos, atos de bondade e presença emocional. É uma força poderosa que pode trazer significado e felicidade às nossas vidas, fortalecendo relacionamentos e oferecendo um sentido de conexão e pertencimento.

Embora o amor seja uma experiência profundamente positiva, também pode envolver desafios e complexidades. Relacionamentos amorosos podem enfrentar obstáculos, desentendimentos e momentos difíceis. No entanto, o compromisso, a comu-



nicação aberta e o respeito mútuo podem ajudar a superar esses desafios, permitindo que o amor continue a crescer e florescer ao longo do tempo.

Em última análise, o amor é uma parte essencial da experiência humana, enriquecendo nossas vidas e proporcionando um senso profundo de conexão e significado com os outros e conosco mesmos.

O rosa é frequentemente associado à inocência, delicadeza e suavidade, o que o torna uma escolha popular para itens infantis, como roupas de bebê e brinquedos. Tradicionalmente, o rosa tem sido associado ao feminino e à feminilidade. Para meninas, especialmente, o rosa muitas vezes é considerado uma cor que transmite ternura, gentileza e amor. O rosa pode ter um efeito calmante e tranquilizante, ajudando as crianças a se sentirem seguras e confortáveis em seu ambiente.

O rosa pode inspirar a criatividade e a imaginação nas crianças, encorajando atividades como o desenho, a pintura e o faz de conta. Nos últimos anos, tem havido um movimento para redefinir o significado do rosa, desvinculando-o exclusivamente do feminino e abraçando-o como uma cor de expressão pessoal e empoderamento para todas as crianças, independentemente do gênero.

Em resumo, o rosa pode evocar uma variedade de emoções e significados para as crianças, desde a sensação de conforto e segurança até a expressão da individualidade e criatividade. Segundo Farina, Perez e Bastos (2011, p. 105)

RESULTANTE DA MISTURA ENTRE VERMELHO E BRANCO. É O NOME DE UMA FLOR E TAMBÉM UM NOME FEMININO MUITO CO-

MUM. AS QUALIDADES ATRIBUÍDAS À COR ROSA SÃO CONSIDERADAS TÍPICAMENTE FEMININAS. SIMBOLIZA O ENCANTO, A AMABILIDADE. REMETE À INOCÊNCIA E À FRIVOLIDADE. É UMA COR TERNA E SUAVE MUITO UTILIZADA EM ASSOCIAÇÕES COM O PÚBLICO INFANTIL, PRINCIPALMENTE ENTRE AS MENINAS

Análise de similares: pesquisa de similares para os livros, jogo e brincadeira

No dia 16 de abril, dei início à minha pesquisa de campo com o objetivo de explorar a diversidade de jogos de tabuleiro e outros tipos de entretenimento adequados para crianças com mais de 6 anos. Para isso, decidi visitar a loja Ri Happy.

Ao adentrar a loja, deparei-me com uma ampla variedade de jogos disponíveis. No entanto, notei que muitos dos jogos de tabuleiro pareciam ser bastante similares entre si. A principal diferença residia no formato do tabuleiro, que variava conforme o percurso estabelecido. Algumas características interessantes incluíam a natureza orgânica dos tabuleiros, nos quais não havia uma direção única a ser seguida; em alguns, os jogadores moviam-se das bordas em direção ao centro, enquanto em outros era necessário subir e descer. Entre os jogos de tabuleiro, encontrei opções de peão que apresentavam personagens da Marvel, assim como carrinhos.

Além dos jogos de tabuleiro tradicionais, descobri uma diversidade de jogos baseados em adivinhações. Nestes jogos, os participantes pegavam



uma carta, a colocavam sobre um suporte em suas testas e, sem vê-la previamente, faziam perguntas aos colegas na tentativa de adivinhar o conteúdo da carta. As cartas abrangiam uma variedade de temas, desde personagens da Disney relacionados à Marvel até animais, frutas e sentimentos. Destaquei um jogo em que a carta era colocada no nariz, prendendo-a para que o jogador pudesse realizar as adivinhações.

Outro tipo de jogo que chamou minha atenção foi o estilo “cara a cara”, no qual os participantes, com o auxílio de um tabuleiro que expunha suas cartas viradas para se, tentavam adivinhar qual carta havia sido escolhida pelo adversário.

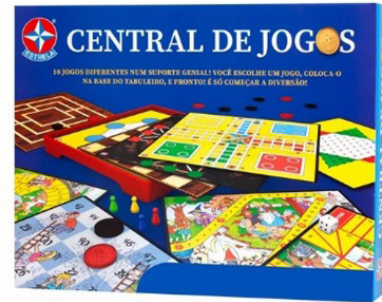
Além dessas categorias de jogos, encontrei opções pedagógicas, voltadas para o aprendizado de números, letras, sílabas e até mesmo da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Apenas três jogos fugiram ao padrão encontrado. Um deles era o “Operando”, no qual o participante precisava retirar um sapinho de um corpo humano sem tocar nas partes metálicas. Outro jogo consistia em uma torre de madeira empilhada na qual os jogadores retiravam pinos na tentativa de evitar que a torre caísse. Por fim, havia o “Domínio”, um jogo de pinos no qual o objetivo era deixar apenas um pino no tabuleiro ao final da partida.

Jogos De Tabuleiro



Com Rummikub Júnior, as crianças poderão interagir e se divertir muito! Cada participante precisa conseguir baixar todas suas peças sobre a mesa para conquistar o maior número de pontos. Para isso, a criança irá precisar formar sequências numéricas da mesma cor, usando peças do seu suporte e as peças baixadas na mesa. Então, a atenção é essencial! Este jogo é adorado por crianças do mundo todo. O melhor é que além da brincadeira, Rummikub Júnior auxilia na fixação de sequências numéricas e no desenvolvimento da concentração.



A Central de Jogos é a escolha perfeita para quem busca uma variedade de jogos divertidos e emocionantes em um único conjunto. Com 10 opções de jogos clássicos, esta central proporciona momentos de diversão para você, seus amigos e toda a família. Reúna todos e desfrute de uma coleção de jogos que desafiarão suas habilidades e estratégias! 10 Jogos em 1: Uma variedade de jogos emocionantes em um único conjunto. Para 2 a 6 Jogadores: Perfeito para brincar com amigos e familiares. Jogos Clássicos: Inclui jogos tradicionais como dama, ludo, jogo trio, sobe e desce, e muito mais. Diversão Garantida: Proporciona horas de entretenimento e risadas. 1. Dama 2. Ludo 3. Jogo Trio 4. Sobe e Desce 5. Xadrez 6. Trilha 7. Damas Chinesas 8. Moinho 9. Dominó 10. Resta Um



O navio dos piratas encalhou em uma ilha misteriosa e precisará da sua ajuda com o Jogo de Tabuleiro Corre Pirata da Xalingo! O jogo é composto por: 1 tabuleiro 54 x 72 cm, feito em cartão super resistente; 9 Peões em madeira reflorestada e base plástica; 1 saquinho; 48 fichas de recompensas e 25 fichas de coordenadas. Indicado para crianças a partir dos 6 anos. Dois modos de jogar: (1) MODO CORRE PIRATINHA (+6): Os jogadores escolhem seus personagens e posicionam nas casas de início (que são as silhuetas pretas desenhadas nas casas próximas ao barco encalhado. As fichas de recompensas ficam ao lado do tabuleiro e valem 1 ponto cada. As fichas de coordenadas são colocadas dentro do saquinho. O jogador mais novo começa. O primeiro jogador que conseguir 5 fichas de recompensas (5 pontos) ganha o jogo. (2) MODO CORRE PIRATA (+8): Os jogadores escolhem seus personagens e posicionam nas casas de início (que são as silhuetas pretas desenhadas nas casas próximas ao barco encalhado. Da mesma forma, os peões de ameaça devem ser posicionados em suas casas de início (com suas respectivas silhuetas). As fichas de recompensa que ficam ao lado do tabuleiro, com as imagens viradas para baixo e devem ser embaralhadas, de modo que ninguém saiba qual item será sorteado. As fichas de coordenadas são colocadas dentro do saquinho. O jogador mais novo começa. O primeiro jogador a completar a PONTUAÇÃO DE TESOURO e chegar em uma das praias (nas laterais esquerda ou direita do tabuleiro, utilizando o bote), ganha o jogo.

Jogos De Advinha Com Cartas



O divertido Jogo Quem Sou Eu? É uma ótima opção de brincadeira para jogar com a família e amigos! Basta adivinhar a charada da cartela, mas não vale olhar! É preciso acertar o personagem apenas com as dicas dos outros participantes! A diversão é garantida!



Este Brinquedo educativo é um jogo que desenvolve interação social, criatividade, imaginação, raciocínio, funções motoras e pensamento estratégico. Coloque os óculos, pegue sua carta e faça as perguntas certas! Tá Pensando o Quê? É um jogo de criatividade e de muita diversão, onde cada jogador deve adivinhar a imagem que está em sua carta. Use a imaginação para fazer as perguntas mais inusitadas aos outros jogadores. A cada rodada seja criativo e faça perguntas certas para que possa avançar no tabuleiro e vencer a partida antes dos outros jogadores. Quanto mais pontos você fizer mais chance terá de vencer! Contém: 100 cartas no formato 56mm x 87mm, 4 peões de plástico coloridos (2,5 x 1,3 x 1,3 cm), 4 óculos de plástico coloridos (15 x 5,5 x 15,5 cm) Idade recomendada: acima de 04 anos. Marca: Copag



Eu sou... verde? Eu sou... um animal? Descubra qual é a imagem da sua carta fazendo perguntas para os outros jogadores. Material — cartonado; Ser o jogador com mais pontos ao final das rodadas; Para 2 a 4 jogadores



O tradicional Cara a Cara - Estrela está de caras novas. São novos personagens, novo layout e novos tabuleiros, muito mais modernos para tornarem este clássico ainda mais divertido. Jogo Cara a Cara com Aplicativo - Estrela é ideal para treinar a capacidade de dedução e memória das crianças com idade a partir de 6 anos. Será preciso adivinhar de quem é a cara que o adversário esconde. é adivinhar e morrer de rir!

Agora você pode incrementar o jogo tradicional de Cara a Cara com o app inovador! Jogue contra seu amigo ou até mesmo sozinho no novo modo super memória! Baixe o aplicativo Cara a Cara pela Google Play ou pela Apple Store. Para jogar, é necessário ter o novo jogo Cara a Cara. Objetivo do Jogo Adivinhar qual é a cara do seu oponente primeiro. Tempo Médio de Jogo 10-15 minutos. Informações: Produto: Jogo Cara a Cara com Aplicativo Participantes: Para 2 jogadores Marca: Estrela Recomendação: para crianças a partir de 6 anos de idade Conteúdo da embalagem: 2 tabuleiros plásticos, 48 molduras plásticas, 1 folha com 48 rostos, 1 folha com 24 cartas e 1 manual de instruções. Benefícios de brincar: - Exercita o imaginário - Desenvolve a criatividade - Estimula habilidades motoras básicas - Incentiva o conhecimento - Incentiva a socialização - Expressão verbal e corporal - Desenvolvimento da Afetividade

Jogos De Advinha Com Tabuleiro



Número máximo de jogadores: 2.
Dimensões: 4.1 cm de comprimento, 29.2 cm de largura e 24.4 cm de altura.
Estimula e aumenta sua inteligência.
As crianças irão se divertir muito ao tentar adivinhar o personagem misterioso para ganhar o jogo
Com configuração e estrutura fácil de montar, além de estojo dobrável, este jogo para 2 jogadores é fácil para levar
Ideal para crianças a partir de 6 anos

Jogos Pedagógicos

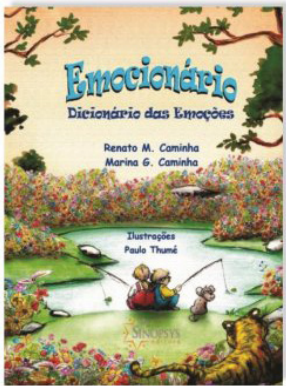
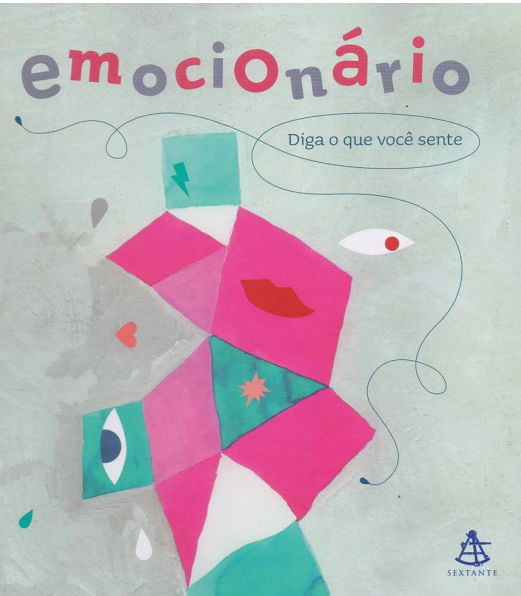


Jogo Educativo Clube De Letras Para Alfabetização. Clube de Letras é um kit e atividades para desenvolver a leitura e a escrita da criança. Motivada pelas ilustrações, inspirando-se no repertório de palavras selecionadas ou seguindo a sugestão de um adulto, a criança poderá escrevê-las utilizando as cartelas com letras do alfabeto. Enquanto joga, a criança irá, prazerosamente, iniciar o seu processo de alfabetização enquanto evolui na leitura e na escrita. Contém: 120 cartelas, 26 cartas, 1 caderno de repertório de palavras e 1 dado. Ilustrações, palavras e letras para desenvolver a leitura e a escrita. Indicado para crianças acima de 6 anos. Conteúdo da Embalagem: 01 Jogo Grow Clube de letras. Dimensões Aproximadas da Embalagem: 28cm x 18cm x 5cm (Altura x Largura x Comprimento / Profundidade). Material/composição: Papel, papel cartão e poliéster. Idade Mínima Recomendada: A partir de 6 anos. Participantes: A partir de 1 pessoa Componentes: 120 cartelas, 26 cartas, 1 caderno de repertório de palavras e 1 dado. Marca: Grow



Aprender Libras ficou ainda mais fácil e divertido! O jogo possibilita treinar a datitologia em Libras, por meio da soletração de nomes de diversas temáticas. Contém 11 peças em madeira reflorestada e 04 peões em plástico e acompanha lançador de dados e gabarito. Dimensões do tabuleiro: 41 x 30 cm. Garanta já e dê o melhor presente para as crianças!

Livros Infantis





Anna Lennas



Tradução: Rosana de Mont'Alverne



Cores que falam . 150

Livro e jogo pedagógico



Preparação da estrutura e escala

A preparação da estrutura e escala de um projeto é uma etapa fundamental que envolve a definição de vários elementos interrelacionados. Cada elemento — tamanho do projeto, papéis e responsabilidades, materiais, suportes e embalagens — deve ser cuidadosamente planejado e coordenado para garantir o sucesso do projeto. Uma abordagem estruturada e detalhada permite uma execução eficiente, minimiza riscos e maximiza os resultados esperados.

Cores que falam . 151



Definição das peças

A definição de peças é um processo detalhado que requer atenção cuidadosa a cada etapa, desde a identificação inicial até o armazenamento final. Uma abordagem meticulosa na definição de peças assegura que o projeto seja executado de forma eficiente, dentro do orçamento e com alta qualidade. Cada peça, por menor que seja, contribui para o sucesso global do projeto, tornando esta fase crítica para a gestão e execução eficazes do projeto.

Dois livros infantis

Definimos que ambos os livros serão de 20x20 cm. com o tipo de papel couchê fosco de 180 g e capa com papel glossy 240g às ilustrações foram desenvolvidas com colagem e desenhos de crianças. Com encadernação do tipo canoa e policromia.

Um tabuleiro

Um tabuleiro pode ter muitas formas e funções diferentes, dependendo do contexto em que é usado. Seja em jogos, culinária, escritórios, eletrônica ou serviços, o tabuleiro é uma ferramenta essencial que facilita a organização, o transporte e a execução de diversas atividades. Para nosso jogo e brincadeira optamos por um tabuleiro sem caminho e no formato hexagonal de uma proporção de 40cm, criado a partis das imagens resultantes das colagens feitos pelo pesquisador.

Um dado de seis faces

Um dado é um pequeno objeto geralmente cúbico com faces numeradas, utilizado em vários jogos de tabuleiro. Cada uma das seis faces de um dado tradicional tem um número de pontos. Dados podem ser feitos de diversos materiais, incluindo plástico, madeira, metal e osso. Usado para determinar a movimentação de peças, a resolução de eventos ou a tomada de decisões em jogos como Banco Imobiliário, RPGs, e muitos outros. Nosso dado será de 3x3cm com as faces representativas das cores dos mundos de cada emoção. E foi impresso em Filamento PLA.

Seis peões

Os peões são um componente vital em muitos jogos de tabuleiro, e sua criação exige uma combinação de estética, funcionalidade e durabilidade. Garantindo que as peças sejam identificáveis, manuseáveis e atraentes. Decidimos que seriam seis peões, três de cada gênero e foram ilustrados pelas crianças.

Doze moedas de monstros

A partir dos desenhos das crianças, selecionamos seis monstros e desenvolvemos apenas o contorno dos desenhos sem expressão facial, com a finalidade da intervenção das crianças ao brincarem ou jogarem.



Vinte e cinco cartas

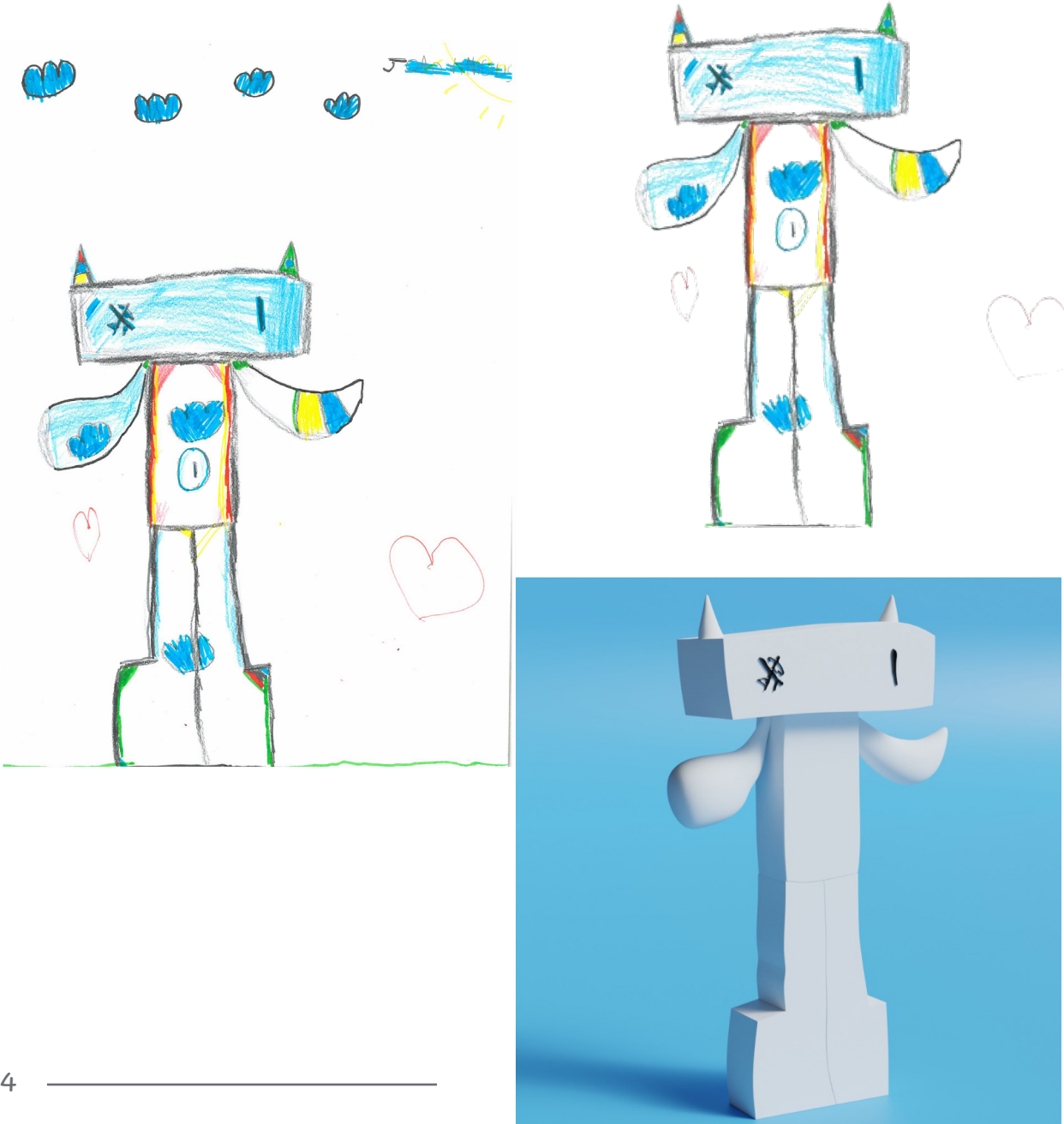
Desenvolvimentos cinco cartas para cada emoção com situações que remete o pensamento e a conversa sobre a situação.

Seis lápis de cores

Para possibilitar a intervenção no mascote e nas moedas dos monstros decidimos por selecionar e disponibilizar seis lápis de cores, nas respectivas cores das emoções.

Um mascote

É uma personagem que representa uma marca, equipe, organização, evento ou causa. O mascote serve para criar uma conexão emocional com o público, promover a identidade da entidade que representa e muitas vezes é usado para entretenimento e engajamento. Aqui estão algumas características e usos de mascotes. A partir de um desenho de uma das crianças criamos o “Digo” que foi modelado e impresso em 3D em material que





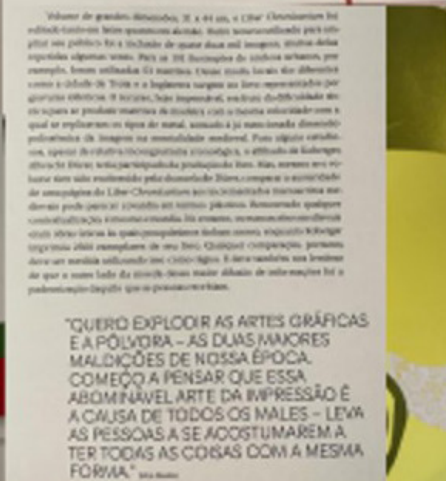
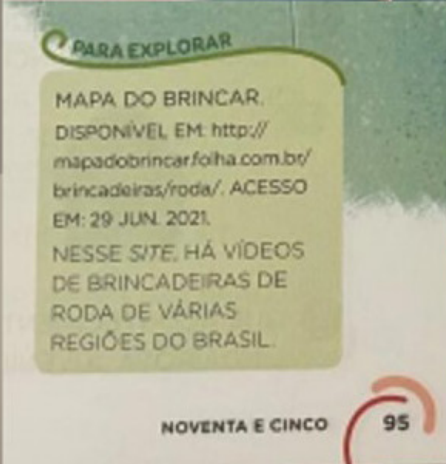
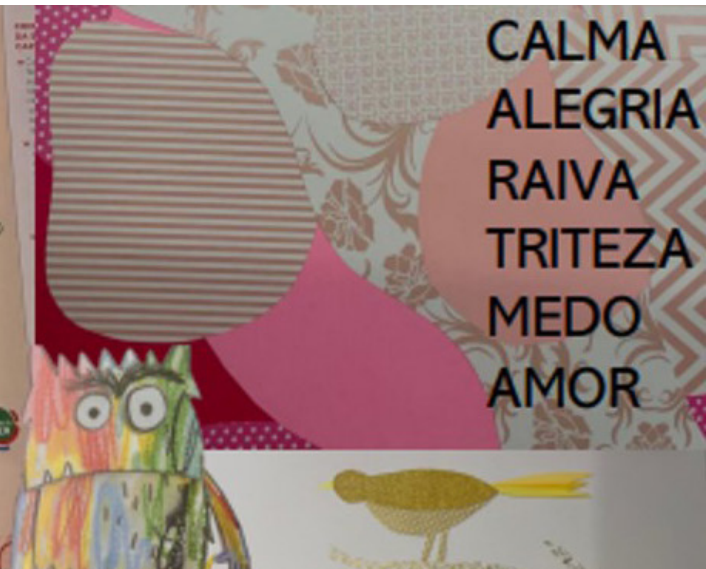
Produção das histórias que serão conteúdos dos livros

A partir da observação das interações das crianças em sala de aula e ao percebermos a relação das emoções, incluindo conflitos estabelecidos entre crianças e entre crianças e adultos, desenvolvemos algumas escritas no diário de campo. Nessas anotações, foi possível desenvolver o conteúdo necessário para criar duas histórias infantis, uma destinada a um jogo e outra a uma brincadeira, visto que ambas se articulam com a história e a atividade a ser desenvolvida. As observações realizadas proporcionaram insights valiosos sobre as dinâmicas emocionais e sociais das crianças durante suas interações na sala de aula. A partir dessas informações, elaboramos narrativas que não apenas entreteriam, mas também educariam e promoveriam o desenvolvimento emocional e cognitivo dos pequenos participantes.

possa ser pintado com lápis de cor ou giz de cera.

Escrita das regras para o Jogo e para a Brincadeira

Foram estabelecidas as regras tanto para o jogo quanto para a brincadeira, cada um com seus respectivos objetivos, número de participantes, materiais necessários, regras específicas e metas claras para nortear as atividades desenvolvidas entre as crianças. As regras foram criadas com o intuito de proporcionar uma estrutura para as interações das crianças, promovendo um ambiente de diversão, aprendizado e cooperação. Cada jogo e brincadeira foi cuidadosamente planejado para garantir que fossem adequados ao desenvolvimento cognitivo e emocional dos participantes, incentivando habilidades como trabalho em equi-



pe, resolução de problemas e expressão criativa.

Preparação de layouts/processo editorial

O processo editorial e de preparação de layouts é fundamental para garantir a qualidade, consistência e eficácia do conteúdo produzido. Desde o planejamento inicial até a distribuição e análise de resultados, cada etapa requer atenção cuidadosa e colaboração entre equipes para alcançar os objetivos estabelecidos.

Produção das colagens para composição dos livros

Utilizamos a técnica de colagem como uma forma de expressão artística que implica na composição de imagens, texturas e elementos diversos sobre uma superfície, com o intuito de criar uma obra de arte. No processo de criação das colagens, optamos por não realizar previsões prévias dos desenhos, buscando permitir que o processo fosse guiado pela intuição e criatividade. Produzimos três pranchas para cada cor, sendo uma delas composta por texturas e as outras duas por imagens. A seleção das cores foi baseada em uma paleta de intensidade cromática previamente avaliada.

Para a execução das colagens, utilizamos papel, tesoura e cola. As etapas do processo foram as seguintes:

Seleção de Materiais: Seleccionamos uma variedade de materiais, incluindo revistas, papéis coloridos, tecidos e outros itens como texturas interessantes.

Organização por Cor: Dividimos os materiais em



três grupos, de acordo com a cor predominante, criando uma prancha para cada uma delas.

Criação das Pranchas: Na primeira prancha, enfocamos em texturas, selecionando materiais como papéis amassados, tecidos e outros elementos que proporcionassem uma variedade de texturas táteis e visuais. Nas outras duas pranchas, colamos imagens encontradas nas revistas e outros materiais, mantendo a temática da cor selecionada.

Composição das Colagens: Utilizamos a técnica de sobreposição e montagem dos materiais sobre uma superfície plana, criando composições visualmente interessantes e equilibradas.

Finalização e Acabamento: Verificamos se todos os





elementos estavam firmemente colados e fizemos os ajustes necessários.

Apresentação e Avaliação: Após a conclusão, as colagens foram apresentadas e avaliadas, destacando as técnicas utilizadas, a criatividade e a expressão artística.

Essa abordagem permitiu uma exploração livre e criativa da técnica de colagem, resultando em obras de arte únicas e expressivas.



Para acessar o vídeo das colagens

Diagramação

A diagramação desempenha um papel fundamental na apresentação visual de conteúdo, garantindo que a informação seja comunicada de forma clara, atrativa e eficaz. Ao seguir um processo cuidadoso e utilizando ferramentas adequadas, é possível criar layouts visualmente impactantes e funcionais em uma variedade de mídias impressas e digitais. Para cada elemento que compõe nosso livro experimental/objeto foi pensado uma diagramação específica.

Tipografia

A tipografia Mali é um estilo de fonte que se destaca por sua elegância e legibilidade. Caracteriza-se por linhas finas e curvas suaves, conferindo-lhe um aspecto moderno e sofisticado. Características Principais:

Estilo Elegante: A tipografia Mali possui um estilo elegante e contemporâneo, com formas de letras refinadas e fluídas.

Linhas Finas: As linhas das letras são finas e delicadas, o que confere uma aparência leve e arejada à fonte.

Curvas Suaves: As curvas são suaves e bem trabalhadas, proporcionando uma sensação de suavidade e harmonia.





Para a capa foi criada uma tipografia.

Como tipografia principal do projeto, temos as Monstrengo. Tipografia criada especialmente para o projeto, com detalhes góticos que passa a sensação de que as letras foram recortadas uma por uma. É importante salientar que a tipografia em questão, deve ser usada em títulos especiais, como na capa do livro, já que a tipografia não possui uma legibilidade considerável para o uso em textos pequenos.



Paleta Cromática

É essencial para o sucesso de um projeto de design, ajudando a transmitir a mensagem desejada e criar uma identidade visual marcante e coesa. Ao seguir um processo estruturado e considerar cuidadosamente cada cor selecionada, é possível criar projetos visualmente impactantes e eficazes. Nossa paleta se refere em seis cores, sendo elas: amarela, azul, roxo, verde, rosa e vermelho independente da variação.





PRODUTO FINAL





Livro Infantil - A Escola Colorida





Livro Infantil - Brincando com Cores e Emoções





Cartas da Emoção Amor para o Jogo



Cartas da Emoção Alegria para o Jogo

Cores que falam . 172

Cores que falam . 173





Cartas da Emoção Medo para o Jogo



Cartas da Emoção Calma para o Jogo



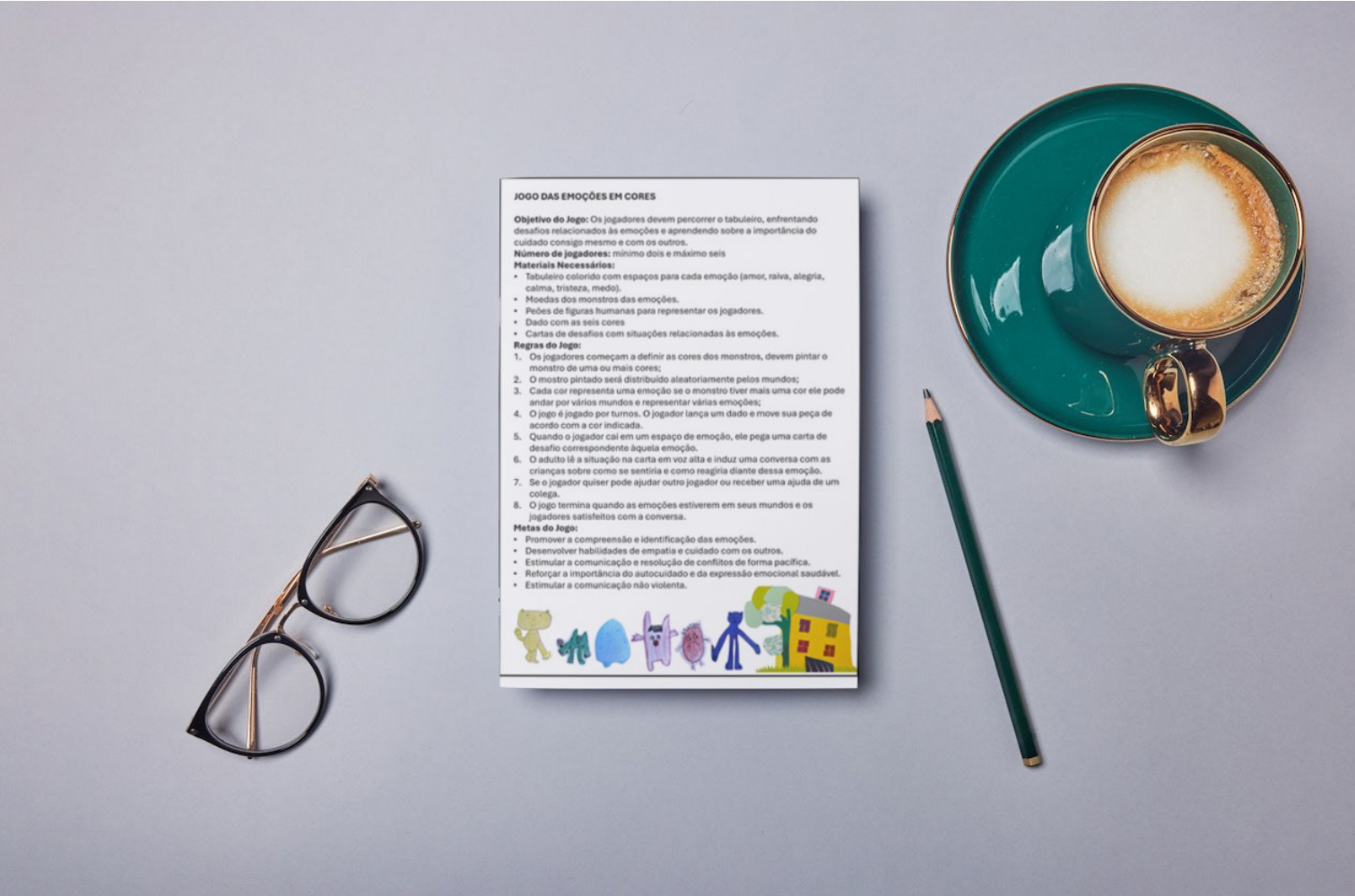
Cartas da Emoção Medo para o Jogo



Cartas da Emoção Raiva para o Jogo



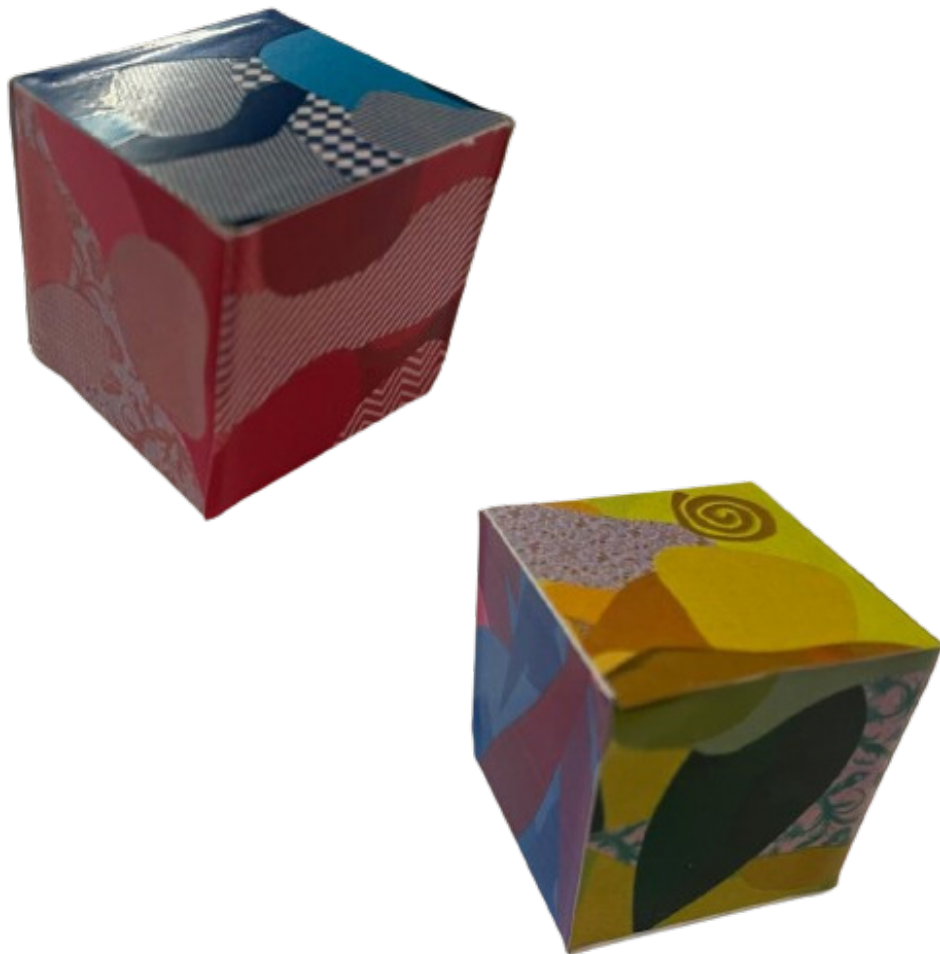
Regras para o Jogo



Possíves Regras para a Brincadeira



Dado para o Jogo e Brincadeira



Cores que falam . 180

Tabuleiro para o Jogo e Brincadeira



Cores que falam . 181



Mascote

_____ Cores que falam . 182 _____

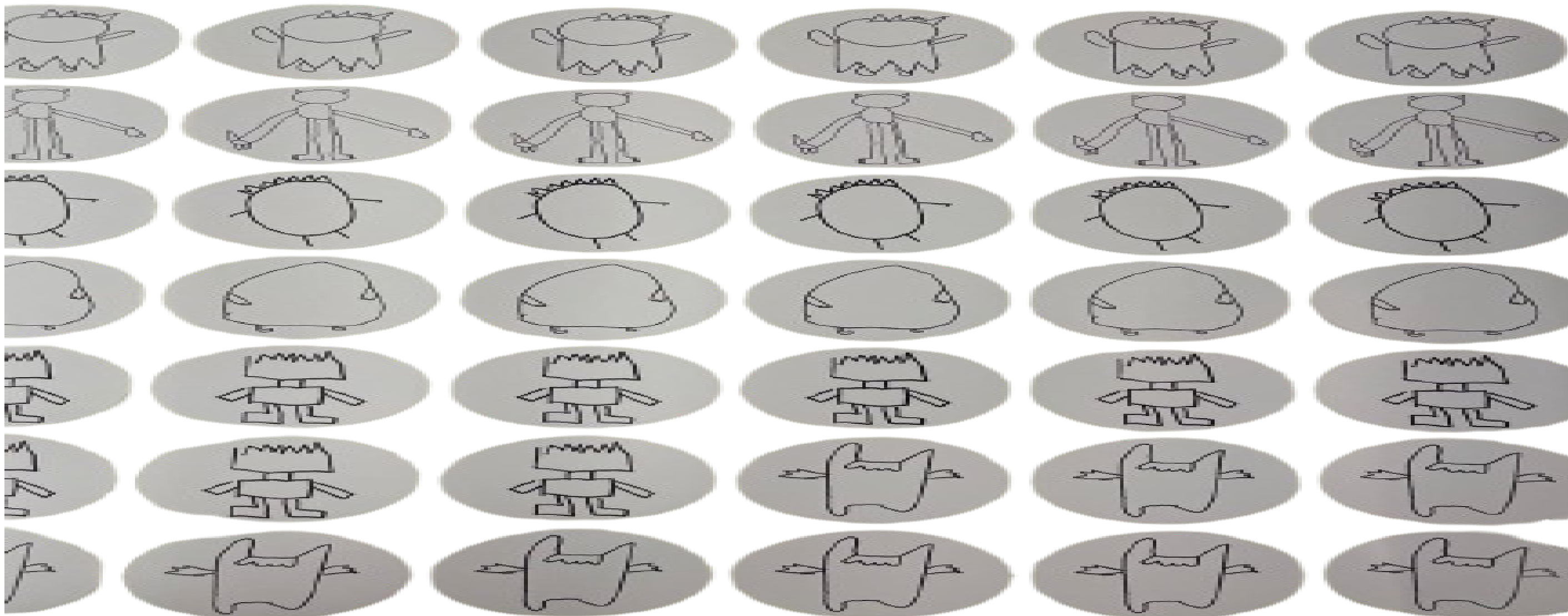


_____ Cores que falam . 183 _____





Peões para o Jogo e Brincadeira



Moedas de Monstros para o Jogo e Brincadeira





Embalagem



Cores que falam . 188



Cores que falam . 189





**CONSIDERAÇÕES
FINAIS**





A pesquisa buscou investigar como o uso de livros experimentais/objetos como abordagem metodológica de design (elaboração - criação - utilização) pode contribuir para o processo de alfabetização, com foco no cuidado das emoções das crianças na idade escolar, e avaliar como essa abordagem influencia a formação de professores que a implementam.

Para isso, teve como objetivos específicos: avaliar como diferentes formatos e elementos de livros — didáticos, literários e experimentais/objetos - facilitam o processo de alfabetização das crianças de seis anos; investigar de que maneira os livros que abordam emoções e utilizam núcleos associados a essas emoções ajudam as crianças a compreenderem e expressar suas emoções; e coletar dados por meio de observação e entrevistas com professores para entender suas percepções sobre a utilidade e impacto dos livros experimentais/objetos no processo de alfabetização e na compreensão das emoções.

Nossa pesquisa foi desenvolvida buscando articular metodologias qualitativas, cruzando diferentes instrumentos e etapas, sendo elas: Pesquisa Bibliográfica; Entrevistas; Observação; e Diário de campo.

Os resultados desta pesquisa indicam que os livros experimentais/objetos são uma ferramenta eficaz no processo de alfabetização de crianças em idade escolar, promovendo não apenas o aprendizado de habilidades de leitura e escrita, mas também o desenvolvimento emocional. Ob-



servou-se que livros com formatos variados e elementos interativos capturam mais a atenção das crianças, tornando o processo de aprendizado mais envolvente. As crianças mostraram maior interesse e motivação para aprender quando interagem com materiais didáticos que ofereciam uma experiência sensorial rica e interativa.

Além disso, a pesquisa revelou que livros que abordam o tema das emoções e utilizam narrativas que refletem as experiências emocionais das crianças ajudam-nas a reconhecer e expressar suas próprias emoções. Isso promoveu a empatia e a compreensão entre as crianças, melhorando suas habilidades sociais. Essa abordagem enriqueceu a prática docente, beneficiando tanto os professores quanto os alunos.

A pesquisa recomenda a inclusão formal de livros experimentais/objetos no currículo da educação básica, promovendo uma abordagem mais holística da alfabetização que inclua o desenvolvimento emocional. Além disso, sugere-se a implementação de programas de formação e para professores sobre o uso de livros experimentais/objetos.

Recomenda-se a continuidade das pesquisas para explorar novas formas e formatos de livros experimentais, bem como para avaliar seu impacto a longo prazo no desenvolvimento acadêmico e emocional das crianças.



REFERÊNCIAS





ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ARAÚJO, Laura Filomena Santos de; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen; MUSQUIM, Cleiciene dos Anjos; BELLATO, Roseney; LUCIETTO, Grasielle Cristina. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR: 9241-11: **Requisitos Ergonômicos para Trabalho de Escritórios com Computadores:** parte 11 — orientações sobre Usabilidade. Rio de Janeiro, 2002.

BAER, Lorenzo. **Produção Gráfica.** 6. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

BAPTISTA, D. M. Internet e livro: uma falsa dicotomia. **Revista IberoAmericana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 40-52, ago./dez.2011.

BARBOSA, I. G. **A Educação Infantil:** perspectiva histórica, lutas e necessidades. Goiânia: FE/UFG, 2003.

BARBOSA, I. G. **Cultura, aprendizagem e formação de conceitos na escola:** discutindo uma versão sócio-histórico-dialética. Brasília: Primeira Conferência Nacional de Educação, Cultura e Desporto, nov., 2006.

BRASIL. LEI Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com**

Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União de 07/07/2015, pág. nº 2.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o Básico-Bé-Bi-Bó-Bu.** São Paulo: Editora Scipione, 1996.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Sob nova direção:** o PNLD e seus desafios frente aos contextos político-educativos emergentes. Revista História Hoje, v. 7, nº 14, p. 21-40 - 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Arte de fazer. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas:** sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia:** introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1987.

DEWEY, J. **Democracia e educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1979.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRA, Rita de Cássio Cunha. **A comissão nacional do livro didático durante o estado novo**



(1937 - 1945). Dissertação de Mestrado (Faculdade de Ciências e Letras de Assis) Universidade Estadual Paulista, 2008.

FISCHER, S. R. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**: Experiências, Reflexões e Aprendizados. 7. Ed. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história**: livro didático e ensino no Brasil. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

GOIÂNIA. **Projeto Político Pedagógico**: Escola Municipal de Tempo Integral Presidente Dutra. Goiânia, 2023.

GOMES, E. C. **A escrita na história da humanidade. Dialógica**, Manaus, v. 1, n. 3, 2007.

HISTÓRIA da prensa de impressão industrial. Disponível em: <https://www.mecanicaindustrial.com.br/187-historia-da-prensa-de-impressao-industrial/>. Acesso em: 22 ago. 2023

HURLBURT, Allen, **Layout**: o design da página impressa. São Paulo: Nobel, 2002.

INVENÇÃO da Imprensa. Disponível em: <https://>

www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/invencao-imprensa.htm. Acesso em: 22 ago. 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. 2. Ed. São Paulo: EDUC, 1999.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e de roteiros. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, Bauru, v. 2, p. 10, 2004. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_20_04_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 18 out. 2023.

MARTINS, W. **A palavra escrita**. São Paulo: Anhembi, 1957.

McMURTRIE, D. C. **O Livro**: impressão e fabrico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

MELLO, J. B. **Síntese histórica do livro**. Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

MENDONÇA, Adriana Aparecida. **Impressões**: [manuscrito]: Experimentações com gravura em livros



de artista e fanzines. 2018. 322 f. Tese (Doutorado em Artes e Cultura Visual) — faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

MORTATTI, Maria do Rosário. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalbbr.pdf. Acesso em: 19 set. 2016.

NIELSEN, J. **Usability Engineering**. Boston: Academic Press, 1993.

OLIVEIRA, João Batista Araújo et al. **A política do livro didático**. Campinas: UNICAMP, 1997.

OS HIERÓGLIFOS. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/priscila/hieroglifos.html>. Acesso em: 22 ago. 2023

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Edusp, 2010.

PINHEIRO, A. V. Da sacralidade do pergaminho à essência inteligível do papel. In: DOCTORS, Marcio (Org.). **A cultura do papel**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999. p. 65-80.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas In: POUPART, J. et al. **A Pesquisa Qualitativa** — enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2012.

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa: alfabetização**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

RIZZO, Gilda. **Alfabetização Natural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

SOARES, Magda. A reinvenção da Alfabetização. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 9, n. 52, p. 1-21, jul./ago. de 2003.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Livro didático**: do ritual de passagem à ultrapassagem. Em Aberto — O livro didático e qualidade de ensino. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

ULHÔA, J. P. de. **Apontamentos para uma reflexão sobre o conceito de problema e sua aplicação em trabalhos acadêmicos**. (para discussão em sala de aula). Goiânia: UFG, maio de 1998. p. 1-8 (digitalizado).

UMA breve história da escrita. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/#::~:~:text=Tabuletas%20de%20argila,o%20registro%20se%20tornasse%20permanente>. Acesso em: 22 ago. 2023.

WHITE, J. **Edição e Design**: a edição brasileira do clássico Editing by Design. JSN Editora, São Paulo, 2006.



RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante **Rodrigo Fideles Fernandes Mohn** do Curso de **Design**, matrícula **2020.2.0042.0008-8**, telefone: **62 9 9601-7176** e-mail **mohnfideles@gmail.com**, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do Autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Cores que Falam: o uso de livro experimental/objeto no processo de ensino-aprendizagem**, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND), Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicas da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de Graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de junho de 2024.

Assinatura do autor:  **RODRIGO FIDELIS FERNANDES MOHN**
Data: 25/06/2024 07:34:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo do autor: **Rodrigo Fideles Fernandes Mohn**

Assinatura da professora-orientadora:  **ANA PAULA NERES DE SANTANA BANDEIRA**
Data: 26/06/2024 08:58:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome completo da professora-orientadora: **Ana Paula Neres de Santana Bandeira**